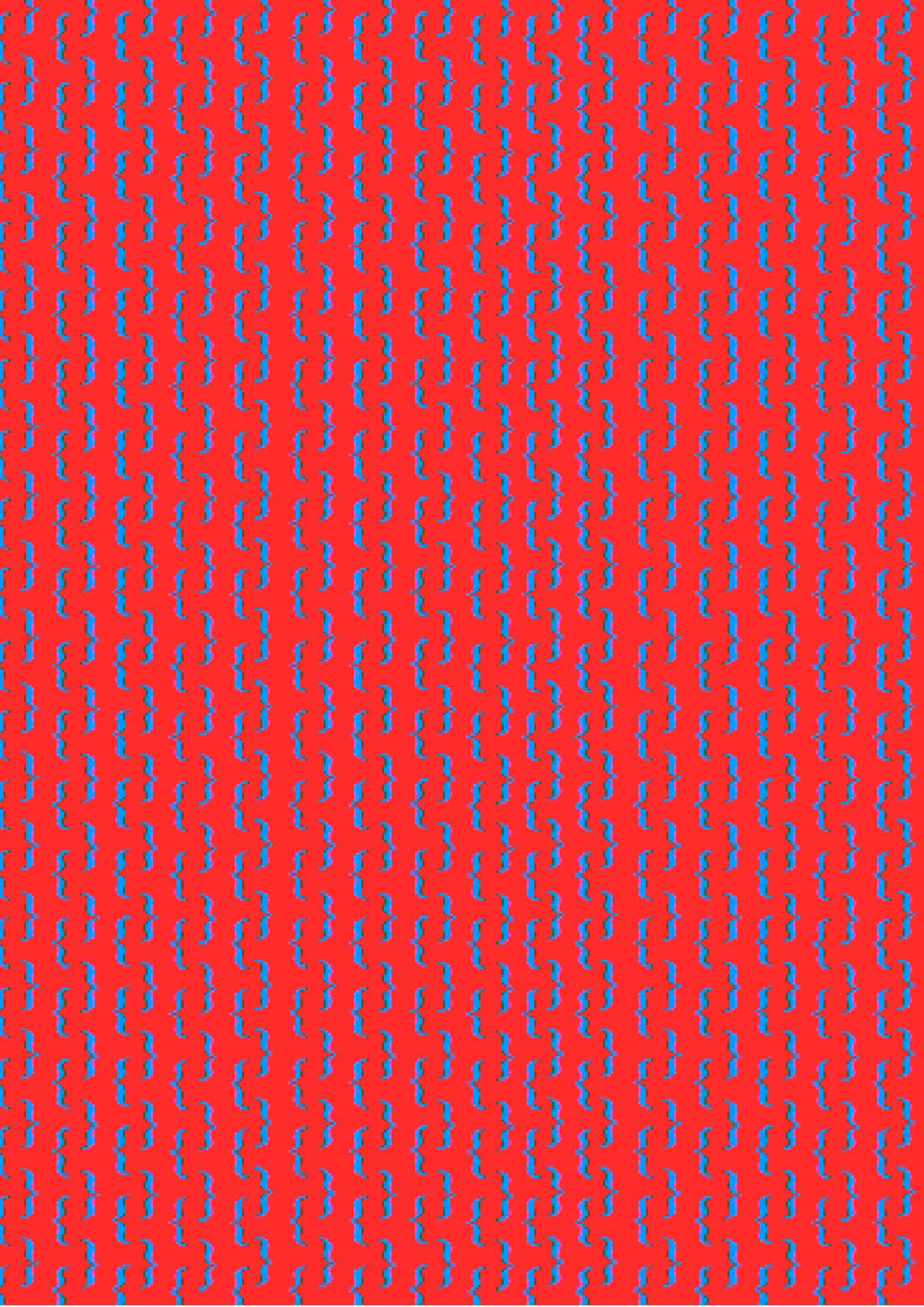




IPHAN

{ Marujada de São Benedito, Pará }





DOSSIÊ IPHAN { Marujada de São Benedito, Pará }

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. Armando Bordallo da Silva. Bragança, PA / UFPA

M389m Marujada de São Benedito, Pará / [Coordenadora: Maria Roseane Corrêa Pinto Lima, Vice-coordenador: Érico Silva Alves Muniz]. Bragança, PA: IPHAN / UFPA, 2022. (Dossiê IPHAN – Marujada de São Benedito). 203 p. : il.

ISBN: 978-65-00-61069-7

1. Festas religiosas – Bragança (PA). 2. Marujada – Bragança (PA). 3. Cultura popular. 4. Religião e cultura. 5. Bragança (PA) -



DOSSIÊ IPHAN { Marujada de São Benedito, Pará }

*A dança envolve muito a gente,
que a dança é muita bonita,
muito gostosa
e eu fui me envolvendo muito
e não tive mais como sair da Marujada.
Até esqueci que aquilo foi como uma
promessa.
Para mim aquilo ficou como se fosse uma
parte de mim.*

José Maria Santiago da Silva, capitão da Marujada,
INRC Marujada. COSTA, Magda. Bragança-PA.

18.09.2019.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE HISTÓRIA

Marujada de São Benedito, Pará

Dossiê de registro elaborado a partir de atividades desenvolvidas no período de agosto de 2018 a junho de 2022 no projeto “Levantamento Preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais da Marujada (INRC Marujada): Marujada de São Benedito em Bragança (PA)”. Desenvolvido pela Faculdade de História do Campus Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará e apresentado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para instrução de processo de registro da Marujada de Bragança como patrimônio cultural imaterial do Brasil, através do Processo nº 01492.000083/2018-42.

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Maria Roseane Corrêa Pinto Lima (FAHIST/CBRAG/UFPA).

Vice-Coodenador: Prof. Dr. Érico Silva Alves Muniz (FAHIST/CBRAG/UFPA).

Bragança, Pará
Dezembro de 2022

(...)
E ao povo bragantino
Nossa recomendação
Cuide bem da Marujada
Pra manter a tradição

(Trecho da música “Marujada no Salão”, de Toni Soares).

Presidente da República
Jair Bolsonaro

Ministro do Turismo
Carlos Alberto Gomes de Brito

Secretário Especial de Cultura
Hélio Ferraz de Oliveira

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Larissa Peixoto

Diretores do IPHAN
Arlindo Pires Lopes
Arthur Lázaro Laudano Bregunci
Leonardo Barreto de Oliveira
Roger Alves Vieira
Filipe Rocchetti Girardi

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial
Roger Alves Vieira

Coordenador-Geral de Identificação e Registro
Cassiano Luis Boldori

Coordenador-Geral de Promoção e Sustentabilidade
Cristiano Araújo Borges

Coordenador de Registro
Renato Rasera

Coordenadora de Identificação
Leidiane Ribeiro da Silva

Coordenador de Apoio a Bens Registrados
Rafael Klein

Endereço do Iphan – DPI
SEP/Sul - Quadra 713/913 - Bloco D -
Edifício Iphan - 5º andar – Brasília,
Distrito Federal

E-mail DPI
dpi@iphan.gov.br

Endereço do CNCP
Rua do Catete, 179 e 181, Catete –
Rio de Janeiro

E-mail CNCP
cncp@iphan.gov.br



Este dossiê foi produzido como parte integrante do processo de Registro no IPHAN da Marujada de São Benedito (PA)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor

Emmanuel Zagury Tourinho

Coordenador do Campus de Bragança

Francisco Pereira de Oliveira

Coordenadora do Projeto

Maria Roseane Corrêa Pinto Lima –
Historiadora

Vice-coordenador do Projeto

Érico Silva Alves Muniz – Historiador

Pesquisadores/Autores dos Textos

Dário Benedito Rodrigues Nonato da
Silva – Historiador

Érico Silva Alves Muniz – Historiador

Magda Nazaré Pereira da Costa –
Historiadora

Marciléia Wanzeler de Souza

Vasconcelos – Historiadora

Maria Roseane Corrêa Pinto Lima –
Historiadora

Vanderlúcia da Silva Ponte –
Antropóloga

Estagiários

Benedito Emílio da Silva Ribeiro

Eluane Brito Nascimento

Maria Natália Silva de Aviz

Naelly Bianca Alves de Góes

Wesley David Silva do Nascimento

Ádrio Acássio Silva Quadros

Bruno Emanuel Moraes Ferreira

Voluntários

Khelmeson Stelly Farias Pereira

Edson Gabriel dos Santos Dias

Fiscal do Projeto

Bruno Hilário da Silveira Alves

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Superintendente do IPHAN no Pará

Rebeca Ferreira Ribeiro

Técnicos Supervisores

Ana Lima Kallás – Historiadora

Cyro Holando de Almeida Lins –
Antropólogo

FUNDAÇÃO DE AMPARO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Gerente do Projeto

Gracy Rocha

Colaboradores Externos

Pedro Tobias de Almeida Neto -
Fotografias

Sandreson Marcelo Pereira da Silva -
Filmagens e produção dos filmes

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às instituições envolvidas nesse processo de registro: IPHAN, UFPA e FADESP. À Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, por toda a colaboração no processo de identificação e registro da Marujada. À Diocese de Bragança do Pará, à Prefeitura Municipal de Bragança, ao Arquivo do Fórum da Comarca de Bragança, ao Arquivo Público do Estado do Pará e ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará pelo acesso a importantes registros sobre Bragança, sobre a Irmandade e sobre a festa de São Benedito e sua Marujada. Às marujas e marujos, aos esmoleiros, promesseiros, músicos e artesãos, associações culturais, que vivem e fazem as Marujadas em Bragança e nos municípios de Quatipuru, Augusto Corrêa, Primavera, Tracuateua, Capanema e Ananindeua, por toda colaboração, pelos momentos emocionantes que vivemos em suas companhias e por todo aprendizado sobre a cultura na Amazônia.

APRESENTAÇÃO

[Presidente do IPHAN]

SUMÁRIO

SUMÁRIO	2
1. INTRODUÇÃO	15
2. IDENTIFICAÇÃO	20
2.1 Marujada de Bragança: o sítio inventariado	20
2.1.1. Marujadas na Região Bragantina	27
2.1.2. Marujada de São Benedito de Bragança	32
2.2. Principais Participantes da Marujada	41
2.2.1. Marujas e Marujos	41
2.2.2. Capitoa, Vice-capitoa, Capitão e Vice-capitão	42
2.2.3. Juiz e Juíza	47
2.2.4. Esmoleiros ou foliões	48
2.2.5. Promesseiros e Promesseiras	48
2.3. O Lugar Da Celebração	49
2.3.1. Largo de São Benedito	50
2.3.2. Igreja de São Benedito	50
2.3.3. Teatro Museu da Marujada	51
2.3.4. Barracão da Marujada	54
2.3.5. Salão Beneditino	55
2.4. Tempos da Marujada	56
2.4.1. Marujada de São Benedito de Bragança: origens, motivos, sentidos e transformações ao longo do tempo	59
2.4.2. Programação da Festividade	68
2.5. Abrindo a Festividade com o Mastro de São Benedito e a Alvorada	70
2.6. O Dia 26 de dezembro em Bragança: São Benedito e sua Marujada	75
2.6.1. Procissão Solene	81
2.7. São Benedito, Santo Preto, Santo das Rosas	90

2.7.1. As imagens do Santo do altar, do andor e das esmolações	90
2.7.6. Homenagens a São Benedito	97
2.8. Dançar a Marujada: Ritmos e Devoção	100
2.8.1. Roda	101
2.8.2. Retumbão	102
2.8.3. Chorado	103
2.8.4. Mazurca	103
2.8.5. Xote	104
2.8.6. Valsa	105
2.8.7. Contradança (Bagre)	105
2.8.8. Arrasta-pé	105
2.8.9. Entre a tradição e o espetáculo	106
2.9. Benedito Cozinheiro, Almoços e Leilão	110
2.9.1. Almoço dos juízes	111
2.9.2. Leilão da Festividade de São Benedito	116
2.10. Esmolações das Comitivas de São Benedito	121
2.10.1. Organização das esmolações a São Benedito	124
2.10.2. Ladainhas e folias	127
2.11. Cavalhada	130
2.12. Cartaz Da Festividade	134
2.13. Levar a Tradição nas Roupas e Adereços	143
2.13.1. Indumentária da maruja e do marujo	143
2.13.2. Chapéu da Maruja	148
2.14. Os Sons da Festa	151
2.14.1. Músicas	151
2.15. Instrumentos Musicais	157
2.15.1. Nas danças da Marujada	157

2.15.2. Nas esmolações	160
2.16. Estandartes e Bandeiras de São Benedito	163
3. A MARUJADA COMO OBJETO DE REGISTRO	165
4. RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA	171
5. REFERÊNCIAS	182
6. ANEXOS	196
7. NOTAS	204

1. INTRODUÇÃO

Marujada é uma manifestação cultural que se expressa em festividade para santo e marca comunidades do estado do Pará, no nordeste paraense, mais precisamente na região bragantina, envolvendo ritos religiosos e sociais do catolicismo popular e danças próprias, aliando religiosidade, divertimentos e sociabilidade.

A Marujada é sobretudo uma forma de celebração a São Benedito. Anualmente, a Festividade do Glorioso São Benedito e sua Marujada ocorrem na cidade de Bragança, no município de mesmo nome, e vem atraindo um público cada vez maior. Há, também, Marujadas em outros municípios da microrregião bragantina, como Quatipuru, Tracuateua, Augusto Corrêa, Primavera e Capanema, e, na microrregião de Belém, no município de Ananindeua.

De forma geral, tem danças e rezas, comida farta e servida de graça, marujas e marujos com suas roupas nas cores vermelha ou azul, dependendo do dia em que se apresentam. Suas origens são antigas, de celebração e devoção a santos populares, como São Benedito, o Santo Preto, com divertimentos e ritos tradicionais em que as pessoas se reúnem, nas casas, em barracões, ruas e igrejas. Na região bragantina, em cidades como Tracuateua e Capanema, a Marujada passou a celebrar outro santo, São Sebastião, que é o padroeiro destes lugares.

O sítio definido para este inventário foi o município de Bragança, onde a Marujada reúne todos os anos milhares de pessoas na celebração a São Benedito, entre os dias 18 e 26 de dezembro e se liga às práticas devocionais e divertimentos cujas origens se encontram no século XVIII e no presente continuam a mobilizar as pessoas e dinamizar a cultura regional em torno das atividades nas quais fazem parte a Igreja Católica no município e a Irmandade da Marujada do Glorioso São Benedito de Bragança.

A Irmandade da Marujada é uma entidade civil sem fins lucrativos, que surgiu após a dissolução da Irmandade do Glorioso São Benedito. Esta foi criada pelos negros escravizados e libertos, constituindo-se como uma entidade religiosa em 1798, porém se transformou no século XX em sociedade civil, tendo à frente pessoas leigas e que não compunham a estrutura da igreja. Por esta razão, houve longa disputa

judicial sobre a Irmandade e seus bens, da qual saiu vencedora a Diocese de Bragança.

Atualmente, a Irmandade da Marujada e a Diocese colaboram para a realização anual da Festividade de São Benedito e da Marujada, cada qual se responsabilizando pelos ritos e práticas de suas respectivas esferas de atuação. O poder público municipal também participa desta festividade, sobretudo viabilizando a infraestrutura e logística de segurança e transporte nos dias dos eventos.

O dossiê de registro da Marujada no Pará foi produzido a partir da pesquisa realizada entre agosto de 2018 e julho de 2022, no projeto intitulado “Levantamento Preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais da Marujada: Marujada de São Benedito em Bragança (PA)”, que foi desenvolvido sob coordenação da Faculdade de História do Campus de Bragança da Universidade Federal do Pará (FAHIST/CBRAG/UFPA).

Tal projeto resultou no relatório “Inventário Nacional de Referências Culturais da Marujada (INRC Marujada – Região Bragantina, Pará, Amazônia), apresentado em dezembro de 2021 ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de acordo com a metodologia pré-estabelecida por esta instituição. Assim, identificamos a Marujada e os diversos elementos e ritos que a compõem como uma celebração que marca a vida, a memória e a identidade dos grupos sociais aos quais se vincula.

As ideias expressas neste inventário se inserem teoricamente no campo da História Social e as contribuições dos estudos culturais.¹ Buscamos, ao longo do processo de pesquisa, produzir o registro da Marujada a partir dos sujeitos que fazem e/ou participam da festa, suas práticas e os sentidos que conferem às mesmas. Partimos da ideia de que todas as pessoas realizam as suas escolhas, atuam como sujeitos do seu tempo e controlam como agentes suas vidas e suas expressões culturais.

Assim, ao praticarem essa autonomia, elas interagem de maneira crítica na manutenção das tradições. Isso significa que um fazer cultural considerado tradicional, como a Marujada da região bragantina, é vivo e interage com o tempo presente. As tradições são socialmente “inventadas” e são práticas que representam aspectos da memória coletiva, da manutenção das representações que fazem sentido para as coletividades, mas que não são estagnadas no passado.²

Assim são as manifestações artísticas e culturais tradicionais que representam expressões da cultura brasileira em seus caracteres do sincretismo religioso, da representação de matrizes dos povos originários em interação com tradições europeias e com a potência da cultura afro-brasileira. Ou seja, as tradições são disputadas por distintas instâncias de poder, pela ancestralidade de quem as pratica e pela expressão que possuem no seio de uma comunidade.

Com tal perspectiva foi desenvolvida a pesquisa histórica e etnográfica sobre a Marujada da região bragantina, reunindo elementos para sua caracterização como patrimônio cultural imaterial. Também foram realizados eventos para mobilização de seus detentores e capacitação para elaboração e implementação do inventário, dentre os quais seminários, oficinas e reuniões técnicas. Procedeu-se ao levantamento e identificação de sujeitos, promotores, participantes, ouvintes, estudiosos e instituições ligadas à Marujada de São Benedito em Bragança, Pará, assim como seus elementos constitutivos.

Vale salientar que, durante o processo da pesquisa, o diálogo com a comunidade e detentores da Marujada na região focalizada possibilitou discussões e trocas de conhecimentos sobre essa manifestação cultural e permitiu a realização de atividades que envolveram o interesse pela conservação, preservação e salvaguarda deste patrimônio cultural. Os detentores são as pessoas que no seu viver cotidiano atuam para a realização da Marujada, colaborando para sua atualização e preservação como patrimônio cultural.

Foi a partir do pedido feito pela Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança e de pessoas e instituições da sociedade civil para o IPHAN, através do processo n. 01492.000120/2011-46, datado de 12 de abril de 2011, que foram iniciadas as tratativas para seu processo de identificação. A equipe de técnicos da Superintendência do IPHAN no Pará convidou, orientou e acompanhou o desenvolvimento das atividades deste projeto, o qual teve o seu financiamento possibilitado através de emenda parlamentar do Senador Jader Barbalho.

Posteriormente, uma carta assinada por representantes das Marujadas de Quatipuru, Primavera e Capanema, municípios também situados na região bragantina, trouxe o pedido de inclusão das mesmas no inventário, a partir de uma reunião com o IPHAN, em agosto de 2020. Desta feita, este inventário incorpora observações sobre as Marujadas identificadas na região bragantina – Quatipuru

(Quatipuru e Boa Vista), Primavera, Capanema, Tracuateua (Tracuateua e Vila Fátima) e Augusto Corrêa – e na área metropolitana de Belém (Ananindeua), buscando-se demonstrar pontos de ligação entre elas e sugerir recomendações de salvaguarda.

O sítio inventariado foi o município de Bragança e, na pesquisa sobre as características gerais e específicas da Marujada de São Benedito na região bragantina, primeiramente foi realizado o levantamento bibliográfico sobre o tema geral da investigação, depois a pesquisa histórica e antropológica, com consulta a acervos histórico-documentais, trabalho de campo junto aos detentores e participantes dos eventos da Marujada de Bragança, sobretudo por meio de entrevistas realizadas com os mesmos.

Desse modo, foi produzido um conjunto rico de registros escritos e audiovisuais (fotografias, gravações sonoras, vídeos) decorrentes da pesquisa e das apresentações e reuniões com os detentores deste bem cultural. Produzimos, ainda na vigência do projeto mencionado acima, um filme de curta duração, como mostra da manifestação cultural objeto de identificação.

A partir de 2021, teve início o segundo projeto, intitulado “Inventário Nacional de Referências Culturais da Marujada de São Benedito em Bragança (PA) - Etapa audiovisual”, para a produção de dois filmes, um curta e um longa-metragem, conforme orientações do IPHAN. Também realizamos pesquisa sobre as Marujadas dos demais municípios já mencionados, com gravações de entrevistas com os detentores dessas Marujadas, sendo parte desse material utilizado na produção fílmica aqui mencionada e neste dossiê de registro.

Outro produto resultante das pesquisas foi o material didático produzido em formato de cartilha para conhecimento e divulgação da Marujada de São Benedito de Bragança (PA), voltado para o público da educação básica. Esta cartilha contém desenhos produzidos por crianças durante oficina realizada em julho de 2022.

Nos dois projetos mencionados, a equipe foi formada por cinco pesquisadoras e pesquisadores da Faculdade de História (FAHIST) e discentes do Curso de História da FAHIST, vinculados ao Laboratório de História e Patrimônio Cultural na Amazônia (LABHIST) e ao Grupo de Estudos e Pesquisas Interculturais Pará-Maranhão (GEIPAM). A coordenação foi da Prof.^a Dr.^a Maria Roseane Corrêa Pinto Lima e do Prof. Dr. Érico Silva Alves Muniz.

A realização da pesquisa e a elaboração dos produtos vêm sendo acompanhadas pelos técnicos da Superintendência do IPHAN no Pará, a historiadora Ana Lima Kallás e o antropólogo Cyro Holando de Almeida Lins, com base na metodologia do INRC, a partir da qual buscamos produzir registros escritos e audiovisuais da Marujada, para identificação e documentação das práticas culturais e a mobilização dos grupos sociais nela envolvidos.

Os capítulos que se seguem farão a identificação da Marujada como objeto de registro, desde a caracterização do sítio inventariado, os seus principais participantes, lugares dos eventos, a história, as mudanças ao longo do tempo, os ritos, as danças, as músicas, os instrumentos, as imagens e outros objetos rituais, buscando-se ressaltar os sentidos e significados atribuídos pelos detentores e participantes da Marujada. Posteriormente, apresentaremos as justificativas para o reconhecimento da Marujada como patrimônio cultural imaterial do Brasil e, ainda, elencaremos as ações de salvaguarda identificadas a partir das conversas e articulações com os detentores.

Produzimos o conjunto desses materiais em conformidade com as exigências estabelecidas pelo IPHAN para o encaminhamento do processo de reconhecimento e registro, mas também para, com ele, promover a maior divulgação dessa manifestação cultural, ressaltando sua importância e a das pessoas que a fazem e garantem a sua continuidade, bem como sensibilizando o público para sua salvaguarda como patrimônio do nosso país.

2. IDENTIFICAÇÃO

2.1 MARUJADA DE BRAGANÇA: O SÍTIO INVENTARIADO

Este inventário trata da Marujada no Pará, focalizando a Marujada de São Benedito de Bragança, a qual recebe outras denominações como Festividade do Glorioso São Benedito de Bragança, Marujada de Bragança, ou simplesmente Marujada.

Entrecortado pelo rio Caeté, que deságua no oceano Atlântico, Bragança é um município do estado do Pará, localizado na mesorregião nordeste paraense e na microrregião bragantina (IBGE, 2020), sendo esta última formada por 13 municípios: Bragança, Capanema, Augusto Corrêa, Igarapé-Açu, Tracuateua, Santa Maria do Pará, Bonito, São Francisco do Pará, Nova Timboteua, Quatipuru, Primavera, Peixe-Boi e Santarém Novo.

Aldeia, povoação, freguesia, capitania, vila, cidade, assim Bragança foi se constituindo na história da Amazônia, como ponto de ligação de uma extensa área entre o rio Gurupi e o rio Guamá, nas rotas pela costa marítima, pelos rios ou pelas estradas ligando São Luís a Belém. Frequentemente ela é lembrada como a “Pérola do Caeté”, apelido que se tornou uma forma de identificar a cidade no século XX, constante nos escritos de literatos, poetas e folcloristas em variadas publicações. É conhecida também como a terra da Marujada, da melhor farinha de mandioca e destacada por sua intensa atividade pesqueira. Mas há também grande atividade agropecuária e extrativismo de caranguejo.

A região bragantina é, portanto, uma área que ultrapassa os limites do que hoje é a cidade de Bragança. A dinâmica histórica de sua formação no nordeste paraense incluiu processos de encontros, negociações e conflitos entre as populações originárias e agentes da colonização impulsionada entre os séculos XVII e XVIII, que introduziram ali outros povos da África como escravizados. De tais processos resultam uma formação populacional que inclui povos indígenas, europeus e africanos (TAVARES, 2008). Seguiu-se uma fase de crescimento dos investimentos em núcleos de povoações e vias de circulação no século XIX, que se vinculam às dinâmicas econômicas e populacionais do período (RIBEIRO, 2015: 5910).

Com o *boom* gomífero na Amazônia, houve maior integração da região bragantina à economia estadual e intensa migração de nordestinos, com os quais se ligam os efeitos da navegação a vapor e da construção da Estrada de Ferro de Bragança que, junto com a criação da estrada de rodagem Belém/Maranhão, fizeram com que Bragança se tornasse mais urbanizada e ainda mais importante como ponto de ligação entre a capital do Pará e o Maranhão (MAUÉS, 1967; ROSÁRIO, 2000). Nesse período, núcleos coloniais foram constituídos para instalação de colonos estrangeiros, como o Núcleo Benjamin Constant, cuja criação foi autorizada em 1894, recebendo imigrantes espanhóis (OLIVEIRA, 2008: 5).

Entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, houve o processo de crescimento populacional e urbano em Bragança, acompanhado de redefinições em seu território. Se quando ainda era uma vila, sua abrangência incluía o que hoje são os municípios de Bragança, Quatipuru, Turiaçu, Viseu e o baixo Caeté, com o passar do tempo foi diminuindo. Desmembramentos de partes de seu território resultaram em novos municípios, como o de Quatipuru, depois Capanema e, já em meados do século XX, Urumajó (que se tornou Augusto Corrêa) e Primavera (surgida por desmembramento de Capanema), depois Santa Luzia do Pará e Tracuateua, já na década de 90 (RIBEIRO, 2018).

Tais dinâmicas também se devem aos processos que se seguiram entre as décadas de 60 e 90, que foram marcadas pela expansão das rodovias e extinção da Estrada de Ferro (ROSÁRIO, 2000), mas também pela composição de uma rede urbana no nordeste paraense em que a influência de Bragança passou a ser dividida com Capanema e Castanhal. Há que se destacar ainda que ambos intensificaram suas interações com a área metropolitana (Belém e Ananindeua), com fluxo constante de seus moradores, sobretudo por motivo de trabalho (RIBEIRO, 2015: 5918).

Esses lugares e populações se ligam por processos socioeconômicos e culturais no passado, mas também no presente, o que permite que se entendam os pontos de ligação dessa forma de celebrar São Benedito através da Marujada. Marujadas para o Santo Preto existem em Bragança e nos municípios que se ligam historicamente e culturalmente com ela: Quatipuru, Augusto Corrêa, Primavera, Tracuateua, Capanema e também Ananindeua, cuja formação se liga diretamente à Marujada de Bragança. Em Capanema e Tracuateua, as marujadas celebram ainda outro santo católico, São Sebastião.

Para este inventário, a equipe do projeto definiu como sítio o município de Bragança, que atualmente abrange uma área de 2.124,734 km² (IBGE, 2021) e, dentro da rede urbana do nordeste paraense, tem como área de influência os municípios de Tracuateua, Augusto Corrêa e Viseu. Além da cidade de Bragança, o município é ainda constituído por mais 5 distritos: Almoço, Caratateua, Nova Mocajuba, Tijoca e Vila do Treme. Os bairros da cidade são: Aldeia, Alegre, Alto Paraíso, Bacuriteua, Centro, Cereja, Jiquiri, Morro, Padre Luiz, Perpétuo Socorro, Riozinho, Samaumapara, Alto Paraíso, Taíra, Vila Nova, Vila Sinhá e Percilândia.

Quem chega à cidade de Bragança pelo rio, depara-se com o principal cartão postal do lugar, onde se misturam embarcações oriundas de igarapés, rios e oceano, a bela orla com suas palmeiras imperiais e pessoas da área urbana e rural, em meio ao casario com funções residenciais e comerciais, e a imponente Igreja de São Benedito (Figura 1). E se essa chegada no lugar se der no mês de dezembro, provavelmente o visitante vai perceber uma movimentação a mais de pessoas, marujas e marujos com seus trajes azuis ou vermelhos, caminhadas com folias e toques de tambores e onças, ou o chorar da rabeca, além do espocar de foguetes em homenagem ao Santo Preto.



Figura 1 – Travessia de São Benedito da Praia no 8 de dezembro em Bragança. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

Percorrendo Bragança e os municípios adjacentes, é notável a diversidade de sua paisagem natural, que inclui, para além da área urbana, campos alagados ao norte do território (Campos de Baixo), as colônias mais ao sul, com destaque às regiões agrícolas constituídas no início do século XX e as divisões da Rodovia Dom Eliseu ou Rodovia Montenegro.

Há também localidades com rios e igarapés que entrecortam a cidade e o município como um todo, que chamam a atenção dos turistas pelo ecossistema no qual se destacam bosques de terra firme, manguezais, campos alagados, restingas e quilômetros de praias. Além do rio Caeté, a cidade também é entrecortada pelo rio Cereja. A Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu é outro ponto a ressaltar na paisagem natural e meio ambiente, recobrando aproximadamente 20% da área do município (ABDALA; SARAIVA, 2012: 6). Há, ainda, várias ilhas, com destaque para o santuário ecológico que chama a atenção dos turistas, a Ilha do Canela, com o maior ninhal de guarás do mundo.

Bragança tem em sua história rica interação com as comunidades quilombolas e indígenas, interação ainda presente até os dias de hoje. Mais próximo da cidade encontram-se os quilombos do América, Jurussaca, Torres, Cigano, Cebola, Pontinha e Campo Novo. Aliás, a mesorregião do Nordeste Paraense apresenta a maior concentração de quilombos do Pará, mantendo-se próxima também de duas terras Indígenas, a Terra Indígena do Alto Rio Guamá, em Santa Luzia e Capitão Poço e a Terra Indígena (ainda não homologada) de Jeju e Areal, em Santa Maria.

Bragança é localizada à margem esquerda do rio Caeté, tendo como limites ao norte com o oceano Atlântico, ao sul os municípios de Santa Luzia do Pará e Viseu, a leste o município de Augusto Corrêa e a oeste o município de Tracuateua. Fica a 220 quilômetros de distância da capital do Estado.

O acesso rodoviário a Bragança se dá através da BR-316 (de Belém a Capanema) e BR-308 (de Capanema até Bragança). A malha viária é toda asfaltada. Outro acesso é por via marinha/fluvial a partir do oceano Atlântico pelo rio Caeté, Taperaçu e Maniteua (ABDALA; SARAIVA, 2012: 6). Por algum tempo, foi utilizado o meio de transporte aeroviário com pousos e decolagens do Campo de Pousos Santos Dumont, área chamada de Campo de Aviação, que está situado no bairro da Vila Sinhá e não está em funcionamento.

Localização da Marujada no Pará

No Pará, há Marujada nos municípios de Bragança, Quatipuru, Tracuateua, Augusto Corrêa, Primavera e Capanema, além de Ananindeua. Excetuando-se este último, os demais se inserem na Microrregião Bragantina, situada na Mesorregião Nordeste Paraense, segundo divisão adotada pelo IBGE entre 1989 e 2017. A partir daí, o órgão adotou outra divisão territorial no país. Então, estes municípios passaram a constar na Região Intermediária de Castanhal, mais precisamente na Região Imediata de Bragança (Bragança, Tracuateua e Augusto Corrêa) e Região Imediata de Capanema (Capanema, Primavera e Quatipuru). Já Ananindeua se encontra na Região Imediata de Belém, na região intermediária de mesmo nome. Comumente, as pessoas identificam a Marujada como manifestação cultural típica de Bragança ou da região bragantina.



Figura 2 - Pará em Regiões Intermediárias (em vermelho) e Regiões Imediatas (em cinza) com números indicando localização das Marujadas

Legenda:

- 1) Região Imediata de Bragança, localizada na Região Intermediária de Castanhal;
- 2) Região Imediata de Capanema, localizada na Região Intermediária de Castanhal;
- 3) Região Imediata de Belém, localizada na Região Intermediária de Belém.

Fonte: IBGE. Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Figura adaptada pela equipe de pesquisa, a partir da ilustração contida na página Lista de regiões geográficas intermediárias e imediatas do Pará no Wikipédia³.

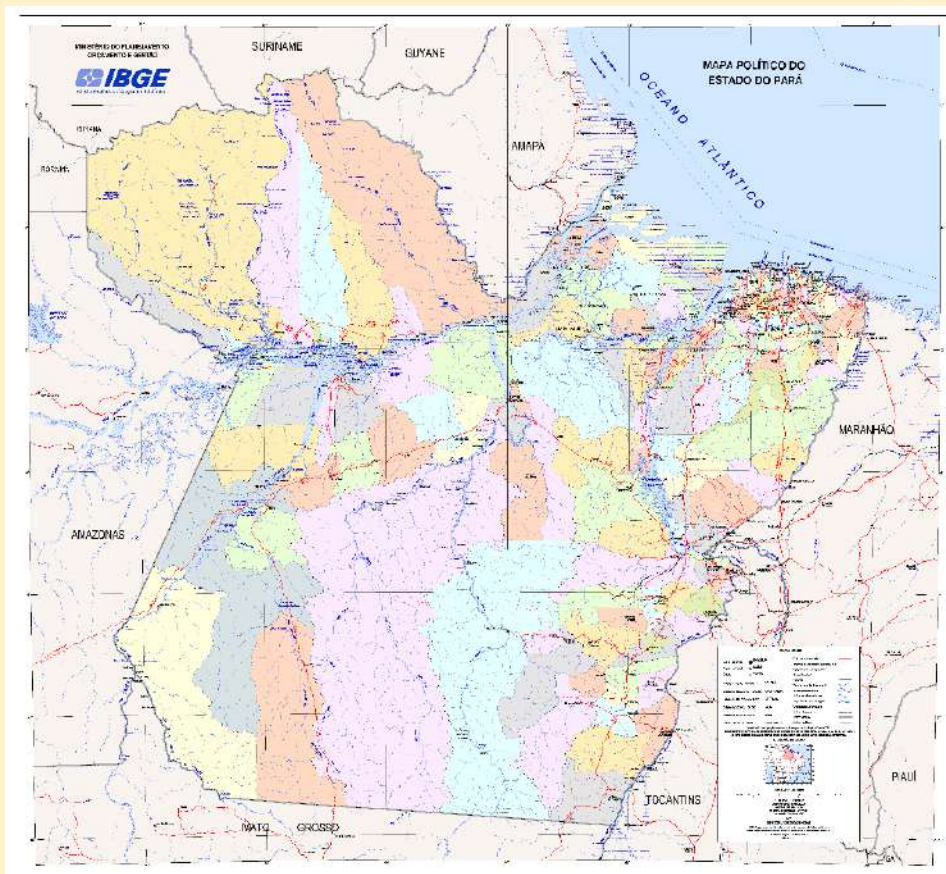
Figura 3 - Localização da Microrregião Bragantina (em vermelho), na Mesorregião Nordeste Paraense, Pará.

Fonte: Lista de mesorregiões e microrregiões do Pará no Wikipédia⁴.





Figuras 4 e 5 - Localização das Marujadas no Pará: Bragança, Tracuateua, Augusto Corrêa, Capanema, Quatipuru, Primavera e Ananindeua são municípios do Pará onde ocorrem Marujadas. Fonte: Recorte adaptado do Mapa contido em: IBGE. Mapa Político do Estado do Pará. Rio de Janeiro, IBGE, 2009.



2.1.1. MARUJADAS NA REGIÃO BRAGANTINA

A Amazônia é uma região com uma diversidade cultural muito grande, que se expressa a partir de variados elementos, pelos povos de distintas origens e matrizes étnicas que a formam e, também, dentre outras características, pela religiosidade, em que a crença em santos e as formas de celebrá-los movimentam comunidades no campo e na cidade, sobretudo nas festas religiosas populares (MAUÉS, 2005; COSTA, 2011). Religiosidade marcada por mesclas culturais, por formas de associação antigas, como as irmandades religiosas, mas também outras que foram criadas e desenvolvidas com participação de variados sujeitos, em meio às pajelanças (de negro, indígena e/ou cabocla) ou aos terreiros de religiões afro-brasileiras (MAUÉS, 2005; FERRETTI, 2014), por exemplo.

Em Bragança, registra-se a Marujada mais antiga e de maiores proporções como referência cultural na história da constituição da microrregião e, no presente, em termos de público participante. É realizada pela Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança em conjunto com a Igreja Católica.

Em Quatipuru, há Marujadas para São Benedito promovidas na sede do município pela Associação de Desenvolvimento Cultural da Marujada Quatipuruense (AMAUAT) e pela Irmandade Maria Pretinha (no Barracão Mestre Verequete), bem como na vila de Boa Vista, pela Associação Comunitária de Comunicação e Cultural Marujada de São Benedito (ACCCMSB).

Raimundo Rodrigues Borges (mestre Come Barro) destaca-se na Marujada do Verequete, nas marujadas de Quatipuru e no carimbó desenvolvido na região. O Grupo Raio de Sol, do qual é presidente, foi criado em 2002 e vem tocando e cantando as músicas na Marujada de Quatipuru e, também, em apresentações de carimbó neste e em outros municípios.

Tal qual em Bragança, em Quatipuru as festas para São Benedito têm suas origens relacionadas aos tempos da escravidão. São lembrados tanto a Sinhá Henriqueta quanto os negros escravizados por ela, os quais tiveram a iniciativa de preparar a festa para o Santo Preto. Contam o aniversário desta Marujada desde 1838, quando teria iniciado a organização da festividade na Ilha Titica, com a Maria

Pretinha, depois se transferindo para o Tororomba e, posteriormente, para a sede do município.

A festa da Marujada em Quatipuru acontece em dezembro, com cortejo das marujas, danças que incluem o carimbó e a dança do peru, bem como a brincadeira dos mascarados, os quais fazem a derrubada dos dois mastros do santo (AMORIM, 2008).

Em Tracuateua, por sua vez, há Marujada tanto na sua sede quanto na Vila Fátima. Este é um município desmembrado de Bragança na década de 90, portanto a participação de famílias da então vila de Tracuateua na Marujada de São Benedito de Bragança é sempre lembrada, assim como a participação da marujada e dos esmoleiros de Bragança nos eventos organizados em Tracuateua.

A Marujada de São Benedito em Tracuateua se tornou associada à festividade do padroeiro do lugar, São Sebastião. Na década de 40, havia apresentação da Marujada de Bragança para abertura da festa de São Sebastião. Em 1946, alguns moradores de Tracuateua, marujos de São Benedito em Bragança, assumiram as apresentações em honra ao Santo Preto no lugar, fazendo surgir a Marujada de Tracuateua e mantendo-se a homenagem a São Benedito na véspera do dia de São Sebastião, em janeiro (REIS, 2015: 74).

A Associação da Marujada de São Sebastião e São Benedito de Tracuateua (AMSSSBT), em conjunto com a Igreja de São Sebastião, realizam a festividade, homenageando cada santo com seu respectivo mastro. Então, conforme relatou em entrevista o senhor Roseberg Magalhães Moraes, atual presidente da associação, há dois juízes e duas juízas, além de capitoa, capitão e coordenador da festa. A cor da vestimenta de marujas e marujos é em vermelho para São Benedito e em azul para São Sebastião, cada qual em sua respectiva data. Essa Marujada ocorre no mês de janeiro e conta com dança, procissão, missa, ladainha, novena, cavalhada, mastro, leilão, almoço e varrição. Já em Vila Fátima, onde a Marujada ocorre desde 1995, os festejos ocorrem em dezembro, com dança, procissão, mastro e almoço.

Em Augusto Corrêa há grupos que fazem a louvação, com procissão, ladainha e almoço, e dançam a Marujada em homenagem a São Benedito na sede do município e nas vilas de Aturiaí e Nova Olinda. Dentre os grupos que organizam estes festejos se encontram a Associação da Marujada de Urumajó (ASMU), cujo barracão se localiza no bairro de São Miguel e tem como presidente o senhor Joaquim Santos, e

a Irmandade de São Benedito de Augusto Corrêa, que promove a festividade ao santo no bairro de São Benedito, tendo como coordenador o senhor Irineu Brito.

Ambas associações promovem a festividade para São Benedito no mês de dezembro, usando trajes em vermelho e azul, e tem capitoa, capitão, juiz e juíza, porém, na Marujada da ASMU há, ainda, a juíza da mesa, e nela realizam o leilão e levantamento de mastro. A esmolação é realizada na Marujada da Irmandade de São Benedito de Augusto Corrêa.

O distanciamento na relação com a Igreja Católica, reduzida aos momentos da procissão e das rezas, é uma das características da Marujada em Augusto Corrêa (SMITH; MONTEIRO; SANTOS, 2014: 129).

Já a Marujada de Primavera celebra São Benedito em dezembro com dança, procissão, leilão, mastro e almoço, desde 1968, fundada pelo Sr. Benedito Nilo, que veio de Bragança, onde já participava da Marujada naquele município. Com o seu falecimento, a festa deixou de ser realizada por alguns anos, sendo retomada em 1997, por iniciativa dos netos dele; desde então ocorre todos os anos.

Em 2015 foi instituída a Associação Cultural da Marujada de Primavera (AMAPRI), que vem sendo presidida por Edicley Corrêa Silva e coordenada por José Ribamar Silva (Mestre Riba). Em 2019 essa Marujada foi reconhecida no município como patrimônio cultural imaterial, no bojo das comemorações de seus 50 anos de existência. Além de capitoa e capitão, a Marujada de Primavera tem juiz do mastro e juíza da bandeira. Em conjunto com as tradicionais danças da marujada, seus festejos contam ainda com dança do bagre e carimbó.

Em Capanema, por sua vez, há grupos de marujada na sede do município e no distrito de Tauari, que festejam São Benedito em dezembro e outros que festejam São Sebastião em janeiro, com danças, procissão, novena, levantação e derrubada de mastro e almoço.

A Associação da Marujada de São Sebastião de Capanema (AMSCAP) foi organizada em 2004, com registro da associação em 2017. Porém, ela teria surgido de uma antiga Marujada, coordenada pela maruja “Tia Maria Branquinha”, que realizava as celebrações a São Benedito há mais de 100 anos atrás. Essa celebração dos “antigos”, saía da casa de D. América, que organizava o novenário. Segundo a capitoa Jucilene de Sousa Silva (conhecida como Tetê), essa marujada não tem

relação com a Marujada de Bragança, embora marujas e marujos da AMSCAP participem da celebração de São Benedito nesse município.

A Marujada começa com o cortejo dos mascarados, que devem derrubar o mastro. Além deles, destacam-se no festejo a capitoa, o capitão, o juiz da bandeira, o juiz e a juíza do mastro. Dentre as danças, nessa Marujada há roda, retumbão, chorado, contradança, mazurca, valsa, xote e carimbó.

Finalmente, a Marujada de São Benedito de Ananindeua existe nesse município próximo a Belém desde 1985. Organizada pela Associação da Marujada de São Benedito de Ananindeua, foi se constituindo a partir de pessoas ligadas à Marujada de Bragança (VIEIRA, 2008). O presidente da associação é Raimundo do Socorro Ferreira de Sousa, conhecido como Careca. Ele é irmão do presidente da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, o que evidencia as ligações entre essas Marujadas.


O festejo conta com missa, almoço, procissão, danças, leilão e mastro, sendo realizado no primeiro domingo de janeiro, o que possibilita que os interessados nas duas associações participem de ambas as festividades.

Dentre os pontos de ligação nas diversas Marujadas mencionadas podemos observar ritos que abrem e encerram as festividades (levantamento e derrubada do mastro), rezas (ladainhas, novenas e missas), cortejos, almoços oferecidos pela juíza e juiz da festa e também por promesseiros aos participantes dos eventos, ensaios e apresentação de danças com ritmos específicos, uma estruturação que inclui capitoa, capitão, juiz e juíza, e uma indumentária que caracteriza marujas e marujos e os eventos de cada dia da programação a partir das cores vermelha ou azul. Algumas têm, entre seus momentos, esmolações e folias, alvorada e cavalhada.

Podemos afirmar que Marujada é dança, um conjunto de eventos que expressam e promovem a devoção principalmente a São Benedito na região bragantina, é ainda o corpo de associados (na irmandade, na associação ou grupo cultural) ou também o conjunto das pessoas que participam, devidamente caracterizadas, dos eventos religiosos e não-religiosos das festividades, como referências importantes entre seus produtores e participantes. Por conta destas observações, metodologicamente, a palavra marujada estará aqui grafada com a letra M (maiúscula) quando referir à festividade, aos seus eventos ou à

irmandade/associação, e com m (minúscula) quando referir ao conjunto de pessoas que se apresentam como marujos e marujas.

Quadro 1 – Marujadas no Pará e período de realização



MARUJADAS PARÁ		
Município	Marujada	Período da festividade
Bragança	Marujada de São Benedito de Bragança	18 a 26 de dezembro
Quatipuru	Marujada de São Benedito/Festividade da Marujada (da AMAQUAT)	18 a 27 de dezembro
Quatipuru	Marujada da Irmandade Maria Pretinha (Barracão Mestre Verequete)	21 de dezembro a 1º de janeiro
Quatipuru	Marujada de São Benedito de Boa Vista	24 de dezembro a 3 de janeiro
Tracuateua	Marujada de São Benedito e São Sebastião	18 a 21 de janeiro
Tracuateua	Marujada de Vila Fátima	21 a 31 de dezembro
Augusto Corrêa	Marujada de São Benedito do bairro São Miguel	18 a 26 de dezembro
Augusto Corrêa	Marujada de São Benedito do bairro São Benedito	22 a 26 de dezembro
Primavera	Marujada de Primavera	24 a 31 de dezembro
Ananindeua	Marujada de São Benedito de Ananindeua	2º domingo de janeiro
Capanema	Marujada de São Sebastião de Capanema (da AMSCAP)	13 a 20 de janeiro

Fonte: Elaborado por Roseane Pinto, com base em trabalho de campo. 2022. Acervo do INRC Marujada.

2.1.2. MARUJADA DE SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA

Destaca-se na região bragantina a Marujada de São Benedito de Bragança, onde a Festividade do Glorioso São Benedito tem origem histórica registrada no século XVIII. É pela festa e pela dança que a Marujada demarca seu lugar na vida bragantina e paraense, recria e relembra o amplo aspecto de dominação europeia e resistência negra que a gerou e o espírito que a sustentou durante os mais de duzentos anos de sua história.

A Festividade do Glorioso São Benedito em Bragança vem ocorrendo anualmente sem interrupção e suas datas principais são os dias que compreendem o período de 18 a 26 de dezembro, quando acontece o novenário, os eventos associados à festa, as danças da Marujada e a solene procissão. O ponto alto é o dia 26 de dezembro, dia de São Benedito na cidade, feriado local.

Aliada à festa religiosa, e não podendo dela ser separada, acontece a Marujada, que reúne rituais coreográficos de dança como a Roda, o Retumbão, o Chorado, a Mazurca, o Xote, a Valsa, a Contradança e o Arrasta-pé. O que o cotidiano nega aos integrantes da Irmandade que participam deste momento ritual, em geral devido às condições sociais, o tempo da festa proporciona, com uma certa inversão, na qual eles são protagonistas.

Como festa de santo e folguedo, a Marujada, no conjunto de celebrações a São Benedito em Bragança, tem como participantes: marujas e marujos, destacando-se a figura da capitoa, com cargo vitalício, acompanhada da vice-capitoa, capitão e vice-capitão. A Marujada tem um presidente, figura que substituiu a do antigo procurador da irmandade religiosa. Em Bragança, todos estes compõem o quadro de associados da Irmandade da Marujada do Glorioso São Benedito de Bragança, junto a centenas de outras pessoas. Há, também, a juíza e o juiz da festividade, anualmente selecionados; os/as promesseiros/as; esmoleiros (ou foliões) e seus encarregados nas comitivas; pároco e bispo; músicos; além de variados artesãos e artesãs (costureiras, fabricantes do chapéu da maruja e do marujo, os que fabricam e reparam os instrumentos musicais usados nas comitivas e na festividade), além de envolver também prefeitura, governo do Estado, comerciantes e turistas.

Os ritos da festividade, incluindo os divertimentos que ocorrem até altas horas da noite, combinam-se bem, de forma que atraem a população da região e muitos visitantes e promovem grande movimentação financeira e turística, sendo o *boom* da festividade situado a partir da década de 1990, destacando-se o ano de 1998, em que houve a celebração dos 200 anos de criação da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.

Dentre os objetos rituais presentes na Marujada, podemos citar: imagens de São Benedito e Andor, além das roupas do Menino Jesus que se encontra no braço de São Benedito; bastão da juíza e do juiz, roupas e chapéus das marujas e marujos, bandeiras e estandartes de São Benedito; opas e caixa do Santo, sem contar os próprios instrumentos musicais de percussão e de corda usados nas folias e nos ritmos característicos da Marujada.

Os espaços principais onde ocorrem os eventos da Festividade do Glorioso São Benedito e Marujada de Bragança são: a Igreja de São Benedito e seu adro; o Teatro Museu da Marujada; o Barracão da Marujada e o Salão Beneditino.

São Benedito, a devoção e as festividades realizadas em sua homenagem já foram objeto de variados estudos, assim como a Marujada, como uma das maiores expressões de suas celebrações no estado do Pará. Consta que São Benedito era filho de negros escravizados de origem etíópica. Benedito nasceu livre, mesmo em tempos de escravidão, devido a promessa estabelecida entre seu pai e o patrão do mesmo (VIEIRA, 2008; CARVALHO, 2010).

Aos 21 anos, ele foi convidado por um monge a viver entre os Eremitas de São Francisco de Assis, tendo permanecido lá por 17 anos, quando então se transferiu para o Convento dos Capuchinhos, onde começou a exercer a função de cozinheiro. Nessa atuação teriam começado a se operar os primeiros milagres de São Benedito já que, ao tentar alimentar os pobres, guardava uma quantidade de pão dentro do seu hábito de frade e a levava aos necessitados. Ao ser interceptado por seus superiores, mostrava-lhes flores ao invés de pão (VIEIRA, 2008).

Além desses milagres, há registros de outros, entre eles, o de um menino tido como morto após acidente de carroça, que ao ser levado até Benedito, este sugeriu que a mãe lhe desse de mamar. Ainda que a mãe relutasse, ela assim o fez e o milagre aconteceu: o menino voltou a viver. Essas parecem ser as razões por meio das quais as imagens do “Santo Preto” carregam sempre uma flor, um pão, ou os dois juntos e

o Menino Jesus. Há quem faça relação entre o Menino Jesus no colo de São Benedito e o menino ressuscitado que caiu da carroça.

Sobre essa relação entre o Menino Jesus e o menino do milagre, em Bragança há quem diga que a devoção popular transformou o menino do milagre nos braços de São Benedito em uma representação do Menino Jesus “para poder valorizar o preto, daí ficou”. Outros dizem que a criança seria de fato o Menino Jesus logo após seu nascimento. Ele usaria o vestido para se passar por menina pois, na época de Herodes, este mandou matar apenas os meninos recém-nascidos, as meninas não. O vestido teria sido uma estratégia para o Menino Jesus não ser morto por Herodes e acabou ficando na tradição, para os bragantinos, o uso do vestido na imagem da criança que está no colo do Santo, usado durante a procissão.

Existem muitas versões sobre os milagres de São Benedito, o que indica a forma como a cultura popular dá sentido ao Santo, apropria-se, (re)inventa versões e as atualiza, conforme as suas referências locais e negociações culturais (BHABHA, 1998). A versão popular bragantina vê na imagem de São Benedito uma forma de fortalecimento identitário com o “Santo Preto”, uma forma de dizer “que o negro também é gente, o negro também é santo, que o negro também é de Deus”, como enfatizou um dos entrevistados.

Não é sem motivo que a imagem de São Benedito peregrina, nas esmolações, por várias regiões do nordeste paraense, chegando até o Maranhão. Desta feita, essa identificação com o Santo seria uma forma de resistência, mas também de exercício de fé, de sociabilidade, de economia simbólica. Aspectos da estrutura social ganham novos arranjos nos ritos em torno do Santo Preto, por exemplo nas esmolações, em que a reciprocidade (dar, receber e dar novamente) é elemento agregador, sendo atribuído ao Santo o exercício da solidariedade e da compaixão.



Figura 7 – Marujas em frente à Igreja de São Benedito: a Roda (dança) na alvorada que abre a festividade. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



Figura 8 – Marujada e São Benedito no Andor no final da Procissão Solene, pelas ruas de Bragança. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



Figura 9 – Marujas e Marujos na Dança do Xote no Teatro Museu da Marujada. 2019. Foto: Magda Costa. Acervo do INRC Marujada.





Figura 10 – Marujas e Comitiva na Reinauguração do Mirante de São Benedito no Camutá. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



Figura 11 – Chegada da Comitiva de São Benedito da Colônia na Igreja de São Benedito, encerrando as esmolações da mesma. Zezinho ao centro. 2018. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

2.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES DA MARUJADA

Dentre os principais participantes da Marujada, podemos destacar: marujas e marujos, capitoa, vice-capitoa, capitão e vice-capitão, juiz e juíza, esmoleiros, promesseiros e promesseiras. Tais participantes são reconhecidos socialmente e, também, nos estatutos da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança.

2.2.1. MARUJAS E MARUJOS

São sujeitos de grande relevância e os principais agentes produtores da festividade e de todos os seus rituais. São devotos, promesseiros ou adeptos da cultura local, que participam e se destacam no evento em homenagem a São Benedito. São as seguintes categorias de marujas e marujos:

Permanentes: com cinco anos consecutivos de participação na festa e na marujada, que solicitem inscrição e recebam aceite da Capitoa ou Capitão, com sua inscrição em Livro de Marujas(os) Permanentes;

Noviços: que participam da Marujada durante quatro anos consecutivos.

Para isso, é necessário sempre a comprovação desta participação como exigência para a iniciação de membros da Marujada, de acordo com a categoria. Mesmo assim, o quantitativo de membros da Marujada é em torno de duzentos, mas é quase impossível se ter um número real dos que se reúnem em Bragança para celebrar São Benedito e participar da Marujada, com especial atenção ao dia 26 de dezembro. Segundo dados de 2019 da Agência Pará, estimou-se o público participante em mais de cem mil pessoas.

Todos as marujas e os marujos precisam se comprometerem com as disposições do Estatuto da Irmandade da Marujada de São Benedito e fazer a sua contribuição financeira, além de prestar serviço à entidade. Os chamados marujos “do quadro” são convocados ainda para as reuniões da Assembleia Geral da entidade e dos demais momentos que envolvem a Marujada. Em contrapartida, existe um Fundo Especial de Apoio às(aos) Irmãs(os) Marujas(os) permanentes, que oferece assistência médica e funerária aos mesmos.

Quanto às marujas e marujos de promessa, estes não são obrigatoriamente cadastrados no livro de irmãos. Estes correspondem a um número infinitamente maior e que participam da festa pelo alcance de graça alcançada diante de São Benedito.

Por outro lado, existem aqueles que não representam nem marujos de promessa nem permanentes. São sujeitos que vêm a Bragança, atraídos pela festividade e pelo interesse em participar da Marujada enquanto manifestação cultural. Em sua maioria, são habitantes de Bragança, de seus arredores, de municípios da região e até mesmo de estados e países.

Então, a partir de um padrão estético carregado de significados, os trajes utilizados pelos participantes da Marujada designam momentos e circunstâncias específicas da festa que materializam o discurso de defesa da “tradição” a ela associado.

2.2.2. CAPITOA, VICE-CAPITOA, CAPITÃO E VICE-CAPITÃO

Nesse universo de marujas e marujos, destacam-se figuras emblemáticas como autoridades simbólicas da Marujada, como a Capitoa, considerada responsável por conduzir as etapas rituais concernentes à manifestação cultural da dança. Ela compõe com a Vice-Capitoa, Capitão e o Vice-Capitão parte do Conselho Diretor da Marujada.

A Capitoa tem cargo vitalício, só podendo vir a ser afastada em caso de seu falecimento, impedimento ou renúncia, quando deverá ser sucedida pela Vice-Capitoa, que escolhe a sua substituta e assim sucessivamente. Para cumprir suas funções, a Capitoa deve ter habilidades com a dança da Marujada (roda, retumbão, chorado, mazurca, valsa, contradança, xote e arrasta-pé), seriedade e disciplina para ocupar o topo da hierarquia da Marujada.

Algumas das Capitoas registradas em alguns estudos são: 1) Leocádia Maria da Conceição, escrava de José Caetano da Mota, administrador de Bragança nos anos de 1879 e 1880; 2) Serafina Maria da Conceição, que permaneceu no cargo até 1928; 3) Olímpia Maria da Conceição, renunciou em 1933; 4) Silvana Rufina de Souza, que esteve à frente da Marujada até 1948; 5) Maria Agostinha da Conceição, a qual tinha por vice Cândida Maria de Moraes, falecida em 1957 e substituída por Benedita Ferreira da Silva; 6) Benedita Ferreira da Silva, a Bené Tamanquinho, que permaneceu no cargo até seu falecimento em 1999; 7) Firmina de Souza Pereira, a

dona Siloca, que ocupou o cargo até o ano de 2004; 8) Aracilda Corrêa, dona Iraci, falecida em maio de 2014; e 9) a atual Capitoa Maria de Jesus do Rosário Silveira, a dona Bia, que assumiu o cargo em 2014.

Embora o texto do estatuto não esclareça suficientemente as circunstâncias da votação para Capitão e Vice-Capitão, observamos na fala de interlocutores que esta esteve relacionada ao episódio de 2014 com a morte do longo Capitão Teodoro Fernandes, que tinha como substituto o Sr. José Maria Santiago da Silva, que o acompanhava na dança. Foi votado e escolhido para ser Capitão permanente, sendo o segundo mais votado o seu Vice-Capitão. Alguns dos capitães registrados em estudos diversos foram: 1) Estevão; 2) Calixto; 3) Jorge Francisco da Silva; 4) Raimundo Epifânio; 5) Teodoro Fernandes e 6) o atual Capitão José Maria Santiago.



Figura 12 – Marujo por promessa dos pais, fotografado em 26 de dezembro de 1966. 2021. Foto: Acervo pessoal de Jorge Matos.



Figura 13 – Capitoa Benedita Ferreira da Silva, a Bené Tamanquinho. s/d. Foto: Acervo de João Batista Pinheiro.



Figura 14 – Capitão Teodoro Fernandes e Presidente da Irmandade da Marujada João Batista Pinheiro (Careca). Enfeite na parede da casa da família do Capitão Teodoro, com fotografia de recordação, usado na decoração do dia de chegada da Comitiva dos Campos. 2019. Foto: Roseane Pinto. Acervo do INRC Marujada.

2.2.3. JUIZ E JUÍZA

Juiz e Juíza iniciam sua festa com o recebimento do bastão símbolo da função em 1º de janeiro, permanecendo com eles até o próximo ano. A função de juiz e juíza é a de participar dos eventos da Marujada, ações sociais, festas e atividades durante todo o ano. A primeira atividade é a de servir um café-da-manhã no dia 1º de janeiro para a Marujada e participantes daquele dia.

Os dias mais intensos são 25 e 26 de dezembro. Nesses dias a Marujada sai de manhã cedo da casa da Capitoa, passando pela casa de juiz e juíza e daí seguindo para a Igreja de São Benedito, em alegre cortejo com música.

No dia 25 acontece pela manhã na Igreja de São Benedito uma ladainha cantada por membros das comitivas e depois dança no Barracão até a hora do almoço. Segue-se o almoço de juiz ou juíza, de acordo com a rotatividade da data. Os juízes são festivamente reverenciados, junto com outras autoridades da festa, pelas marujas e marujos que chegam ao local onde o banquete será servido. Na tarde do dia 25 acontece a Cavalhada e, à noite, o retorno da marujada para dançar.

No dia 26 há uma missa solene campal e em seguida a Marujada segue para o Teatro Museu para dançar até o horário do almoço. Ao mesmo tempo, ocorre no Salão Beneditino o leilão de doativos recolhidos na Esmolação e ofertas recebidas na Igreja durante o período da festa.

Após o almoço, às três horas da tarde, juiz e juíza precisam estar na Igreja para a louvação que ocorre antes da saída da procissão. A procissão sai da Igreja às quatro horas da tarde. Seguindo-se à procissão é realizada uma missa campal e a imagem de São Benedito do andor volta ao templo. A Marujada se dirige para o Teatro Museu onde dança até onze horas da noite, quando saem para a derrubada do mastro e ao encerramento da festa, com roda no entorno da Igreja e benção do padre em seu interior. Juiz e juíza participam destes momentos.

Ser juiz ou juíza nem sempre se dá pelo cumprimento de uma promessa com São Benedito, mas também por ser uma função que alcança uma visibilidade maior na cidade e fora dela nos eventos e nos dias da festa. Este cargo proporciona hoje esse destaque social e se espera por muito tempo com o nome em uma fila de pretendentes para exercer a função.

2.2.4. ESMOLEIROS OU FOLIÕES

Esmoleiros ou foliões são o grupo de pessoas que percorrem as casas recolhendo as esmolas e donativos para o Santo e sua festa, manuseando e tocando alguns instrumentos de percussão, cantando folias e rezando ladainhas. Em Bragança, há três comitivas distintas que levam uma imagem de São Benedito e promovem sua devoção. São as Comitivas da Praia, dos Campos e da Colônia, sempre contando com a atuação fundamental de um encarregado.

A função de esmoleiro envolve também pontos comuns e contato anterior com a devoção a São Benedito e com o aprendizado dos cantos, da sonoridade e das exigências dessa função, constituindo-se a experiência desses homens como um fator primordial para a sua participação no grupo. Além disso, é necessário que o esmoleiro seja cristão e se porte como tal, impulsionando a fé em São Benedito e em Jesus Cristo.

2.2.5. PROMESSEIROS E PROMESSEIRAS

Um grupo mais amplo de pessoas que participam da festividade do Santo e da Marujada de Bragança são os devotos, cuja identificação mais comum é a de promesseiros e promesseiras, que assumem papel de grande relevância no conjunto da festa. Para o promesseiro ou promesseira, além da procissão do dia 26 de dezembro, outros momentos de materialização da palavra dada no momento da promessa são os momentos de agradecimento, como dançar na Marujada, servir como juiz ou juíza da festa, receber as comitivas de São Benedito em casa e proporcionar apoio à entidade e à festividade quando possível e necessário. No rol dos devotos promesseiros e promesseiras vários são identificados também durante o leilão de São Benedito, realizado na manhã do dia 26 de dezembro.

2.3. O LUGAR DA CELEBRAÇÃO

No período da festa de Benedito e da Marujada, o espaço de celebração principal é o Centro Histórico de Bragança, onde está localizada a Igreja de São Benedito, o Barracão da Marujada, o Teatro Museu da Marujada e o Salão Beneditino, em frente à orla da cidade, local conhecido também como Largo de São Benedito.

A Igreja de São Benedito foi tombada em 11 de setembro de 2006, em ato do Governo do Estado do Pará e se configura como o epicentro das manifestações da Marujada de São Benedito. A conservação e proteção do imóvel e da área de seu entorno importam um grande significado para a história da cidade e da tradição em torno do culto ao Santo Preto.

O templo é o ponto de partida e chegada da procissão de 26 de dezembro, num percurso que abrange os bairros do Centro, Aldeia e Riozinho, e passa por diversos pontos referenciais do patrimônio histórico construído bragantino, com destaque ao centro histórico, centro comercial, Cruzeiro da Aldeia, Instituto Santa Teresinha, Praça da Bandeira, Catedral de Nossa Senhora do Rosário, residência da família Tuma, Agência dos Correios e Telégrafos, Igreja Evangélica Assembleia de Deus, orla de Bragança e Salão Beneditino.

O itinerário da procissão faz parte da história e memória da festividade, antes recortando o Centro Histórico da cidade até a segunda metade do século XIX; ampliando-se no processo de urbanização da cidade e chegando ao século XX com o penúltimo itinerário, a partir dos anos 80 com mudanças nas estruturas da Festa de São Benedito e pelo controle efetivo da Igreja.

Em 2018 a Diretoria da festa aprova em 12 de novembro um novo itinerário, com um aumento de um quilômetro em direção ao bairro do Riozinho, saindo do Largo de São Benedito, Avenida Visconde do Rio Branco, Travessa Senador José Pinheiro, Avenida Visconde de Souza Franco, Praça da República, Alameda Leandro Ribeiro, Travessa Coronel Antônio Pedro, Praça da Bandeira, Avenida Nazeazeno Ferreira, Travessa Dom Pedro I e Rua Pinheiro Júnior e retornando ao Largo de São Benedito. Este percurso abrange um total de 3,5 km.

Outros espaços associados à festa são a área do Campo de Pousos Santos Dumont onde é realizada a Cavalhada, as ruas dos bairros de Bragança onde acontece a Esmolação de São Benedito da Praia, da Colônia e dos Campos e os

espaços onde se realizam os almoços da Marujada. Quem agencia parte desses locais é a Diretoria da festa, através da Comissão de Infraestrutura, Secretaria de Infraestrutura e Prefeitura de Bragança. Os espaços tradicionais da festividade pertencem à Diocese de Bragança e à Irmandade da Marujada de São Benedito.

Em relação aos serviços, a Prefeitura de Bragança é responsável pelo apoio logístico necessário nos dias da festividade (sanitários químicos, serviço de saúde e segurança com a guarda municipal). Há também auxílio na divulgação da festividade através dos meios impressos e de mídias na internet, bem como o alcance de transporte para as apresentações da Marujada.

2.3.1. LARGO DE SÃO BENEDITO

O complexo de São Benedito – composto por Igreja, Barracão da Marujada e Coreto – é resultado direto da influência exercida pelos negros na sociedade bragantina que, através da Irmandade de São Benedito, produziram as mais fortes expressões culturais de Bragança, a festa de São Benedito e a Marujada. Os pontos mais visitados da cidade de Bragança no período são os ligados ao centro histórico e ao Largo de São Benedito, delimitado por ruas estreitas, casario antigo proveniente dos séculos XIX e XX e aspecto bucólico. O Largo é assim formado:

- Igreja de São Benedito, construída na primeira metade do século XVIII, de herança jesuíta e traços barrocos na parte interna, abrigando a efígie de São Benedito, cujo adro estende-se em direção à orla da cidade;
- Barracão da Marujada, aonde ocorrem os ensaios da Marujada;
- Teatro Museu da Marujada, um centro dos festejos da Marujada; e
- Salão Beneditino, onde se realizam eventos sociais ligados à festividade.

Já as edificações que se encontram no largo e estão diretamente ligadas à festa são:

2.3.2. IGREJA DE SÃO BENEDITO

Situada no largo e quadrilátero entre a Avenida Visconde do Rio Branco, a Rua General Gurjão e a Travessa Cônego Miguel, em Bragança, a Igreja de São Benedito

apresenta estilo barroco e herança jesuítica e indígena, sendo a única edificação do tipo existente no município, construída no século XVIII, com área total de lote de 741 m² e a área construída no lote de 560 m². Sua cobertura é de telhas de barro em toda a extensão de seu telhado. A construção é em tijolos de adobe, com uma nave central, presbitério, altar-mor e torre lateral esquerda.

É o ponto central das manifestações de culto e devoção à São Benedito, de sua Festividade e da Marujada de São Benedito de Bragança. O seu frontispício é composto por uma única torre sineira, uma porta em arco pleno, encimada por três vãos de janelas. Acima do entablamento, encontra-se um frontão com base triangular (isósceles), na qual se inscreve ao centro um nicho redondo, onde repousa uma imagem de São Benedito. O imóvel apresenta bom estado de preservação, estrutura de fachada, paredes e piso em ladrilho hidráulico.

A Igreja de São Benedito é utilizada para celebrações litúrgicas da Igreja Católica, tais como missas, batizados, casamentos, novenas, louvores e adoração ao Santíssimo Sacramento, realizadas pelos sacerdotes e leigos da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário voltadas à comunidade católica do bairro do Centro e de bairros próximos que se congrega na igreja. A responsabilidade pela gestão do espaço é da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, que o agencia para o tempo da festividade em se tratando dos eventos religiosos.

2.3.3. TEATRO MUSEU DA MARUJADA

Inaugurado em 26 de dezembro de 2002 pela Prefeitura Municipal de Bragança, doado como homenagem à Marujada de São Benedito, o museu é administrado pela Marujada de Bragança com recursos da Prefeitura para despesas de infraestrutura. Tem por finalidade possibilitar a visitação e mostra da cultura ligada à Marujada e à Festividade de São Benedito.

Em seu interior se encontram telas e quadros de artistas bragantinos, além de diversos objetos, instrumentos musicais, imagens e registros históricos relacionados à Marujada. É patrimônio da atual Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, que o dispõe para os folguedos de dança da Marujada durante a festividade, almoços de juízes, cafés da manhã e reuniões da Marujada. É neste local que durante a festividade de São Benedito a Marujada se apresenta nos dias 25 e 26 de dezembro desde o ano de 2002.



Figuras 15 e 16 – Igreja de São Benedito. s/d. Foto: Acervo de João Batista Pinheiro. 2019. Foto: Dário Rodrigues. Acervo do INRC Marujada.



Figuras 17 e 18 – Teatro Museu da Marujada. 2019. Foto: Josaphat Vasconcelos. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



2.3.4. BARRACÃO DA MARUJADA



Figura 19 – Barracão da Marujada. 2019. Foto: Dário Rodrigues. Acervo do INRC Marujada.



Figura 20 – Interior do Barracão da Marujada em noite de ensaio. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

Inaugurado no dia 25 de dezembro do ano 1962 pela administração da extinta Irmandade, o local abrigou também a Escola São Benedito e local de encontro dos marujos e marujas para a parte cultural da festa de São Benedito. Era o principal local de danças até 2002, ano da inauguração do Teatro Museu da Marujada.

Nos dias atuais é o local onde se ensaiam as danças da Marujada para o grande dia, 26 de dezembro, no qual marujos e marujas passam o dia dançando; os ensaios acontecem sempre após a missa nos dias pares do festejo. A gestão desse espaço é de responsabilidade da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, com a interveniência da Irmandade da Marujada de São Benedito.

2.3.5. SALÃO BENEDITINO

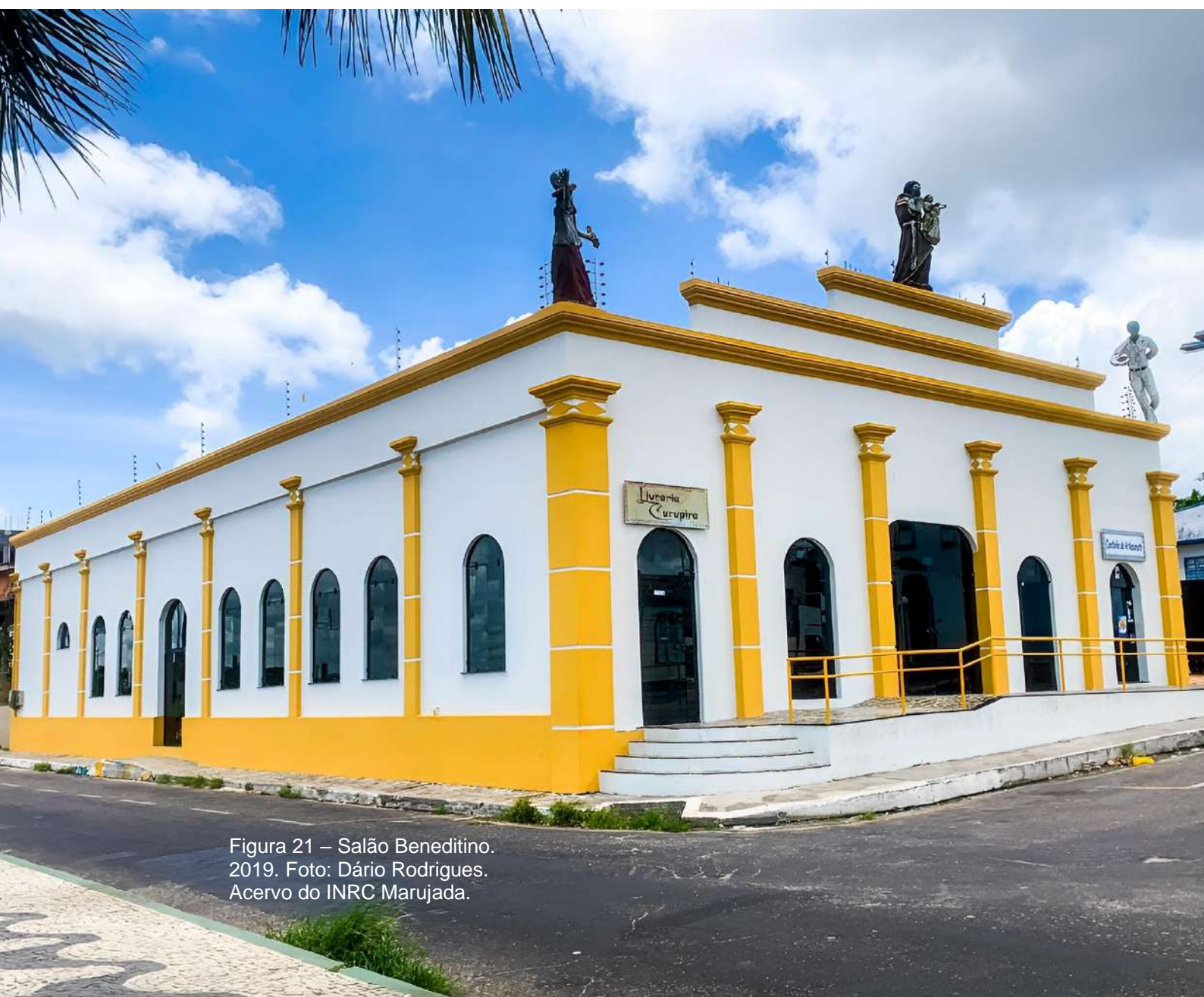


Figura 21 – Salão Beneditino.
2019. Foto: Dário Rodrigues.
Acervo do INRC Marujada.

O imóvel foi erguido no local onde se realizavam algumas festas dançantes em barracões de madeira e palha durante festas São Benedito até os anos de 1980. Era chamado Centro Maria Abdon Braun. Em seu interior são realizados os leilões da festa. O espaço serviu como sede da Escola São Benedito mantida pela Secretaria de Estado de Educação entre 1960 e 2006. Hoje é local climatizado e serve para eventos religiosos, culturais e sociais de todos os anos.

2.3.6. Outros espaços da celebração

Dentre os espaços onde se realizam eventos da festividade está a área localizada próximo ao antigo Aeroporto Municipal Santos Dumont (chamado Campo de Aviação) no bairro do Perpétuo Socorro, atualmente desativado. O espaço é preparado em meados de dezembro para a Cavallhada, realizada no dia 25 de dezembro e é cedido com o aval da Prefeitura Municipal de Bragança, sob a coordenação da Diretoria da Festividade e da Irmandade da Marujada de São Benedito.

2.4. TEMPOS DA MARUJADA

A Marujada de Bragança tem um tempo definido que coincide com a Festividade do Glorioso São Benedito, cujos organizadores são a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário e a Irmandade da Marujada do Glorioso São Benedito, entidade civil. O período da festa é de 18 a 26 de dezembro, sendo este último dia o mais importante da programação e feriado local desde 1960, com muitas atividades religiosas e sociais da festa e da Marujada.

Antes e após esse período da festividade há atividades e bens culturais que constituem a Marujada, compondo um conjunto que é reconhecido popularmente como partes das rezas, homenagens e divertimentos feitas ao Santo Preto em um calendário anual que vai de dezembro a dezembro. Mesmo encerrando em 26 de dezembro, a festa se estende a 31 de dezembro e 1º de janeiro, com apresentações da Marujada, missa de posse de novos juizes e café-da-manhã para a Marujada no Teatro Museu, com apresentações de danças todo o dia.

Como manifestações que se conformam como elementos constituintes da Marujada de São Benedito, encontram-se as esmolações que as três comitivas do Santo realizam todos os anos e que, nas últimas décadas, vêm ocorrendo entre os meses de abril e dezembro. São Benedito dos Campos, da Colônia e da Praia têm datas específicas de saída e chegada em Bragança. A mais famosa é a travessia fluvial de São Benedito da Praia e sua comitiva, no dia 8 de dezembro, junto com a data do feriado de Nossa Senhora da Conceição. A comitiva sai da Comunidade do Camutá em um barco que é seguido por vários outros pelo rio Caeté até o cais da cidade, onde é esperada por centenas de pessoas e intensa queima de fogos.

O quadro a seguir sintetiza a programação da festividade ocorrida em 2018, quando foram celebrados os 220 anos dessa manifestação cultural em Bragança.

Quadro 2 – Tempo da Marujada: antes, durante e depois da festividade de São Benedito em Bragança-PA



Antes da Festividade

- Abril - Saída das Comitivas para esmolações
- Novembro - Missa de lançamento do cartaz da festividade
- 08.12 - Travessia de São Benedito da Praia: chegada da última comitiva com procissão fluvial e bênção pelo pároco local.
- Solenidade de entrada de cada imagem de São Benedito e suas respectivas comitivas de esmolação, em momentos distintos.
- Marujas participam com longas e rodadas saias estampadas.



Festividade

- 18.12 - Abertura da festividade com hasteamento do mastro, alvorada, missa e ensaio das danças.
- Todos os dias: missa e novena.
- Dias pares - ensaios da Marujada até o dia 24.12.
- 25.12 - Natal, com ladainha, danças, almoço, Cavallhada, missa e novena. Marujada se apresenta em traje azul.
- 26.12 - Dia de São Benedito em Bragança, com missa, leilão, almoço, procissão e danças. Encerramento da festividade.
- Marujada se apresenta em traje vermelho



Pós-Festividade

- 31.12 - Apresentação da Marujada em traje azul.
- 01.01 - Missa, passagem de bastão aos novos juiz e juíza da festividade, danças ao longo do dia.
- Marujada se apresenta em traje vermelho.
- Janeiro/fevereiro: avaliação e prestação de contas da festividade.
- Abril/maio: saída das 3 comitivas para esmolação com cortejo de marujas.
- 03.09 - Aniversário da Festividade e da Marujada.
- 05.12 - Dia de São Benedito no Brasil.

Fonte: Elaborado por Roseane Pinto, com base em trabalho de campo e na Programação da Festividade do Glorioso São Benedito de Bragança de 2018.

2.4.1. MARUJADA DE SÃO BENEDITO DE BRAGANÇA: ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DO TEMPO

A data reconhecida socialmente de origem da Marujada é a de 3 de setembro de 1798, festejada anualmente como aniversário da Festa de São Benedito e da Marujada, com ladainha, missa, comidas e danças. Neste dia, negros africanos da vila de Bragança, escravizados e libertos, fizeram o pedido a seus senhores e à Igreja Católica para promover o culto e a festa de São Benedito, constituindo-se como um corpo de irmãos.

Assim, elaboraram um documento, chamado de “Compromisso da Irmandade de São Benedito” (Figura 22), que hoje se encontra no Arquivo Palma Muniz, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP). O surgimento da irmandade se deu no século XVIII, considerado momento auge desse tipo de associação religiosa, social e que promovia festas e divertimentos às comunidades.

Ao usarem esse tempo, os negros demonstraram certo ajuste às imposições de brancos, senhores e da Igreja, entendida por estes como uma forma de aliviar as tensões do cativeiro. Mas também revelavam grande organização e mobilização pois a festa para o santo incluía reunir pessoas a partir de certos critérios, como condição social e cor, de áreas urbanas e rurais. A vivência nessas irmandades possibilitou o desenvolvimento de formas de celebrar o catolicismo, incentivado pela colonização portuguesa, também favorecendo sincretismos religiosos. E além disso, esses negros juntos em torno de uma festa religiosa e social e estando fora do trabalho eram alvo de preocupações dos senhores pois essa convivência poderia colaborar e favorecer alianças e rebeliões.

Figura 22 – Compromisso da Irmandade de São Benedito, documento que oficializa o culto e a associação dos negros em Bragança em 1798. Fonte: Documento original manuscrito, reproduzido com autorização do Arquivo Palma Muniz, Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

COMPROMISSO DAIRMANDADE DE S. BENEDICTO

Maravilhoso instrumento da
omnipotencia divina nas pessoas do
torado São Benedicto, Espelho de perfeita Religioza
amante da humilidade, Terror das soberbas, e sua alma
nas chamas da Caridade pelo zelo Apostolico com que
os vicios persequiu: Perenne fonte de sabedoria illu-
minada pelo Espirito Santo, possit sua vida acalor da con-
templação, gerando nella progressos inimitaveis q' che-
garam a ser pelos Doutores daquelle tempo conside-
rado, e nelle achavao, adivinhao de suas duvidas, tornando
de admiracao este prodigio de sabedoria, que fez mover
São Agostinho dizer: quod he o quod vultis? Levantao no
o ignorantes erubesci o lico, e nos com as suas doutrinas
sem Covicia. Muito mais nos catos, e nos.

O século XVIII demarca um momento importante na história de Bragança, vila que foi se constituindo a partir de conflitos entre colonizadores e indígenas desde o século XVII, após as disputas entre portugueses e franceses pelo domínio da área que viria a se tornar o Estado do Maranhão e posterior entrada no circuito comercial que se assentou sobre a escravização de indígenas e de africanos.

Consta, nos estudos sobre Bragança, como um dos marcos da história da região, a expedição francesa de Daniel de La Touche, após sua saída da ilha de São Luís no Maranhão, na tentativa de chegar à foz do rio Amazonas. Segundo o padre Yves D'Evreux, neste percurso, teriam encontrado na região do Caeté (antes chamado Cayté) mais de 20 aldeias indígenas. Este relato é registrado como a origem do que se tornou a cidade de Bragança (BORDALLO DA SILVA, 1959; PEREIRA, 1963; MAUÉS, 1967). O dia 8 de julho de 1613, momento da partida de La Touche do Maranhão, foi tomado como a data a partir da qual é celebrada a conquista de Bragança, sendo feriado municipal (Lei n.º 2.001, de 7 de julho de 1978).

Neste contexto de início do século XVII, os indígenas encontrados pertenciam à etnia Caeté e mantinham relações amistosas com os franceses, dadas outras experiências comerciais na região do rio São Francisco (SILVA, 2018).

Com a constituição da capitania do Gurupi e, depois, a fundação da vila Souza do Caeté, em 1634, a colonização foi avançando com os descimentos de índios. Evidentemente, os conflitos entre colonizadores e indígenas se intensificaram, ocasionando levantes, guerras e escravização. No decorrer do tempo, a coroa portuguesa criou a figura do Principalato, com a finalidade de estabelecer aliança com os povos indígenas e criar meios de interação com eles, inclusive com a inserção de muitos indígenas nas estruturas administrativas da colônia, possibilitando a criação de uma elite indígena no Maranhão e no Pará.

Na metade do século XVIII, após a constatação do declínio da Vila Souza do Caeté, a coroa portuguesa reverteu a doação da capitania particular, retirou os jesuítas da Aldeia de São João Batista do Vimioso (bairro da Aldeia) e fundou do lado esquerdo do rio a Vila de Bragança, instalada em 1754, por ordem do governador do Estado do Grão Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, formando um núcleo urbano dentro das perspectivas do projeto pombalino.

Parte dos indígenas se embrenhou nas matas do nordeste paraense e sobreviveram ao seu modo, inclusive formando, ao longo do tempo, mocambos com

negros que fugiram da escravidão. Outros se misturaram aos colonos e constituíram laços sociais e culturais com portugueses, formando uma população cabocla, amalgamada e assim resistente até os dias de hoje.

Na segunda metade do século XVIII foram introduzidos no trabalho na vila de Bragança e seus arredores os negros africanos trazidos de portos de redistribuição do Nordeste como cativos e passaram a ser escravizados como mão de obra doméstica, em serviços urbanos e no eito, para a agricultura e pecuária.

Entre Belém e Bragança e entre esta e o Maranhão havia intensa movimentação de pessoas nas mais variadas condições. Estudos apontam as constantes fugas de escravizados negros envolvendo estas regiões do Pará e a fronteira com o Maranhão, indicando serem os portos de Bragança e Turiaçu os maiores dessa área.

A presença negra africana em Bragança foi significativa em termos numéricos e nas diversas contribuições para a formação da região. Eles não apenas desenvolveram as lavouras, engenhos e fazendas na Amazônia, mas também plasmaram a cultura e a formação social, inclusive com a constituição de comunidades negras que na atualidade buscaram ser reconhecidas como de remanescentes de quilombos, presentes em toda a Região Bragantina (como Jurussaca, Torres, Cebola, Pontinha, Cigano, América, Peroba dentre outros).

A importância da presença negra africana na região bragantina se assinala nos registros históricos que apontam seu quantitativo e emprego como mão de obra para o incremento da produção agrícola e realização de serviços diversos dentro e fora da área urbana, mas também no histórico de suas atuações, como na Irmandade de São Benedito.

O pedido dos negros aos senhores para fazer a festa e registrar a irmandade, são fatos rememorados constantemente por marujas e marujos em Bragança, ao contarem que foram eles que, no passado distante, deram início à tradição mantida no presente de celebrar São Benedito com rezas, tambores e danças, missas, ladainhas e folias.

A existência da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança evidencia como os critérios de cor e condição jurídica foram se mesclando e sobrepondo outros critérios de pertença já existentes no cristianismo: uma irmandade de negros, escravizados, livres e libertos, devotos de São Benedito, cuja história já se havia se

espalhado no Brasil e cuja devoção era celebrada em Bragança desde o final do século XVIII. Somente em 1807 é que frei Benedito foi canonizado pela Igreja Católica.

Além disso, a memória também guarda a narrativa na qual por iniciativa de negros escravizados, livres e libertos da vila de Bragança, que foi fundada sua irmandade e que a Marujada e toda a festividade estão intimamente ligadas às principais tradições religiosas e culturais do povo bragantino.

Mistura de devoção ao santo e as formas de celebrá-lo, com danças, rezas, com práticas antigas de um catolicismo que foi se tornando caboclo, com jeitos e formas de falar da população na região.

De tradição religiosa portuguesa, negro-africana na história de sua constituição como irmandade, afro-indígena e europeia por suas danças, cabocla em suas rezas e formas do linguajar, a Marujada de Bragança é expressão maior da celebração ao Santo Preto na região.

Enquanto a irmandade ia se consolidando, Bragança foi sofrendo uma série de transformações. Os anos do século XIX marcam a criação da primeira Câmara Municipal (1828), o estabelecimento da divisão judiciária e a criação da Comarca de Bragança (1839), bem como a composição de um segundo Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, em 4 de maio de 1853, adequando-se a associação às regras do poder temporal. Um ano depois, esta irmandade providenciou o pedido, junto à Câmara, da definição de um quadrilátero urbano para a construção de sua igreja em homenagem a São Benedito.

O segundo estatuto da Irmandade definiu que a festividade de São Benedito e a organização econômica e administrativa dos negócios desta associação de pretos e pardos continuassem sob responsabilidade de uma mesa diretora. Em sua composição continuavam as figuras do juiz (como presidente) e seus mordomos, bem como da juíza e suas mordomas, ampliando-se o número de mordomos e mordomas para doze cada qual.

Além de escrivão, tesoureiro e secretário, havia o procurador e dois andadores, todos estes indicados pelo juiz da irmandade. Ao procurador cabiam as arrecadações advindas das esmolas, anuidades e joias, que era o valor pago para entrada na irmandade. Assim, ele deveria cuidar da manutenção do altar do santo e dos paramentos da irmandade, aplicar recursos na festividade e no sufrágio dos irmãos também.

Havia, ainda, os irmãos instituidores, em número de dezesseis, os quais, nos dias da festividade, eram identificados pelo uso de uma medalha de prata com efígie de São Benedito pendente do colo por uma fita roxa. Quanto aos andadores, sua função era a de avisar os demais quando um irmão falecesse ou quando o juiz quisesse reunir.

Em 2 de outubro de 1854, através da resolução n.º 252, a vila se tornou cidade, por determinação do Presidente da Província, Tenente-coronel Sebastião do Rego Barros, recebendo o nome de Bragança. O século XIX marcou também o início da construção da Estrada de Ferro de Bragança, finalizada em 1908 e que se tornou um marco de seu desenvolvimento comercial e agrícola, além de servir como elemento de inserção de colonos de diversas origens, parte dos quais europeus, nas regiões agrícolas dos campos naturais e colônias, além de nordestinos que foram chegando na região, em importante fluxo migratório, com suas peculiaridades culturais, em um outro amálgama.

Em um momento bastante positivo no comércio e nas relações com Belém, a cidade de Bragança passou pelas seis primeiras décadas do século XX com uma intensa movimentação cultural, com a edição de jornais, revistas, almanaques, fundação de grupos e instituições culturais, o que se manifestou na arquitetura, no traçado da cidade e na construção de diversos equipamentos urbanos.

Houve a criação da Prelazia do Gurupi em 1928 e sua destinação para a administração dos padres Barnabitas, que tomaram posse da circunscrição eclesiástica em 1930, liderados pelo padre italiano Eliseu Coroli, que implementou a construção de várias obras que também transformaram e dinamizaram a cidade, como o Instituto Santa Teresinha, o Hospital Santo Antônio Maria Zaccaria, a Rádio Educadora de Bragança, o Seminário Santo Alexandre de Sauli e o Palácio Episcopal.

Em meio a essa movimentação cultural, a população de Bragança e arredores, marcada por sua diversidade étnica, religiosidades, variadas origens e condições sociais, manteve-se participante ao seu modo, mantendo e criando novos espaços de sociabilidade na interação dos saberes e fazeres de suas práticas culturais.

Quanto à Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB), sua constituição passou, no início do século XX, por um processo de embranquecimento com a entrada de brancos no seu quadro de irmãos. Além disso, sendo uma festa em

que sempre estiveram à frente os empobrecidos, passou a congregar grupos de todas as condições sociais.

Durante os anos de 1947 a 1988 várias tensões ocorreram entre a autoridade eclesiástica e os dirigentes da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, sobretudo após o registro como entidade civil da irmandade religiosa, aprovado pela IGSBB e efetivado em 1947, passando a mesma a ter personalidade jurídica.

Vale ressaltar que o contexto da época era o de uma romanização, com a reforma de práticas religiosas e maior controle de festas populares pela Igreja. Liderados por Dom Eliseu Coroli os padres investiram para que a irmandade retornasse a seu *status* religioso, alegando usurpação desta associação por seus líderes. Por conta da negativa destes, a Igreja não participou nem celebrou os eventos religiosos em alguns anos.

Mas a irmandade de então, tendo à frente Flodoaldo Teixeira (procurador de 1934 a 1950), garantiu a continuidade da festa junto com seu conselho e com a participação da Diretoria da Festa, juiz (presidente da festa), juíza (vice-presidente da festa), procurador, secretário, tesoureiro, cinco mordomos e cinco mordomas.

Além das joias de admissão, mensalidades de irmãos, ofertas e promessas, o saldo das festas, bem como imóveis e móveis, no patrimônio da irmandade constavam as esmolas dadas ao Santo, cuja arrecadação era de responsabilidade dos esmoleiros e suas comitivas.

Tentativas de retorno ao *status* religioso da IGSBB foram tomadas entre os anos de 1952 a 1955, porém sem sucesso, dada a resistência dos líderes da irmandade e o desejo de se manterem na administração da entidade e da festa, mesmo que em alguns momentos houvessem concessões de ambos os lados e que as festividades do período entre 1950 e 1970 fossem realizadas sem tantas tensões.

Uma das figuras de destaque neste período foi Raimundo Arsênio Pinheiro da Costa (Figura 23), último procurador da IGSBB e também vereador em Bragança. Ele esteve à frente da resistência feita da irmandade, nos acordos com a Igreja e na administração da festividade e de suas práticas culturais.

Figura 23 – Raimundo Arsênio Pinheiro da Costa, último procurador da IGSBB. s/d.
Foto: Acervo de João Batista Pinheiro.



Em contraposição a isso, o bispo Dom Eliseu Coroli autorizou a abertura de um processo de reintegração de posse contra a Irmandade de São Benedito, para tomar o controle de toda a festividade, do seu patrimônio financeiro, dos seus elementos constitutivos, do templo e extinguir a antiga irmandade de 1798. O processo data de 1969 e durou 19 anos, concluído após acórdão do Supremo Tribunal Federal em 1988, dando posse à Diocese de Bragança sobre todos os bens da irmandade, seguindo-se de sua extinção canônica.

Mesmo com todas as tensões, o sentimento de irmandade e os elementos constituidores da tradição da Marujada foram mantidos. Permaneceram no imaginário das pessoas e dos devotos participantes da festa, que se tornou alguns anos antes (1985) em uma associação que busca resguardar a Marujada, administrá-la, e que nos dias atuais é uma das entidades promotoras do evento da festa junto com a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário.

Trata-se da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, constituída como organização civil de direito privado, de caráter educativo e cultural, que, para “manter a tradição”, organizando e dirigindo a Festa da Marujada, tem um Conselho Permanente e um Conselho Diretor, nos quais se destacam respectivamente, com mandato vitalício, o presidente e a capitoa.

Uma grande movimentação cultural se dá certamente em todos os eventos e atividades que compõem o ciclo de São Benedito, em dezembro de todos os anos. Na Festividade de São Benedito e sua Marujada, os atos religiosos são realizados atualmente pelos padres da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Diocese de Bragança do Pará e a parte cultural sob a responsabilidade da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança.

Esta festa ganhou grande proporção no final da década de 1980, quando se popularizou ainda mais e em 1998 comemorou 200 anos de sua organização. Além disso, a Festividade do Glorioso São Benedito, a Marujada de Bragança, seus lugares, costumes, danças, músicas e indumentária são marcos da identidade cultural da região bragantina e foram registrados como Patrimônio Histórico, Cultural e Artístico do Estado do Pará desde 2009.

2.4.2. PROGRAMAÇÃO DA FESTIVIDADE

18 de dezembro – Abertura da Festividade

04h30 – Concentração no Teatro Museu da Marujada, com marujas e marujos vestidos com traje em azul e branco, para conduzir e hastear o mastro no largo de São Benedito.

05h – Alvorada festiva, com dança da Marujada no entorno da Igreja. Café da manhã para marujos e marujas, oferecido por um devoto.

19h30 – Missa de abertura da Festividade e novena a São Benedito (1º dia).

20h30 – Após a missa, ensaio para marujos e marujas, no Barracão da Marujada (Largo de São Benedito), com roupa estampada.

19 de dezembro

19h30 – Missa e novena a São Benedito (2º dia).

21h – Programação Cultural.

20 de dezembro

19h30 – Missa e novena a São Benedito (3º dia).

20h30 – Após a missa, ensaio para marujos e marujas, no Barracão da Marujada (Largo de São Benedito), com roupa estampada.

21 de dezembro

19h30 – Missa e novena a São Benedito (4º dia).

21h – Programação Cultural, com Roda de Xote e em seguida Arraial do Pavulagem, sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura, Desportos e Turismo.

22 de dezembro

19h30 – Missa e novena a São Benedito (5º dia).

20h30 – Após a missa, ensaio para marujos e marujas, no Barracão da Marujada (Largo de São Benedito), com roupa estampada.

23h30 – Programação Cultural, sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura, Desportos e Turismo.

23 de dezembro

19h30 – Missa e novena a São Benedito (6º dia).

20h30 – Apresentação de corais na Igreja de São Benedito.

21h30 – Programação Cultural, sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura, Desportos e Turismo.

24 de dezembro – Véspera do Natal

19h30 – Ladainha cantada pelas Comissões de Esmolações de São Benedito e novena a São Benedito (7º dia), sob a responsabilidade da Diretoria da Festividade.

20h30 – Ensaio geral para marujos e marujas, no Barracão da Marujada.

19h30 – Ladainha cantada pelas Comissões de Esmolações de São Benedito e novena a São Benedito (7º dia), sob a responsabilidade da Diretoria da Festividade.

20h30 – Ensaio geral para marujos e marujas, no Barracão da Marujada (Largo de São Benedito), com roupa estampada.

25 de dezembro – Natal de Jesus

08h – Ladainha na Igreja de São Benedito, com as Comissões de Esmolações de São Benedito. A Marujada se veste com traje em azul e branco, em homenagem ao Menino Jesus. Durante o dia, apresentação da Marujada.

12h – Almoço oferecido pelo(a) Juiz(a) da Festividade.

15h – Cavalhada na área do Campo de Aviação Santos Dumont.

19h30 – Missa e novena a São Benedito (8º dia).

22h – Programação Cultural, pela Secretaria Municipal de Cultura, Desportos e Turismo.

26 de dezembro – Dia de São Benedito em Bragança

07h – Missa Solene da Festividade do Glorioso São Benedito, transmitida pelo rádio e televisão, presidida pelo Bispo Diocesano de Bragança do Pará, no Largo de São Benedito, com novena a São Benedito (9º dia), sob a responsabilidade da Equipe de Liturgia da Festividade. A Marujada se veste com traje em vermelho e branco, em homenagem a São Benedito.

9h – Arrumação e decoração da Imagem do Glorioso São Benedito do Andor, pela Comissão responsável.

9h – Leilão da Festividade no Salão Beneditino, sob a responsabilidade da Diretoria da Festividade.

12h – Almoço oferecido pelo(a) Juiz(a) da Festividade.

15h30 – Louvação a São Benedito, na Igreja de São Benedito, com as Comissões de Esmolações.

16h – Procissão solene com a Imagem do Glorioso São Benedito do Andor, percorrendo o itinerário do Largo de São Benedito, Avenida Visconde do Rio Branco, Travessa Senador José Pinheiro, Avenida Visconde de Sousa Franco, Praça da República, Alameda Leandro Ribeiro, Travessa Coronel Antônio Pedro, Praça da Bandeira, Avenida Nazeazeno Ferreira, Travessa Dom Pedro I e Rua Pinheiro Júnior retornando ao Largo de São Benedito, onde haverá Missa Campal, sob a responsabilidade da Equipe de Liturgia da Festividade.

Após a Missa, apresentação da Marujada, no Teatro Museu da Marujada.

0h – Encerramento da Festividade com dança da Marujada no entorno da Igreja de São Benedito.

Observação: em negritos, as datas fixas. Lista de atividades produzida por Roseane Pinto (2020), a partir de adaptação do Programa da festividade de São Benedito de Bragança do ano de 2018.

2.5. ABRINDO A FESTIVIDADE COM O MASTRO DE SÃO BENEDITO E A ALVORADA

Nas festas de santo na Amazônia, o mastro se constitui como uma das formas de se homenagear e pagar promessa ao santo de devoção, o que inclui participar de sua preparação (escolher a madeira, enfeitá-la, doar aquilo que nela será fixado), seu levantamento e/ou sua derrubada.

O ritual de levantamento do mastro, na Marujada de São Benedito, marca a abertura da festividade que ocorre em Bragança no dia 18 de dezembro, na alvorada, o que é seguido de missa e ensaio das danças próprias do evento. Assim, às cinco horas da manhã as marujas e marujos se reúnem em frente ao Teatro Museu da Marujada (Figura 24) e, formando duas linhas de marujas, com marujos carregando o mastro ao centro e as principais figuras da festividade à frente (capitão, vice-capitão, juíza e juiz da festa), além de outros participantes, seguem para a frente do Barracão da Marujada, onde o mastro será fixado (Figura 25).

Figura 24 – Na Alvorada, Juiz, Vice-Capitão, Capitão e Juíza são seguidos por marujos que trazem o Mastro do Santo. 2018. Foto: Magda Costa. Acervo do INRC Marujada.





Figura 25 – Mastro de São Benedito erguido na Festividade de 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

A preparação do mastro de São Benedito ocorre na véspera da abertura da festividade. Fica ao encargo do vice-capitão a tarefa de escolher a madeira adequada para isso, cuja retirada, limpeza e secagem ocorrem com um ano de antecedência.

No Teatro Museu da Marujada acontece a ornamentação do mastro por grupo de membros da Irmandade não muito definido, que se responsabiliza por receber as doações de frutas e bebidas (garrafas com refrigerante e, em menor quantidade, com vinho) entregues no local. Eventualmente, frutas podem ser compradas para complementar o arranjo pretendido. Completa a decoração do mastro a bandeira com a imagem pintada de São Benedito, que é colocada no seu topo.

Na figura 26, vemos frutas sendo preparadas para serem colocadas no mastro.



Figura 26 – Preparação das Frutas para a ornamentação do Mastro do Glorioso São Benedito. 2018. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

Para as marujadas entrevistadas, o mastro tem o significado de fartura, representando o coração generoso de São Benedito. Portanto, o mastro simboliza a fartura das colheitas e, no contexto da festividade, representa a caridade de São Benedito com os mais pobres.

Na subida do mastro, acontece uma grande queima de fogos para marcar o início dos festejos. Em seguida, as marujas vão formando um círculo que dá a volta por toda a Igreja de São Benedito e executam a dança chamada de Roda para, em seguida, adentrarem o recinto com os marujos. Depois de o sacerdote fazer uma benção e uma breve oração, a marujada segue para o seu Teatro Museu, onde lhes é servido um café da manhã (Figura 27).



Figura 27 – Café da Alvorada.
2019. Foto: Pedro Tobias.
Acervo do INRC Marujada.

Desde a década de 90, no dia da abertura da festividade, um café da manhã é servido. Foi proposto inicialmente como forma de alimentar a marujada, que muitas vezes chega cedo e em jejum. Organizar e colaborar com o café da manhã também é uma das formas de agradecer a São Benedito pelas graças alcançadas

É notável, na realização deste café-da-manhã, a presença de algumas pessoas que não fazem parte diretamente da estrutura da festa, nem da Marujada e nem da Igreja Católica, muitos dos quais possuem condição financeira muito favorável, sendo a sua participação neste momento relacionada à busca por prestígio social e publicidade em um evento que não é gerenciado por seus promotores (dirigentes da Irmandade, Paróquia e Diretoria) que dele participam quase que como convidados.

Durante o café-da-manhã, o espaço do Teatro Museu tem a sua maior parte ocupada por marujas e marujos, que são primeiramente servidos, enquanto o público em geral fica no hall de entrada, espaço delimitado pela ornamentação preparada para o evento. Esta divisão de espaço é recente, indicadora tanto de uma divisão social do local do evento quanto de controle social.

Antes do início do café, é realizada uma pequena oração inicial (bendito) pelos esmoleiros presentes, que integram as comitivas de São Benedito. Após o bendito, são servidas as marujas, depois os marujos, na sequência, a imprensa e pessoas presentes, e depois são levados kits de café da manhã para as pessoas que se localizam na entrada do Teatro. Também é um momento alegre e descontraído com danças após o café

No final da festividade, no dia 26 de dezembro, a Marujada segue para a frente do Barracão para o momento da derrubada do mastro, que acontece em tom festivo. Em meio a gritos e estouros de foguetes, os marujos cumprem esta etapa das homenagens ao Santo. Muitas frutas são retiradas da ornamentação ao longo dos dias da festividade, sendo as restantes divididas entre os mais diretamente envolvidos com a derrubada. Uma vez desmontado, o mastro é levado para dentro do Barracão e, depois, retorna para o Teatro Museu.

Figura 28 – Mastro sendo derrubado. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



2.6. O DIA 26 DE DEZEMBRO EM BRAGANÇA: SÃO BENEDITO E SUA MARUJADA

O principal dia de festividade do Glorioso São Benedito de Bragança e da Marujada é o dia 26 de dezembro. Nessa data, o sol vai nascendo com o estourar de foguetes que anunciam a saída de marujas e marujos. A concentração se inicia na casa da capitoa, que os recebe com um café da manhã como forma de acolhimento aos que, logo nas primeiras horas do dia, a acompanham de pés descalços e em silêncio pelas ruas da cidade, com seus tradicionais trajes de cor vermelha.

No trajeto até a igreja segue o pequeno cortejo, ao som de foguetes e dos instrumentos tocados pelo grupo de músicos da Regional da Marujada, e liderado pela capitoa, vice-capitoa, capitão e vice-capitão, em direção às residências do juiz e da juíza da festa, que a partir daquele momento passaram a se juntar aos demais.

Figura 29 – Da casa da capitoa ao Largo de São Benedito na manhã do dia 26 de dezembro em Bragança. Capitoa (centro), Vice-capitoa (atrás), juiz, juíza (à esquerda), marujas, marujos e grupo de músicos Regional da Marujada na Travessa Vigário Mota. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



Desde cedo a orla da cidade e o Largo de São Benedito vão, pouco a pouco, sendo ocupados por centenas de pessoas que se avolumam próximo à Igreja do Glorioso São Benedito, ao Salão Beneditino e ao palco montado pela prefeitura e onde ocorre a missa que dá início às celebrações ao Santo. Até o final do dia, tornam-se milhares os que ocupam esses espaços e as ruas em seu entorno e, principalmente, aquelas que compreendem o percurso da procissão solene, que se inicia às 16h e termina com a chegada do Santo no mesmo Largo e a missa campal, já à noite.

Ainda pela manhã, próximo ao palco, cadeiras enfileiradas são reservadas para marujos e marujas. Mas são aquelas pertencentes à Irmandade que assumem lugar de destaque para prestigiar e celebrar o Santo Preto (Figura 30), bem como as figuras que evidenciam a hierarquia na festa: a capitoa, ladeada pelo juiz e juíza, seguida do capitão, vice-capitoa e vice-capitão (Figura 31). Em torno deles, outras tantas marujas se aproximam do palco – anônimas ou não –, rodeadas por um número bem menor de marujos, pelo presidente da Irmandade, por autoridades religiosas e do poder local, gente comum ou de prestígio, ricos e pobres, sentados como podem ou em pé, aguardam o início da missa. Elas são diversas em idade e classe social, vestidas com a indumentária e o chapéu da maruja, e dão o colorido especial ao grande dia da festa.



Figura 30 – Marujas na Missa Solene do dia de São Benedito em Bragança. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



Figura 31 – Hierarquia na Marujada; os destaques no dia da festa. Capitoa Bia (ao centro), Juíza e Juiz, Vice-Capitoa e Vice-Capitão na Festividade de 2019. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

No Largo de São Benedito, uma multidão se encontra para prestar sua homenagem, agradecer, rezar, suplicar ao Santo proteção, pagar promessas; são marujas, marujos, mulheres, crianças, homens, jovens, velhos e velhas, de perto e de longe, que querem demonstrar sua devoção e/ou apreço por essa manifestação cultural que ocorre a cada ano com um número maior de participantes. Nem todos estão com a indumentária do marujo e da maruja, mas interligados por um único propósito: participar da festa de São Benedito.

Quando a missa começa, as atenções se voltam para o palco, onde se encontra o pároco da catedral, ladeado pelas três imagens do Santo, com as quais se fazem as esmolações pelas comitivas da Praia, da Colônia e dos Campos. A missa de 2019 foi dirigida pelo Padre Raimundo Elias de Sousa, que nela se dirigiu aos presentes, chamando a atenção de todos para que a festa do Glorioso siga o exemplo de fé de São Benedito.

A ênfase nos aspectos religiosos da Festividade, no desejável comportamento de seus participantes e na identidade cristã, é perceptível não apenas durante as

missas, mas também reproduzido nos cartazes e programas que divulgam o evento. Assim, em 2018 o tema da festividade estampado naqueles materiais era: “A exemplo de São Benedito, sejamos verdadeiros cristãos”. E, em 2019, seguindo a mesma orientação, a festa trazia o seguinte tema: “Se sou devoto de São Benedito, devo ser discípulo e missionário de Cristo”. No conjunto, indicam a posição de que as festas de santo devem se voltar para a devoção religiosa, enquanto outros aspectos, que também a compõem, são recorrentemente criticados, como o comportamento das pessoas, por supostos exageros cometidos durante os festejos, no entorno da igreja, sobretudo no caso de consumo de bebidas alcoólicas ou da promoção de outras festas nos dias da Marujada.

O que se observa nas praças, na rodoviária e até nos hotéis é toda uma movimentação de pessoas de muitos lugares e com diferentes expectativas, alterando as rotinas da vida cotidiana na cidade. Entre rezas, festejos com dança e música, comensalidades e consumo de bebidas nos espaços privados e públicos, sobretudo quando ocorrem as festas de aparelhagens⁵ nos dias da festividade, a população do lugar e a que chega ali para os eventos vive com maior ou menor intensidade cada um dos momentos da Festa.

Cada marujo e maruja, cada participante da festividade, encontra uma maneira particular de manifestar a devoção e apego à cultura, com dança ou sem dança, com bebida ou sem bebida, dentro dos padrões eclesiais ou não, os campos do sagrado e do profano se intercambiam permanentemente, sinalizando que a devoção ganha proporcionalidade e dimensão inventiva na diversidade social e cultural dos sujeitos em interações.

Terminada a missa, por volta das 9h, há toda uma movimentação de pessoas entre a Igreja de São Benedito, onde é ornamentado o andor que será usado na procissão solene, o Salão Beneditino, espaço utilizado para o leilão, e, mais adiante, o Teatro Museu da Marujada, lugar em que outro momento muito aguardado passa a ocorrer. Ali, durante toda o dia marujas e marujos, devidamente trajados, apresentam-se no salão, executando as danças tradicionais do repertório da Marujada, já indicadas anteriormente. Todas muito bem coreografadas e algumas reproduzindo as relações de poder e a hierarquia existente no interior da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança.

Os bailados do retumbão e do chorado, por exemplo, que juntos caracterizam um dos momentos mais emblemáticos desse ritual dançante, iniciam com a apresentação das autoridades máximas da Marujada. No primeiro, capitão e vice-capitão dão início à apresentação para, em seguida, conduzirem ao centro da roda, respectivamente, capitoa e vice-capitoa. Estas, acompanhadas de seus pares, circulam majestosamente entre marujas e marujos, em uma cadência de passos circulares rigorosamente sincronizados, dando a impressão, como ouvimos de algumas pessoas, “que elas flutuam pelo salão” ou “que têm rodinhas nos pés”. No segundo, a dança é aberta pela performance individual de cada casal de autoridades, começando pelo capitão que, após um breve momento de apresentação solo, convida a capitoa para o centro do salão e, juntos, passam a dançar tendo os demais marujos e marujas como expectadores.

Na sequência, o capitão se retira e a capitoa segue em direção ao vice-capitão que passa a acompanhá-la na dança. Este, após a saída da capitoa, chama ao centro a vice-capitoa que, depois da retirada do vice-capitão, busca um marujo na roda, que baila em sua companhia e, ao se ausentar, aquele deve buscar outra maruja e assim sucessivamente, até que todos que estejam esperando no círculo possam também serem conduzidos ao centro para bailar.

A dança segue com a execução dos demais ritmos, que embora representem, claramente, um momento de descontração e divertimento para a maioria dos participantes, assumem ainda uma conotação sagrada. Para muitos, poder estar ali e compartilhar daquele ritual com outros integrantes da Marujada significa dançar em homenagem a São Benedito. Nesse caso, o conjunto do ritual da dança, especificamente, no dia 26, configura um belo espetáculo, aguardado ansiosamente como uma forma alegre e satisfatória de agradecer ao Santo uma graça alcançada.

Nessa ocasião, em especial, é possível encontrar também, entre as centenas de expectadores, figuras públicas locais e nacionais do meio político e artístico, que quando notados e/ou têm sua presença registrada, promovem por alguns instantes a quebra do protocolo da festa, desviando a atenção das danças e de seus dançarinos.

Neste dia e em todos os outros da festividade em que a Marujada se propõe a dançar, a música fica a cargo, mais uma vez, do grupo Regional da Marujada, que sob a batida de tambores, pandeiros e acordes da rabeca conduzem os ritmos de marujas e marujos, que no dia 26 de dezembro dançam pela manhã e à noite.

Enquanto a Marujada agita o Teatro Museu, na Igreja se inicia a arrumação e decoração da imagem do Glorioso São Benedito do Andor, que recebe esse nome por ser aquela carregada durante a procissão solene, à tarde. A ornamentação acontece com uso de flores, geralmente doadas por promesseiros.

O projeto da decoração do andor começa dois meses antes da Festividade, quando é feito o orçamento e repassado para o doador/promesseiro. Antigamente, a ornamentação do andor não era feita com flores naturais e sim com flores de tecido e plástico confeccionadas pelos próprios fiéis. Após 2012, no entanto, adotou-se o uso das flores naturais.

Durante a decoração do andor, os promesseiros e promesseiras entram na igreja; alguns de joelhos, outros chorando ou rezando, com flores nas mãos, roupas, ex-votos, entre tantas outras ofertas que cada um quer entregar ao Santo. É um momento de muita emoção, já que é chegada a hora de retribuir o milagre ou graça realizados por São Benedito.

Existem muitas histórias contadas pelos promesseiros que evidenciam o mal augúrio àquele que não cumpriu sua promessa, de forma que recai sobre a pessoa prejuízos financeiros, amorosos ou de saúde. Promesseiros chegam à igreja com flores para dar ao Santo, como forma de agradecimento por cura alcançada na família, gente devota que diz se apegar ao Santo, pedir graças, depois agradecer de variadas formas o alcance das mesmas.

Durante a ornamentação, é preciso decidir também qual dos vestidos doados por devotos e promesseiros será utilizado pelo Menino Jesus, que se encontra no colo do Santo. Há ali, na sacristia da Igreja de São Benedito, uma coleção de vestidos para a pequena imagem do Menino Jesus. Aquele que vai ser usado no grande dia (da Procissão) é escolhido pela equipe que ornamenta o Santo.

Após a decoração, os devotos podem se aproximar da imagem do santo e rezar, fazer pedidos e agradecer antes da Procissão, o que ocorre até o momento das bênçãos do padre e da louvação, já por volta das 15h.

Às 10h, enquanto ainda ocorre a ornamentação do Santo do Andor e do Menino Jesus no interior da Igreja de São Benedito, ali perto, no Salão Beneditino, começa o Leilão da Festividade. Próximo ao palco e na frente do salão se encontram os donativos entregues por fiéis e promesseiros. Em meio aos muitos cachos de pitomba, que os participantes lançam uns sobre os outros de vez em quando, são apresentados

para o leilão desde bolos confeitados, sacas de farinha, móveis e artesanatos diversos, até uma gama variável de víveres e reses (galinhas, patos, porcos, cabras, bois, cavalos, etc.). Eles têm valores diferentes e sua arrecadação é organizada por uma comissão previamente estabelecida para tal.

Terminado o leilão, os participantes seguem para o almoço. Na festividade, é convencionado que juiz e juíza devem servir cada qual um almoço à marujada nos dias 25 e 26. Em cada ano, se um juiz fica com o almoço do dia 25, a juíza fica com o do dia 26. Para o ano seguinte já se prevê que primeiro haverá o almoço da juíza e, no dia seguinte, o do juiz.

Quase quinhentas pessoas participaram atualmente do almoço oferecido à marujada, que tem precedência nas refeições. Geralmente, formam uma grande mesa ao centro, onde a anfitriã ou o anfitrião se senta com a capitoa, vice-capitoa, capitão, vice-capitão, presidente da Irmandade, padre, prefeito e outros convidados. Os demais são recebidos nas muitas mesas montadas para acomodar adultos e crianças.

2.6.1. PROCISSÃO SOLENE

Por volta das 14h, um movimento intenso recomeça na cidade, sobretudo no Largo de São Benedito. Sob o vento forte que vem do rio Caeté, as fitas coloridas dos chapéus das marujas voam consonantes com o seu caminhar. De pés descalços, inúmeras marujas andam em uma só direção, a igreja. O tom vermelho de suas saias rodadas inunda as vias de Bragança, que cada vez mais são tomadas por pessoas da própria cidade e de muitos outros lugares e até países, que vêm para a procissão e a dança que ocorrerá posteriormente.

A entrada na igreja é feita com a marujada retirando o chapéu, em reverência ao Santo, sinalizando a imponência do momento. Tanto marujos quanto marujas se aproximam da imagem de São Benedito, mas, a partir desse momento, há uma divisão de papéis entre eles. Os marujos permanecem próximos ao andor, disputando um lugar entre os que poderão segurá-lo no trajeto da procissão. Já as marujas saem e se concentram na frente da igreja, primeiramente formando duas linhas, que encabeçarão a procissão. Forma-se um fila de marujas com diversos estandartes do santo, enquanto aguardam a saída de sua imagem e andor da igreja.

Antes de iniciar a procissão, é organizada a condução da imagem e andor, sugerindo-se alternância de equipes entre os homens que ali se encontram, tentando-se evitar tumultos. Dada a grande disputa entre os marujos, para se garantir um lugar perto do santo, é preciso chegar cedo e enfrentar o empurra-empurra para alcançar o andor.

Após a ladainha, puxada por um dos membros das comitativas de esmolação do Santo, os que estão na igreja são abençoados pelo padre, em nome de São Benedito. É a hora de sair da igreja e dar início à procissão solene.

A multidão já está presente no Largo de São Benedito e nas ruas ao redor (Figura 32). Grande parte veste os trajes de maruja e marujo, de pés descalços, formando uma massa humana que se espalha entre as partes que compõem o cortejo.



Figura 32 – Marujas de mãos dadas na Procissão de São Benedito. 2019. Foto: Magda Costa. Acervo do INRC Marujada.

A procissão de São Benedito, em resumo, tem a seguinte composição:

- a) cruciferário;
- b) filas laterais de marujas, seguidas de marujos, devidamente trajados;
- c) autoridades constituídas ao centro;
- d) estandartes espalhados em todo o percurso da procissão;
- e) comitivas de esmolação com suas bandeiras e instrumentos ao centro;
- f) filas de acólitos, ministros da eucaristia, seminaristas, diáconos, sacerdotes, tendo ao centro o pároco e presidente eclesiástico, a diretoria da festa, capitão, capitoa, vice-capitão, vice-capitoa, juiz e juíza da festa, e presidente da Marujada;
- g) devotos e marujos que conduzem o Glorioso São Benedito do andor;
- h) banda de música;
- i) povo em geral;
- j) cavaleiros.

Enquanto as marujas em duas filas se posicionam entre o Largo e a orla, podemos observar aquelas que são chamadas de “cabeças de linha” da procissão, ou seja, as que ficam no começo das duas filas, sendo as marujas muito conhecidas na cidade em função de estarem entre as mais antigas da Marujada e por ocuparem diversas funções no conjunto estrutural da Irmandade (Figura 33). Já os marujos saem da igreja, disputando um lugar mais próximo da imagem do santo e seu andor, dando início à procissão.



Figura 33 – Cruciferário e marujas no Início da Procissão. 2019. Foto: Natália Aviz. Acervo do INRC Marujada.



Figuras 34 e 35 – Saída do Andor da Igreja de São Benedito e a Procissão. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



A procissão aumenta em número de pessoas, reunindo homens e mulheres de muitas idades, vestidos de marujas e marujos e outros não. Estes formam um “mar de gente” que imprensa uns aos outros, transformando as ruas do cortejo em um corredor da Marujada de São Benedito (Figuras 34 e 35).

Do alto das casas ou no térreo, grupos de pessoas assistem à passagem do Santo, vestidas como a festividade convida ou não, muitas emocionadas, outras pagam promessas, distribuindo água aos participantes.

É uma procissão que chega ao meio de seu percurso em agradável fim de tarde. No meio do povo, observa-se uma comitiva. Parte dos esmoleiros das três comitivas do Santo se unem, trazendo sua imagem de São Benedito, suas bandeiras e instrumentos musicais, formando um dos pelotões na procissão (Figura 36). São seguidos por outra parte da multidão que forma o cortejo.

Ao longo da principal avenida da cidade vai passando a Marujada, o povo em geral, os diversos estandartes do santo sustentados por marujas e marujos em meio ao grande cortejo, e, no meio, as autoridades da Irmandade, dentre eles a capitoa e a vice-capitoa. Também se observam vários jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos, já que ali segue um grupo formado pelos organizadores da festividade e algumas autoridades (pároco, bispo, diretoria da festividade, governador do Estado, dentre outros) e, em seguida, o andor de São Benedito.

Figura 36 – Procissão do Glorioso São Benedito: comitiva. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



O andor de São Benedito é carregado pelos marujos, vestidos com suas camisas, calças compridas e chapéus brancos, ornados com fitas vermelhas, parte dos quais de braços dados, incorporando o grupo de músicos da Banda Cantídio Gouvêa e separando o santo do restante do público. São tantos e concentrados ao redor do andor, que se visualizada do alto e apenas por essa parte, dá a impressão de uma procissão feita só de homens. Mas algumas marujas também são vistas por ali (Figura 37).

Figura 37 – Vista da Procissão Solene na altura do andor. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.





Figura 38 – Romeiros a Cavalos na Procissão Solene de São Benedito
Fonte: INRC Marujada. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

Outra parte da multidão segue o cortejo, e após, formando um último pelotão, encontramos homens e mulheres de diversas idades montados em muitos cavalos, alguns vestidos como cavaleiros outros como marujos e marujas (Figura 38).

Durante a procissão, ouve-se uma banda tocando músicas em louvor a São Benedito em um palco improvisado na sacada de uma residência, como parte das homenagens de rua, enquanto os fogueteiros seguem anunciando a chegada do Santo e seu cortejo em cada parte do trajeto. Com a mudança feita pela Igreja Católica e diretoria da festividade em 2018, o percurso da procissão foi estendido e passou a incluir ruas mais distantes do centro, no bairro do Riozinho, que passaram a desenvolver uma interessante mobilização de moradores na véspera do evento para ornamentação em postes e fachadas, muitas das quais apresentavam altares com as imagens do santo.

No final da procissão, a chegada no Largo de São Benedito acontece quando já é noite. As marujas chegam e logo formam um cordão ocupando o espaço da frente

do palco que será utilizado para a missa campal e onde vão se concentrado religiosos, presidente da Irmandade, locutor da festividade e alguns marujos e marujas. À medida que o préstito vai chegando, a multidão vai se posicionando no Largo, na orla e na praça 1º de Outubro. Guardas de Nazaré ficam posicionados diante de uma pequena abertura feita no cordão de isolamento formado pelas marujas. Por ali só passarão as pessoas autorizadas. Entram dois esmoleiros movimentando cada qual uma bandeira amarela com imagem do Santo e seguidos por membros das comitivas, incluindo uma promesseira com uma pequena imagem de São Benedito, vestidos com opas amarelas.

As marujas fazem lentos movimentos embalando suas saias enquanto são tocadas músicas de artistas regionais que falam sobre o Santo. Entram a juíza e juiz da festividade, seguidos pelos religiosos. Entram também membros da diretoria da festividade e demais autoridades.

Finalmente, passam pelo cordão e preenchem todo o espaço ao redor do palco os marujos. Com grande alegria sacodem seus chapéus, celebrando o cumprimento do percurso depois de levarem o andor até o palco e entregarem o Santo, que é recebido com grande aclamação dos presentes.

É o momento de se iniciar a missa, com a presença do bispo. Ao término da missa, o santo é conduzido à igreja. A comoção é grande quando São Benedito entra na igreja levado pelos marujos, acompanhado pelas marujas logo atrás.

O coral da igreja canta louvores ao Santo enquanto a multidão tenta adentrar o espaço. Logo que a imagem alcança o altar, os marujos que conduziram o andor arrancam-lhe as flores até não restar mais nenhuma sobre o mesmo. É uma disputa acirrada, pois todos querem levar uma “parte do santo”, uma lembrança para casa como forma de proteção.

Em seguida, os marujos retiram suas fitas vermelhas dos braços e as amarram no cinto do Santo, deixando-o livre para que as marujas se aproximem e toquem nele. Todas querem agradecer, rezar, pedir, aclamar São Benedito. Só depois, então, quando as marujas se retiram, é que o Santo é liberado para o público em geral. Ele fica no altar até não ter mais nenhum fiel para lhe tocar e conversar.

Os devotos de São Benedito colocam roupas, bilhetes e ex-votos em uma caixa perto do altar de forma a alcançar o Santo. Sempre é uma conversa íntima, um sussurro, uma súplica, um agradecimento que cada devoto quer ter com São

Benedito, de forma que tocá-lo, dar o nó na fita, amarrar outra em sua cintura, deixar algum dinheiro, é uma forma de manifestar por ele gratidão, amor e compaixão.

Após não haver mais nenhum devoto no altar, o Santo é retirado e levado para o interior da sacristia, onde é higienizado para depois seguir para o Museu de Arte Sacra Nossa Senhora do Rosário, de onde sai novamente no dia 26 de dezembro, quando da festa da Marujada. Mas a partir de 2018, essa imagem passou a sair do Museu também no dia 5 de outubro, dia de São Benedito.

Após a missa de encerramento da procissão, fieis, devotos, marujas e marujos se dirigem ao Teatro Museu da Marujada, onde são executadas as coreografias que fazem parte do ritual da dança, desta vez com a participação de centenas de pessoas. Muitas delas, incluindo os turistas, participam ao redor do espaço do Teatro Museu, de onde assistem e vibram com as apresentações. Estas obedecem à ordem das coreografias e, em alguns casos, é preciso fazer uma pausa para descanso entre uma dança e outra. E mesmo depois de um dia cansativo, o clima festivo toma conta de toda a multidão.

Outras formas de confraternização, no entanto, ainda ganham força nessa noite. Shows de artistas locais, festas com DJs e reuniões familiares seguem animando os participantes da festividade. Na orla da cidade e no entorno do Largo ocorrem festas com som automotivo, bebidas, comidas e músicas adentrando a madrugada. Músicos da cidade e vindos da capital para a Marujada animam o centro ao som de carimbó, guitarrada e outros ritmos da cultura popular paraense.

Ao chegar por volta de 23h, a marujada se desloca para o Largo de São Benedito para o encerramento da festa, entrando no seu Barracão, dançando a Roda. Isso começa com a saída do Teatro Museu da Marujada, em duas filas de marujas, tendo ao centro juiz, juíza, capitoa e vice-capitoa. Os marujos vão ao fim da fila e os músicos do Regional da Marujada logo atrás. Os marujos se dirigem ao mastro de São Benedito, colocado ao lado do Barracão e da igreja. Eles começam a retirar a ornamentação e os objetos colocados no mastro e, ao final, o retiram do local e levam para o interior do Barracão da Marujada.

Lá a Roda é iniciada e, depois, as marujas e marujos, na mesma ordem, saem em direção à igreja e volteiam o prédio por três vezes, fazendo ao final um conjunto de reverências ao Santo e ao templo católico. Em frente à porta de entrada, ficam posicionadas as autoridades da festividade e, após as reverências, eles dão espaço

para que a marujada entre na Igreja. Ali, o pároco faz as despedidas e agradecimentos pela festividade, mais alguns avisos sobre o dia 1º de janeiro e, ao final, recita uma das orações da novena de São Benedito, em um momento muito emocionante. Depois, são entoados cantos de louvor e marujas e marujos levantam seus chapéus em direção ao altar de São Benedito. Depois da benção final, muitos devotos, marujas e marujos se dirigem à frente deste altar para fazer seus agradecimentos, pedidos e promessas de estar no próximo ano presentes de novo na festividade. Ao passo que fazem suas orações particulares, beijam a fita que está no altar ligada à imagem do Glorioso São Benedito.

2.7. SÃO BENEDITO, SANTO PRETO, SANTO DAS ROSAS

São várias as imagens de São Benedito identificadas em Bragança, dentre as quais: a do altar-mor da Igreja; aquela que sai no andor durante a procissão; as que são levadas junto às esmolações pelas comitivas da Praia, dos Campos e da Colônia; a que foi construída no topo do Mirante de São Benedito; além das imagens particulares. Enquadram-se no conjunto de formas de expressão da Marujada na região bragantina, vigorando até a atualidade, e representam (e presentificam) os laços, intimidades e compromissos assumidos pelas pessoas junto ao Santo Preto.

2.7.1. AS IMAGENS DO SANTO DO ALTAR, DO ANDOR E DAS ESMOLAÇÕES

Quanto às suas diversas imagens, o Santo é tomado de muitos sentidos, apesar de ser um só. Cada imagem tem peculiaridades, quer no seu modo estilístico, quer nas suas formas de expressão e devoção. A elas são atribuídos milagres, promovendo encontros dos seus devotos com a fé. Na figura 39, o São Benedito de cada comitiva, dentro da Igreja, no encerramento dos circuitos das esmolações.





Figura 39 – Imagens do Santo levadas pelas Comitivas. 1. São Benedito da Comitiva dos Campos; 2. São Benedito da Comitiva da Colônia; e 3. São Benedito da Comitiva da Praia. 2018. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

Não só as imagens das comitivas e da igreja tomam centralidade na vida do bragantino de abril a dezembro, mas uma variedade de imagens de São Benedito, que no ambiente doméstico ou do trabalho fazem parte do cotidiano e da vida dos devotos.

A relação com o santo é muito particular, individualizada, íntima, o que permite ao devoto conversar com o mesmo e escolher a imagem que lhe apresenta maior intimidade (qualquer que seja a imagem), e, assim, trocar ideias, reclamar, pedir, chorar, lamentar-se, pedir perdão e fazer promessas. A maioria das pessoas se refere ao Santo como uma pessoa viva, um representante de Deus, que diante dos mortais pode operar milagres, restituir infortúnios, reconduzir a vida e devolver a autoestima.

Essas muitas dimensões em torno das imagens do santo refletem como os sujeitos participam da festa e interagem com São Benedito nos muitos espaços onde essas imagens circulam e são simbolicamente socializadas, expressando a devoção das pessoas (e de suas famílias) ao mesmo tempo que desvela disputas de narrativas, sentidos e representações entre esses muitos sujeitos que “fazem” a Marujada.

2.7.2. A imagem do altar e a imagem do andor

Há todo um jogo identitário com a imagem do santo, sendo considerada como a imagem original aquela que se encontra no altar da Igreja do Glorioso São Benedito de estilo barroco, considerada como a imagem “verdadeira”, com força muito milagrosa. Entre 2013 e 2014, foi produzida uma réplica dessa imagem, a qual vem desde então sendo utilizada na procissão solene, mencionada como o santo do andor, o santo peregrino. Este santo é também muito homenageado e prestigiado pelos devotos (Figura 40).

Figura 40 – São Benedito no andor sendo ornamentado para a procissão solene: réplica produzida entre 2013 e 2014. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



A imagem de São Benedito do altar original é de autor desconhecido, esculpida em madeira pinho-de-riça (*Pinus Sylvestris*). Veio de Portugal, na segunda metade do século XVIII. Essa imagem, que hoje se encontra no altar principal da Igreja de São Benedito, até 2013 era a que arrastava multidões por ocasião das celebrações de São Benedito. Posteriormente, a imagem foi substituída por uma réplica (Figura 39) que até os dias atuais é colocada no andor da procissão no dia 26 de dezembro de cada ano.

Tanto esta imagem de São Benedito do Andor quanto as outras que acompanham as três comitivas nas esmolações e aquela do Santo do altar estão com as vestes tradicionais de São Benedito: o hábito franciscano, em cor preta, envolto na cintura por um cordão e um terço. O cordão na cintura faz referência ao cordão de São Francisco, a forma como esse santo se assemelhava aos pobres.

Estas imagens são centrais no dia 26 de dezembro, ápice da Festa e Marujada de São Benedito. São a elas que os devotos e promesseiros oram e agradecem pelas bênçãos e graças alcançadas. Elas que despertam muitas emoções e são admiradas e homenageadas dentro da Igreja de São Benedito e ao se percorrermos as ruas de Bragança na procissão.

2.7.3. A imagem do Santo na Comitiva dos Campos

A imagem de São Benedito levada pela Comitiva dos Campos é de madeira e nela o Santo tem um ramo de flores entre as mãos. Foi moldada com o mesmo vestindo o hábito franciscano, com o cordão e terço na cintura.

Anteriormente, a imagem portada era feita de gesso, porém, pelo seu uso contínuo e contato direto das pessoas com a mesma, ela foi se desgastando e substituída por outra em madeira, produzida pelo escultor Valdeci dos Santos, com o mesmo material das imagens das outras duas comitivas.

A atual imagem de São Benedito dos Campos é ornamentada com flores, fita e grinalda. O cesto que carrega em suas mãos tem pequenas rosas artificiais nas cores branca, vermelha, azul e amarela. A sua cabeça é mais alongada e sua boca se destaca pela cor vermelha. Ao redor do pescoço carrega dois terços. A fita na cintura do santo, usada ao longo das esmolações, é feita com um tecido azul em sua base.

2.7.4. A imagem do Santo na Comitiva da Colônia

A imagem de São Benedito da Comitiva da Colônia é vista e descrita por devotos como um indivíduo “baixinho, magrinho”. Também na cor preta com detalhes em dourado, a imagem foi esculpida como vestindo o hábito franciscano, com o cordão e terço na cintura. É feita de madeira e também carrega uma cesta de flores nas mãos, como as imagens das outras comitivas. Alguns devotos consideram essa imagem como a mais antiga dentre as que peregrinam nas esmolações.

2.7.5. A imagem do Santo na Comitiva da Praia

A imagem de São Benedito da Comitiva da Praia é vista como “um negro baixo, gordinho, ele é grossinho”. Contam os esmoleiros que ele é gordinho porque, percorrendo as praias, come muito peixe. A imagem de São Benedito da Praia é feita em madeira, na cor preta. Sua roupa é um hábito franciscano, preta com detalhes em dourado, com o cordão e terço na cintura. Assim como as outras duas imagens, o santo é ornamentado com grinalda, fita e buquê de flores. Além do buquê que já é da imagem, existem outros arranjos de flores artificiais nas cores vermelha, azul, amarela e branca. Nesta Imagem identificamos três decorações com grinaldas diferentes.

Nas esmolações, ao sair das casas dos promesseiros, a imagem do Santo é geralmente conduzida por uma mulher, que o acomoda em suas mãos, sendo protegidos (a imagem e seu portador) com uma sombrinha ou guarda-chuva. Percebe-se, contudo, que a imagem do santo é tratada tal qual se trata uma pessoa, cercada de cuidados e proteção. Do mesmo modo, há um preciosismo e esmero nas acomodações que receberão o santo.

A comoção que o Santo provoca é geral. Tomados de emoção, os promesseiros e os convidados que acompanham as comitivas de uma casa a outra na entrega e recepção do santo, expressam diferentes sentimentos: choram, fazem promessas, agradecem, estabelecem com o santo uma relação de intimidade e segredo, percebida pelas expressões corporais que transmitem forte carga emocional, súplica e gratidão. Isso pode ser observado ainda nas homenagens prestadas nas ruas durante a Procissão Solene, no dia 26 de dezembro.

2.7.6. HOMENAGENS A SÃO BENEDITO

As homenagens a São Benedito podem ser definidas como formas de expressão de fé e crença dos devotos, em que estes externalizam seus agradecimentos, respeito e admiração pelo santo e por seus poderes enquanto intermediário entre os homens e Deus. As homenagens se manifestam de diferentes maneiras, já que o devoto mantém com o santo uma relação particular. Uma das formas de homenagear o santo, e a mais visível ao público que acompanha as procissões, são as homenagens nas casas e ruas dos devotos. Entre a casa e a rua, o privado e o público, elas se realizam e agregam muitas pessoas em torno da festa.

Por meio de uma infinidade de decorações, ornamentações do santo sobre as janelas, as mesas, ou em pequenos altares, as famílias criam e recriam uma atmosfera de alegria, festejo e comemoração. Há, além disso, fogos de artifícios que, na maioria das vezes, são queimados na Alvorada, na chegada do Santo da Praia, da Colônia e dos Campos, nas procissões e nas peregrinações das comitivas por entre as casas dos promesseiros. Mas, também, homenagens por meio de corais e cânticos, além de ventarolas e velas. Essas homenagens, na maioria das vezes, envolvem também comidas, que são servidas antes e depois da Procissão Solene. No entanto, a principal ligação entre o santo e as famílias é a devoção, não tendo necessariamente uma obrigação ou promessa. A figura 41 retrata uma dessas homenagens que as famílias fazem para ver o santo passar no principal dia da Marujada, demonstrando o respeito e a devoção a São Benedito.

Entre as famílias que prestam as homenagens ao santo, estão tanto aquelas “tradicionais” e de reconhecido prestígio social na cidade, como também famílias de pessoas simples, do “povo”, que querem demonstrar sua devoção e admiração ao Santo Preto, como aquelas localizadas no Riozinho – bairro periférico de Bragança que foi incorporado no trajeto da Procissão Solene após mudanças feitas pela Diretoria da Festa em 2018. Neste bairro, os moradores e suas famílias padronizaram a ornamentação para homenagear o santo, trazendo nos enfeites elementos culturais próprios da Marujada. Essas homenagens se intercalam entre as fachadas e os muros das casas e em pontos específicos da rua por onde São Benedito passará.



Figura 41 – Homenagem de rua no bairro do Riozinho. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

A maioria das famílias começa a ornamentar sua residência na própria manhã do dia 26 de dezembro, geralmente após a missa campal. Na entrevista realizada em 2019 na casa de Leila Rotterdam, percebemos, logo cedo, o frenesi que antecede a procissão. As mudanças dos hábitos domésticos já denotam o envolvimento de parte dos membros da família com os preparativos da decoração que irá compor a homenagem para São Benedito.

Incorporado recentemente no trajeto da procissão de São Benedito, o bairro do Riozinho traz algumas peculiaridades quanto às homenagens prestadas ao Santo. A exemplo de uma casa na avenida Nazeazeno Ferreira onde, além de apresentar elementos característicos da ornamentação já elencados acima, observou-se a presença de uma pequena banda que cantava músicas da Festividade para louvar a São Benedito na passagem da Procissão. E na travessa Dom Pedro I, vemos o empenho dos residentes em enfeitar ricamente suas casas para esse dia, de forma que se destaca bastante ao compararmos com o trecho percorrido entre a alameda Leandro Ribeiro, a travessa Cel. Antônio Pedro e o Instituto Santa Teresinha.

Mas nenhum outro trecho das homenagens é mais emblemático do que aquele da rua Pinheiro Júnior, entre a desembocadura da procissão na travessa Dom Pedro I e uns 100m depois da travessa Florêncio Souza. Não somente as casas dos moradores são decoradas, como a própria rua recebe toda uma ornamentação especial para a passagem da procissão.

Na ornamentação, são postos os chapéus e as bandeiras, de forma intercalada. Alguns destes chapéus são afixados nos postes de eletricidade. Essa decoração com chapéus e bandeiras só ocorre por conta do grande trabalho realizado na tarde do dia 26 de dezembro.

O ápice das homenagens ocorre quando o santo se aproxima da orla da cidade. As músicas e louvores que estão ecoando das casas dão lugar ao som das explosões dos fogos que anunciam a Procissão e alcançam uma dimensão maior. Fogos de artifícios ficam preparados antecipadamente próximo ao rio, e um som ensurdecedor toma conta da cidade. É o momento em que o santo se aproxima da Igreja e quando a procissão se encerra.

2.8. DANÇAR A MARUJADA: RITMOS E DEVOÇÃO

É lundu, é xote, é chorado,
É mazurca e é retumbão.
Pés descalços dançando, bailando.
Marujada no barracão.

Festividade. 2002
Edu Filho & Júnior Soares.

Durante a Festividade do Glorioso São Benedito em Bragança, um conjunto de sons e ritmos característicos da cultura africana e dos salões aristocráticos europeus dão o tom ao bailado de marujas e marujos, que em seus trajes típicos colaboram para fazer da Marujada um momento de manifestação da devoção ao santo, ao mesmo tempo em que representam um espetáculo cultural à parte nos lugares onde ela ocorre, aqui em especial, a cidade de Bragança.

Com seus ritmos próprios, a Marujada é sobretudo, um ritual de dança. Quando executado no contexto da festa, designa tanto o seu caráter sagrado, como também o profano. Por serem carregadas de significados, as danças da Marujada são conduzidas, em geral, pelas autoridades femininas da Irmandade (capitoa e vice-capitoa), as quais são figuras centrais em diversos momentos do ritual.

Fundamentadas por uma espécie de “código de conduta” conhecido entre os que compartilham daquele momento, as danças devem seguir o que dita a “tradição” dentro da Marujada, implicando, sobretudo, em respeito às regras estabelecidas para aquela ocasião. O que, basicamente, significa trajar-se com a indumentária apropriada (roupa e chapéu), conforme a padronização da mesma (em termos de cor, tecidos, modelos e acessórios) e manter um comportamento considerado adequado durante o rito.

Assim, entre o dia 18 de dezembro e 1º de janeiro de cada ano, marujas e marujos dançam com seus trajes específicos, orientados pelo calendário de celebrações relacionadas ao evento. As danças têm início com os ensaios da Marujada, realizados no espaço do seu barracão, durante os dias pares do mês de dezembro (12, 18, 20, 22 e 24). Nessa ocasião, os participantes devem vestir camisetas de manga curta, geralmente com motivos religiosos, cabendo às mulheres complementar a indumentária com saias longas e rodadas estampadas em flores coloridas, e aos homens com o uso de calça comprida.

Em 18 de dezembro, com a alvorada, a festa começa oficialmente. Trajando sua veste azul e branca (saia azul e blusa branca para as mulheres e camisa de manga comprida azul e calça branca para os homens), as marujas reúnem-se nas primeiras horas da manhã para a dança da roda em torno da Igreja de São Benedito.

Já no dia 26 de dezembro, estas trajam saia vermelha e blusa branca e os marujos camisa de manga comprida e calça branca, para dançarem no Teatro Museu da Marujada durante praticamente todo o dia, parando apenas no momento do grande cortejo durante a tarde, quando a imagem de São Benedito é conduzida pelas ruas da cidade de Bragança.

Nos dias 31 de dezembro e 1º de janeiro, em trajes azul e vermelho, respectivamente, a Marujada mais uma vez dança no horário da noite. Durante este último dia, especificamente, novamente as marujas se organizam na dança da roda contornando a Igreja de São Benedito, para a despedida festiva da Marujada.

Tradicionalmente são oito as expressões dançantes da Marujada: a Roda, o Retumbão, o Chorado, a Mazurca, o Xote, a Valsa, a Contradança ou Bagre e o Arrasta-pé.

2.8.1. RODA

A dança da roda, juntamente com o retumbão e o chorado, representam as principais expressões do repertório da Marujada. Ela demarca o início e o término de todo o ritual dançante e representa a origem da festa. Praticada anteriormente pelos negros escravizados, esta dança correspondia a um tipo de reverência feita por eles aos seus senhores como forma de agradecimento.

No âmbito da festividade de São Benedito, na alvorada do dia 18 de dezembro, a roda é executada exclusivamente pelas marujas, trajadas com suas vestes azuis, dando início à abertura da festa.

Com a capitoa e a vice-capitoa ao centro, em posição de destaque, como autoridades que são, a dança da roda começa quando em torno delas as demais marujas, tendo à frente a figura das “cabeças de linha”, dispõem-se em duas filas laterais, uma à direita e outra à esquerda, para em seguida começarem a sua evolução. Com grande responsabilidade, as “cabeças de linha” são marujas mais experientes, cabendo a elas coordenar a execução dos passos e auxiliar na

observação do cumprimento das regras de conduta e da apresentação visual das mesmas marujas.

Durante a dança da roda, quando a capitoa e sua vice se colocam ao centro do círculo girando em torno de si mesmas, a “cabeça de linha” e as outras marujas devem dar meia volta para a direita, retornando à sua posição inicial, dar um passo à frente e, em seguida, repetir o movimento para a esquerda, e mais uma vez, retornando à sua posição do início, girando sem parar de um lado para outro.

Na Alvorada e no encerramento da temporada festiva feita pela Marujada em 1º de janeiro, a roda finaliza após todo o grupo de marujas dar três voltas ao redor da Igreja, permanecendo no centro a capitoa e a vice-capitoa, seguidas no cortejo pelos marujos e pelos músicos. Vale ressaltar, que nessa dança os marujos são limitados à condição de assistentes.

2.8.2. RETUMBÃO

Corresponde à segunda das oito danças performadas pela Marujada e, juntamente com a roda e o chorado, compõe o que há de mais tradicional nessa festa. Segundo Armando Bordallo da Silva (1959), o retumbão representa o motivo musical mais característico dessa manifestação cultural.

Guiado pelo ritmo do lundu, o retumbão mistura as batidas do tambor e do pandeiro com os acordes da rabeca e do banjo. A estes, juntam-se, ainda, os estalos das castanholas feitas da “casca de taperebazeiro” (árvore de taperebá – *Spondias mombin* L.), que com sua percussão rítmica complementam a musicalidade da dança e orientam, especificamente, os marujos na encenação de sua coreografia.

Desse modo, no retumbão os homens assumem um papel de destaque, iniciando e terminando a evolução e, ao lado das marujas, bailam em um compasso binário e em movimentos leves, porém ágeis, do corpo. Os primeiros a dançar são o capitão e o vice-capitão da Marujada, os quais começam sua performance com giros rápidos realizados sob o estalo das castanholas, para em seguida se dirigirem à capitoa e à vice-capitoa, convidando-as a bailar no centro do salão, fazendo reverência com as mãos e batendo fortemente com os pés diante das mesmas.

Quando todas as marujas e todos os marujos que aguardavam em lados opostos da roda se apresentam, os pares de capitão/capitoa e de vice-capitão/vice-

capitoa, retornam ao centro da mesma evoluindo por mais alguns instantes e em seguida encerram a dança.

A complexa coreografia do retumbão e o destaque que é atribuído a ele entre as danças da Marujada, exige dos participantes habilidade com a desenvoltura da coreografia, provocando expectativas e as vezes, disputas entre os que se encontram no salão. Além disso, afinidade e parceria são também fundamentais entre as marujas e os marujos que dançam, já que a experiência como participante do ritual, leva os mais visados a criarem predileção por parceiros específicos com quem compartilham a atenção durante o compasso e os volteios do retumbão.

2.8.3. CHORADO

Configura a terceira das encenações musicais e dançantes realizadas por marujos e marujas de São Benedito durante a sua festividade. Como o retumbão, o chorado tem origem também na cultura afro-brasileira, sendo ainda considerado uma espécie de sua variação. Diferencia-se daquele, entretanto, por apresentar um ritmo com melodias mais lentas e melancólicas, a partir das quais sua coreografia se caracteriza pela performance individual de cada casal que, respeitando a hierarquia da Marujada, passa a evoluir no centro do salão, tendo os demais marujos como expectadores.

Há no chorado um protocolo performático que tem início com o convite dos que se encontram evoluindo sozinhos no núcleo da roda. Nesse momento, segundo as autoridades, deve-se respeitar o “código de conduta” do ritual que obriga o escolhido a aceitar o convite.

Assim, apesar de se assemelhar circunstancialmente ao retumbão, as especificidades do chorado fazem dele uma dança de difícil execução, pois exige domínio na desenvoltura dos passos e, conseqüentemente, segurança diante da exposição advinda com a dança.

2.8.4. MAZURCA

Originária da Polônia e introduzida no Brasil por volta do século XIX, a mazurca abre o repertório de danças europeias que foram com o passar do tempo incorporadas ao ritual da dança da Marujada. Na Europa, configura entre os ritmos musicais germânicos de proveniência popular que chegaram aos salões burgueses no início daquele mesmo século.

Em Bragança a mazurca recebe traços peculiares, sendo executada, tal como as outras danças que embalam marujas e marujos durante a festividade de São Benedito, com os pés descalços e também na forma de “dança em roda” ou circular, na qual sob o ritmo acentuado do tambor, os pares movimentam-se lado a lado, atribuindo-lhe assim características regionais.

Cantada e dançada em compasso ternário, a mazurca apresenta um balanço acelerado e, ao contrário das danças anteriores, capitoa e capitão escolhem livremente seu par.

2.8.5. XOTE

Dança de salão oriunda da Hungria, marcada por um compasso coreográfico binário ou quaternário. É executada em pares que, em Bragança, podem ser mistos (homem e mulher) ou femininos (mulher e mulher). O xote apresenta uma grande popularidade entre os habitantes da região, constituindo uma significativa expressão da identidade local. Estes fatores o levaram a ser incorporado às danças da Marujada, configurando como atrativo dos jovens que se reúnem no Barracão, juntamente com os mais velhos, para bailar em honra à São Benedito.

Para os diferentes sujeitos partícipes do ritual da dança, a execução do xote configura também um momento de grande descontração e divertimento, visto que o mesmo faz parte de outros eventos culturais da cidade de Bragança, geralmente frequentados pela maioria de marujas e marujos.

No entanto, é preciso lembrar que, embora seja considerado o ápice do momento festivo do contexto da dança da Marujada, o xote executado ali diferencia-se, segundo alguns, do observado nas festas do circuito comercial de Bragança e região. Não são permitidas, por exemplo, performances tidas como contrárias ao “código de conduta” de marujas e marujos.

2.8.6. VALSA

Dança europeia que, como a mazurca, tem origem germânica popular. Caracteriza-se por um compasso ternário executado em círculos pelos pares. Estes, no âmbito da Marujada, podem ser livremente formados entre marujos e marujas, que durante o bailado se encontram no espaço do Barracão. Sua performance varia de acordo com sua evolução, que pode ser executada em ritmo acelerado, moderado ou lento. Quando deste último, a valsa se configura como uma dança inversamente proporcional à mazurca, visto que esta possui um ritmo e movimentos mais ágeis (RODRIGUES; SARQUIS, 2018).

Por se tratar de um símbolo clássico dos salões aristocráticos, a valsa exige movimentos leves que acompanhem o ritmo e a dinâmica de sua melodia.

2.8.7. CONTRADANÇA (BAGRE)

De origem francesa, a contradança se assemelha a uma espécie de quadrilha e, em geral, o termo é utilizado para designar as “danças populares”. É comandada por um marcador que direciona a desenvoltura dos casais, determinando seus passos.

No quadro da Marujada, sua coordenação, fica a cargo do Presidente da Irmandade da Marujada de São Benedito, sendo esta dança a única em que o mesmo participa. Portanto, na condição de marcador ele tem um papel de destaque e de relevância na condução dos que se encontram dançando no salão.

Conhecida ainda como “dança do bagre”, em alusão as idas e vindas dos casais, que lembram o movimento do peixe bagre no rio Caeté (rio que banha a cidade de Bragança), esta dança representa mais um momento de lazer e descontração entre os marujos e as marujas, os quais reunidos em um grande círculo e em pares enfileirados executam uma coreografia de compassos binários determinados pelo “puxador”.

2.8.8. ARRASTA-PÉ

Semelhante ao forró, o arrasta-pé compreende, em geral, um tipo de baile popular ou ordinário. Tal como o primeiro, o arrasta-pé designa também confusão, farra, divertimento, ou seja, a festa propriamente dita.

Identificada como de origem nordestina, essa dança representa o forte regionalismo da cultura brasileira. E, em Bragança, a sua inserção ao contexto do ritual dançante da Marujada pode estar relacionada à significativa migração de nordestinos, sobretudo cearenses, ocorrida na região em fins do século XIX e início do XX.

A sua coreografia não se tornou no tempo uma dança oficial da Marujada, mas é executada conforme costume comum local, de dançar o forró, ou seja, em geral, em dois passos para a esquerda e dois para a direita, executados em duplas formadas por homens e mulheres ou mesmo entre somente mulheres.

2.8.9. ENTRE A TRADIÇÃO E O ESPETÁCULO

Para que as danças da Marujada sejam executadas faz-se necessário, portanto, reunir um grupo diversificado de marujas e marujos, composto tanto pelos mais velhos como também pelos mais jovens. O mesmo está sujeito às regras de conduta e comportamento exigidos para a ocasião e apontadas como “tradicionais” pelas autoridades e alguns membros da irmandade, que ainda se encarregam de fiscalizá-las.

Contudo, fora do calendário festivo da louvação de São Benedito, tais danças também ganham destaque nas programações dos eventos culturais promovidos ao longo do ano pelas Prefeituras municipais, tais como a de Bragança ou por outras entidades e instituições da região.

Ao ser declarada como Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Pará, por meio da Lei Estadual Nº 7.330 de 17 de novembro de 2009, a Marujada, de certa forma, conquistou com este dispositivo legal um status importante que contribuiu para o processo de manutenção de suas “tradições”, mas que por outro lado a levou a incorporar dinâmicas de espetacularização e mercantilização do seu ritual (FERNANDES, 2011). Com a espetacularização das danças, a Marujada, então, festeja “seu Santo Preto”, reforçando uma identidade local e simultaneamente, contribui para o incremento do turismo estadual.



Figuras 42 – Retumbão; e 43 –
Chorado. 2019. Foto: Magda Costa.
Acervo do INRC Marujada.





Figura 44 – Dança do Xote. 2019.
Foto: Magda Costa. Acervo do
INRC Marujada.

Figuras 45 – Contradança. 2019.
Foto: Magda Costa. Acervo do INRC
Marujada.



Figura 46 – Ensaio da Marujada no Barracão. 2019. Foto: Magda Costa. Acervo do INRC Marujada.



2.9. BENEDITO COZINHEIRO, ALMOÇOS E LEILÃO

A alimentação e os rituais que envolvem a comensalidade adquirem caráter central em diversos momentos da festa e da preparação para os eventos da Marujada. Nas memórias, na literatura e na pesquisa histórica essa referência geralmente surge associada à história da vida do frei Benedito. Segundo as memórias e a literatura, Benedito foi nomeado cozinheiro do convento, sendo um leigo, sem função ministerial e, depois, em uma cozinha para dezenas de frades, demonstrara a paciência e o espírito de sacrifício necessários para a função.

Vários dos milagres atribuídos a São Benedito, antes e depois de sua entrada no convento de Palermo, são relacionados à alimentação, como o caso do banquete dos anjos. Em uma ocasião, no Natal, Benedito teria que fazer um grande banquete no convento e ele optou por ao invés de cozinhar entrar em oração e, na hora de servir o almoço, mandou soar o sinal, tendo dois anjos cozinhado para Benedito.

O outro caso notório associado aos milagres do santo é que, na falta de alimentos no convento, Benedito mandou encher tachos de água e cobriu com panos de prato, ao amanhecer, os tachos estavam cheios de peixes vivos. Benedito não admitia desperdícios e falava que a comida era o “sangue dos pobres” e sempre recolhia os restos das refeições para fazer doações ou utilizar em uma próxima refeição (BESEN, 2004).

Esses milagres e outras posturas de Benedito em relação aos pobres o tornaram popular entre os mesmos, sendo que a popularidade do santo hoje ultrapassa o recorte de classe. Nas entrevistas, frequentemente surgiram referências a São Benedito ligadas à fartura com muitos devotos possuindo uma imagem de São Benedito em sua cozinha, todos os dias deixando uma xícara de café e fazendo uma oração para que em sua casa tenha sempre fartura.

Um traço marcante dos eventos da Marujada de São Benedito de Bragança é justamente a presença de alimentos, tanto para suprir uma necessidade nutricional dos extensivos momentos da festa, como para se confraternizar, e para também comer junto, dividir a comida. Observamos, então, que diversas são as fases rituais onde a comensalidade está representada.

2.9.1. ALMOÇO DOS JUÍZES

Uma das atribuições dos juízes são os almoços servidos nos dias 25 e 26 de dezembro, cada dia é de responsabilidade de apenas um, sendo que há uma troca de um ano para o outro: se um dado ano o dia 25 é o almoço da juíza, no outro ano é do juiz. Ex-juízes e ex-juízas da festividade relatam as mudanças ao longo dos anos, pois em anos anteriores não existiam locais que comportassem todas as pessoas para o almoço, época que eram construídos barracões para esse fim. Atualmente os almoços ocorrem em locais próprios para eventos.

Historicamente as mesas nos almoços dos juízes eram dispostas como um retângulo fechado, do lado esquerdo as marujas, do lado direito os marujos, sendo essas mesas cobertas com tecido, papel laminados ou toalhas, garrafas de refrigerantes, garfos e colheres. Ao fundo ficavam as autoridades, convidados, políticos, intelectuais, a capitoa e a vice e os juízes, que ficam no centro, sendo que nessas mesas são dispostos pratos decorados, travessas inoxidáveis, garrafas de refrigerantes e cerveja, taças, um arranjo com flores ao centro, talheres e um castiçal com velas

Atualmente observamos o aumento da quantidade de marujos e marujas participando, além do público convidado em geral (Figura 47). Há disposição de várias outras mesas aleatórias, além das mesas que formam o retângulo que não é mais fechado. É preparada uma decoração na entrada e a mesa das autoridades fica ao centro do local, o que se pode visualizar na figura 48.



Figura 47 – Disposição das mesas no Almoço da Juíza. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

Figura 48 – Agradecimento realizado pelo Sacerdote para iniciar o almoço. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



Tanto no dia 25, em que a marujada dança no Barracão, quanto no dia 26, no Museu, ao se aproximar do meio-dia os participantes dirigem-se para o local onde será servido o almoço. Esse trajeto é realizado em cortejo organizado, as marujas e marujos vão em filas dançando, as autoridades da festa ao centro e sempre acompanhadas por músicos do Regional da Marujada. Ao chegar no local ocorre a dança da roda, executada pelas marujas. Após reverências aos juízes da festa (Figura 49), as marujas se sentam nos seus devidos lugares e, na sequência, é composta a mesa das autoridades (Figura 50), após os convidados serem chamadas pelo presidente da Irmandade.



Figura 49 – Reverência aos Juízes da Festa. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

Em relação ao cardápio, os juízes afirmam que em seus almoços não existiu a diferenciação do que foi servido, sendo a mesma comida para as autoridades, convidados, marujos, marujas e público em geral.



Figura 50 – Mesa das autoridades sendo servidas no Almoço do Juiz. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

Figura 51– Marujas e Marujos Servidos com Pratos Feitos no Almoço da Juíza. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



Nos últimos anos foram servidos peixe frito, frango em cubinhos e bife de panela. As bebidas foram sucos, água e refrigerante e destacando que bebidas alcoólicas atualmente são proibidas. Observou-se tanto no almoço do dia 25 como no do dia 26 que estavam presentes uma grande quantidade de marujos e marujas que junto dos demais presentes contabilizavam por volta de 500 pessoas.

Ao final do almoço são convidados membros das comitativas de São Benedito presentes para rezar o bendito (de forma cantada).

Figura 52 – Pratos sendo Preparados para Servir Marujos e Marujas no Almoço da Juíza. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



2.9.2. LEILÃO DA FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO

O Leilão é realizado no dia 26 de dezembro por volta das dez horas da manhã e acontece depois da missa solene. Atualmente ele acontece no Salão Beneditino, O leilão tem início de fato quando saem as comitivas de São Benedito no mês de abril, momento em que as comitivas saem esmolando ao passar nas residências que têm promesseiros já são entregues donativos para os encarregados das comitivas.

Os animais de grande porte que são leiloados, são deixados em uma fazenda nas proximidades de Bragança. Neste local os víveres são catalogados, marcados e filmados para serem exibidos durante o leilão em um telão, para evitar que os compradores tenham que se deslocar até o caminhão em que os animais ficam, em frente ao local que ocorre o evento. Na figura 53, pode-se observar os animais que foram para o leilão no dia 26.

Figura 53 – Animais para o Leilão na Fazenda do Sr. Benedito. 2019. Foto: Natália Aviz. Acervo do INRC Marujada.



Os promesseiros que têm a intenção de fazer a doação entram em contato com os organizadores do leilão, e então vai uma pessoa à residência, sítio ou a fazenda do doador para buscar o animal doado para ser levado à fazenda. Os organizadores também entram em contato com empresários locais que fazem doações.

As doações são chamadas também de joias, dádivas ou oferendas e que alguns promesseiros vão entregar dias antes do leilão, ainda que em sua maioria os donativos cheguem no dia. Momentos antes do leilão, pessoas chegam com variados produtos como cachos de pitombas, paneiros de farinha, animais de pequeno porte, frutas, aves, etc.

Muitos dos objetos a serem leiloados já se encontravam no Museu da Marujada e foram levados para o Salão Beneditino após a missa. Entre esses itens observamos uma variação muito grande de itens para serem leiloados como quadros retratando São Benedito, bolos decorados com o tema marujada, móveis, utensílios domésticos, toalhas de mesa, toalhas de banho e kits de perfumaria, além dos animais.

Figura 54 – Donativos para o Leilão da Festividade de São Benedito. 2019. Foto: Natália Aviz. Acervo do INRC Marujada.





Figura 55 – Panorama do Leilão da Festividade de São Benedito. 2019. Foto: Natália Aviz. Acervo do INRC Marujada.

Por volta de dez horas da manhã do dia 26 de dezembro tem início o leilão. Tradicionalmente o locutor inicia o leilão apresentando um fardo de pitomba (*Talisia esculenta*). Essas pitombas costumam ser arrematadas e doadas para os presentes no local, que podem degustar as frutinhas e brincar de jogar as cascas das pitombas uns nos outros.

Os marujos e marujas também participam do leilão, sendo encarregados de algumas funções. O próprio locutor estava trajando a roupa de marujo, assim como as mulheres que tomavam nota do que estava sendo leiloado estavam vestidas de maruja.

Silva (1997) afirma que o leilão é um momento em que os participantes podem se destacar a depender do seu comportamento. O autor comenta que o leilão parece reviver o mito do “senhor”, onde alguém arremata um donativo por um valor razoável e presenteia um amigo com este. Para o autor há toda uma hierarquia de poder representada no ato de arrematar um donativo por um valor e depois de alguns minutos outra pessoa arrematar um donativo igual por uma quantia bem superior.

Figura 56 – Pitombas no Leilão. 2019. Foto: Natália Aviz. Acervo do INRC Marujada.





... fomos de casa em casa, de devoto em devoto, atravessando outros municípios, longe, distante. Lá onde não vai carro, não vai moto, lá onde o acesso é de pés mesmo. Tudo por amor, tudo por devoção, tudo pra não deixar acabar essa riquíssima devoção que nós temos por São Benedito e por essa terra chamada Bragança do Pará.

José de Moraes de Brito, Zezinho, encarregado de comitiva. INRC Marujada. PINTO, Roseane. Bragança-PA. 16.12.2018.

Figura 57 – Comitiva de esmolação de São Benedito pelos interiores. s/d. Foto: Acervo de João Batista Pinheiro.

2.10. ESMOLAÇÕES DAS COMITIVAS DE SÃO BENEDITO

Enquanto a Marujada e Festividade de São Benedito ocorrem em Bragança de 18 a 26 de dezembro, outro momento importante acontece entre abril e dezembro, são as esmolações para o santo, nas quais se arrecada parte dos recursos que serão utilizados em sua festa.

Cada comitiva sai da Igreja de São Benedito em um final de semana diferente, a fim de que marujas e marujos possam participar de todos esses ritos. Nesses momentos, as marujas se posicionam em duas linhas, lideradas pela capitoa e vice-capitoa que vão ao centro, e acompanham a cerimônia de saída de cada uma das comitivas de São Benedito, vestidas com suas saias estampadas e rodadas. Para o presidente da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, esse momento de saída das comitivas já é Marujada porque elas são acompanhadas por esse corpo de irmãos e irmãos de devoção. A Marujada é uma forma de celebrar São Benedito, entre rezas e danças, e na região bragantina, um existe em função do outro, a devoção ao santo e sua celebração.

As esmolações ao Santo Preto acontecem em um circuito que vai de Bragança a Ourém (Comitiva de São Benedito da Colônia), de Bragança a São João de Pirabas ou até Salinópolis (Comitiva de São Benedito dos Campos) e pela região litorânea de Bragança e municípios vizinhos até Carutapera, no Maranhão (Comitiva de São Benedito da Praia). Quanto à denominação das comitivas de São Benedito, observamos ao longo da pesquisa pequenas variações: além de comitiva, o termo comissão, e, às vezes, os nomes são mencionados no plural, das Praias, das Colônias.

Por onde seguem, as comitivas não passam despercebidas. O som dos tambores e da onça, em conjunto com os demais instrumentos de percussão, são ouvidos de longe pelos moradores das cidades, vilas e localidades, anunciando que São Benedito está passando, chegando nas casas dos devotos que pedem e agendam a sua visita, e em torno do qual se organizam as folias.

Nas caminhadas para esmolações e folias, reúnem-se:

- Esmoleiros ou foliões: primeiro, dois membros da comitiva balançam e entrelaçam cada qual uma bandeira com desenho da imagem do santo; seguidos pelo

encarregado, que traz a caixa do santo, depois uma pessoa com uma toalha trabalhada em bordado e renda com a qual carrega a imagem de São Benedito e que segue acompanhada por outra pessoa que segura um guarda-chuva para que possam se proteger do sol e da chuva; e os tocadores da comitiva com seus instrumentos – todos portando, sobre suas roupas, uma opa amarela com gola branca e desenho do santo no lado esquerdo do peito. A eles se juntam outras pessoas que acompanham o trajeto até a casa do promesseiro.

- Promesseiro: quem solicitou a visita do santo e vai receber a comitiva em sua casa para pagar uma promessa feita pela família e que também recebe e alimenta vizinhos, visitantes e parentes, bem como faz doação em dinheiro e/ou víveres ao santo (Figuras 58 e 59).

Figura 58 – Promesseira recebendo a Comitiva de São Benedito da Colônia em Bragança, ladeada por marujas. 2019. Foto: Natália Aviz. Acervo do INRC Marujada.





Tais práticas são antigas e se mantêm vivas como manifestações do catolicismo desenvolvido pelas populações caboclas na região amazônica (BORDALLO DA SILVA, 1959: 49) e ainda mais ritualizadas, com os momentos de chegada na cidade e de entrada na Igreja de São Benedito ganhando maior proporção tanto em número de participantes quanto em envolvimento da igreja católica nesses momentos no cenário da cidade.

A chegada da comitiva é, para os que se encontram à espera na casa da promessa ou do promesseiro, um momento de grande emoção. São Benedito vai chegar lá em casa! Assim muitas pessoas convidam parentes, vizinhos e amigos para se juntarem nesse compromisso que envolve o promesseiro e o santo. O espocar de foguetes e o toque do tambor sinalizam aos moradores que ele está chegando. Então, a casa se torna um espaço ritual ao receber o santo (CHAVES, 2014: 252), onde passam a ocorrer orações e cantos, além de comensais, como parte da recepção que os devotos/promesseiros se comprometeram antecipadamente a fazer à comitiva.

Conformam ofertas ao santo: alimentar e/ou oferecer um pouso para a comitiva, entregar certa quantia em dinheiro, animais de criação, farinha de mandioca ou até outras prendas. As ofertas no geral são entregues aos encarregados. Mas receber São Benedito também inclui oferecer refeições (café, lanche, almoço, jantar) aos que estiverem presentes na casa durante a visita. Afinal, São Benedito “(...) representa comida farta. Onde tá São Benedito tem fartura, aí o pessoal chega e faz toda refeição, come e bebe. E no outro dia ainda tá sobrando!”, como afirmou um encarregado de comitiva.

2.10.1. ORGANIZAÇÃO DAS ESMOLAÇÕES A SÃO BENEDITO

As esmolações para São Benedito partindo de Bragança ocorrem anualmente e sem interrupção ao longo das décadas. Exceção foi o ano de 2020, pois a pandemia da Covid-19 impôs limitações às atividades tradicionalmente programadas.

O tempo das esmolações para a festividade de São Benedito compreende os meses de abril a dezembro. As datas de saída e de chegada variam, de acordo com um planejamento que inclui o pároco da Igreja de São Benedito e os encarregados das três comitivas, com a participação do presidente da Irmandade da Marujada. Buscam atender os pedidos feitos por fiéis para receber o santo em suas casas e,

assim, pagar promessas feitas a ele. Dessa articulação, desde o começo do ano, resultam os recursos que vão garantir a realização da festividade em dezembro, juntamente com as doações e serviços que envolvem fiéis e admiradores das mais variadas origens e condições sociais, incluindo empresários, políticos e instituições públicas e privadas.

Nos últimos dez anos a saída das comitivas deixou de ocorrer em maio para se dar em abril, pois passou-se a ter “mais promesseiros, teve mais pessoas que quiseram, aí tem que sair mais cedo pra atender todo mundo”, como informou um dos encarregados. A Igreja orienta a saída das comitivas após a passagem da Semana Santa.

Houve tempo em que esse início das esmolações para a festividade de São Benedito se dava mais tarde. Armando Bordallo da Silva, cujos registros são do final da década de 1950, menciona o mês de junho como aquele no qual se dava a saída das comitivas de São Benedito em Bragança (BORDALLO DA SILVA, 1959: 59). De junho para maio, de maio para abril, a saída das comitivas para esmolação foi sendo adiantada considerando-se a necessidade de atender os pedidos de visitação feitos por um número maior de pessoas interessadas em receber o santo e sua comitiva, mas em conciliação com o calendário litúrgico da Igreja Católica.

A Igreja Católica recebe e administra os recursos provenientes das doações dos fiéis ao Santo Preto entregues aos encarregados ou depositados na igreja. O padre da Igreja de São Benedito seleciona os encarregados de cada comitiva, dentre os foliões mais experientes e responsáveis.

Depois de chamados os esmoleiros ou foliões e realizada a reunião com o padre, cada encarregado, já de posse de um “mapa” (lista) com o roteiro das casas a serem visitadas por sua comitiva, passa a cuidar de eventuais reparos nos instrumentos e daquilo que precisarão levar para os meses de caminhada.

Há dois momentos no circuito das esmolações. O primeiro, de abril a dezembro, que se dá pelos interiores. O segundo, bem menor, ocorre na área urbana de Bragança, entre o final de novembro e o início da festividade do santo, em 18 de dezembro. Em resumo, são realizadas as seguintes etapas, com seus respectivos participantes:

- Saída da comitiva: há celebração na Igreja de São Benedito, onde o padre faz recomendações, abençoa os membros da comitiva e, ao final do rito, sai da igreja

carregando a imagem do santo. Além deles, participam da celebração o presidente da Irmandade da Marujada de Bragança, marujas e marujos, bem como outros devotos e interessados. As marujas, vestidas com saias estampadas e blusas de malha com mangas curtas (geralmente com a imagem de São Benedito estampada na frente), organizam-se em duas linhas no Largo de São Benedito, tendo à frente a capitoa e vice-capitoa, e acompanham a caminhada da comitiva até a casa do primeiro promesseiro.

- Esmolações e louvores a São Benedito (entre abril e dezembro): a comitiva segue de casa em casa, a pé, cavalo, canoa ou de barco, dependendo do trecho, levando a imagem do santo até promesseiros, devotos e interessados, tocando instrumentos de percussão, balançando as duas bandeiras do santo, cantando folias em louvor e agradecimento, rezando ladainhas, visitando ou pernoitando na casa dos promesseiros, recolhendo doações (dinheiro, víveres e prendas diversas), fazendo refeições com precedência nos momentos em que as mesmas são servidas.

- Chegada em Bragança, com cada comitiva fazendo esmolações nos bairros de sua abrangência. A Comitiva de São Benedito da Colônia no bairro do Morro, Taíra, Alegre e adjacências. A Comitiva de São Benedito dos Campos no bairro do Perpétuo Socorro, Vila Sinhá, Padre Luiz e adjacências. A Comitiva de São Benedito da Praia no bairro da Aldeia, Centro, Padre Luiz e adjacências. E, em certos dias do período de esmolação na cidade, essas comitivas podem fazer pernoites e visitas com folias em outros bairros.

- Encerramento das esmolações: ocorre às vésperas da Festividade/Marujada do Glorioso São Benedito. O percurso entre a casa do último promesseiro e a Igreja de São Benedito é realizado com a participação de marujas e marujos. Esse momento é chamado de entrada do santo na igreja. Nele, as marujas novamente se encontram vestidas com as saias estampadas e as blusas de malha e a comitiva com suas opas amarelas. Chegando à igreja há celebração de agradecimento e bênção. Instrumentos, opas, bandeiras e a imagem do santo são recolhidas e guardadas na igreja. Na véspera dessa celebração, o encarregado da comitiva faz a prestação de contas à igreja do que foi arrecadado junto aos promesseiros e devotos.

As comitivas que realizam as esmolações para São Benedito são formadas somente por homens. Como indicado anteriormente, cada qual tem um chefe ou encarregado que orienta as atividades de esmolações. Essas comitivas são

formalmente compostas por 10 esmoladores ou foliões, embora esse número possa variar ao longo dos meses de caminhada.

Quanto aos participantes e as atividades que desenvolvem nas comitivas, tem-se:

Quadro 3 – Comitivas de São Benedito - Participantes e suas atividades

Denominação	Descrição das atividades e suas metas	Participantes/função
Esmoleiros ou Foliões	Rezador/Cantador	Encarregado
		Sub-encarregado
	Cantador/Entoador Carregador da bandeira	Contra-alto
		Contrabaixo
	Tocadores “Respondidores” Ajudantes	Tamboleiro
		Onceiro
		Requeiro
		“Triangueiro”
		Pandeirista
		Promesseiro
	Carregar o Santo	

Fonte: Produzido por Roseane Pinto, com base em trabalho de campo. 2019. INRC Marujada.

2.10.2. LADAINHAS E FOLIAS

As ladainhas são formas de expressão ritualizadas em louvor e homenagem a São Benedito. São elementos que marcam a presença (espiritual/simbólica) do santo na residência das pessoas, ao mesmo tempo que confirmam e atualizam a devoção tradicional daquele grupo familiar e suas promessas junto ao santo.

O momento da ladainha é percebido pelos participantes como um dos mais sublimes durante as esmolações e nos dias da festividade de São Benedito, marcando a memória afetiva de grande parte dos devotos e devotas.

A presença das ladainhas e folias é muito recorrente e expressiva na Amazônia, cujos repertórios se mantêm como heranças da presença católica na região e de seus processos de catequese que aqui se desenvolveram desde o contexto colonial (WAGLEY, 1957; BARROS; SANTOS, 2007; BARROS; PANTOJA, 2010). Extremamente ligados às festas de santos na região, esses repertórios músico-religiosos não permaneceram homogêneos e muito menos irredutíveis ao fator eurocêntrico dessas expressões, sendo rearranjados simbolicamente e incorporando

outros elementos culturais (indígenas, africanos e “mestiços”) que passaram a caracterizar o chamado “catolicismo popular” na Amazônia (MAUÉS, 2005).

A ladainha é descrita como uma reza em louvor a São Benedito, uma reza com “palavras certas”, nos dizeres de um esmoleiro. Ela é entoada em “latim”, como a maioria das pessoas identifica a linguagem empregada durante sua execução pelos esmoleiros. Porém, dizem se tratar de um “latim caboclo”, o qual é transmitido oralmente desde muito tempo. Seria um “latim caboclo”, uma adaptação local do português arcaico (colonial) e do latim litúrgico, decorrente do processo catequético na Amazônia, tendo somas de determinados elementos linguísticos e culturais de origem indígena e africana.

A ladainha é entoada ao longo do dia, em pedidos especiais de promesseiros, e principalmente à noite, bem como quando o santo entra na Igreja para encerrar o ciclo das esmolações. Na hora em que os esmoleiros entoam as ladainhas, nenhum instrumento musical acompanha suas vozes, por isso é preciso ter domínio e bom preparo da voz, bem como o conhecimento dos versos a serem entoados durante as rezas.

Há diferença na execução de folia e ladainha: na primeira tem-se o uso dos instrumentos (sobretudo o tambor) que imprimem à mesma um tom musical mais marcado; enquanto a última engloba apenas a reza em si, ritualmente entoada pelos respectivos esmoleiros em uma espécie de liturgia. Logo, a ladainha das esmolações agrega em seu contexto de reprodução cotidiana um repertório ritual que traz as folias, a ladainha propriamente dita e encerra com uma folia/louvação (bendito).

As ladainhas são dirigidas pelos mais experientes das comitivas, aquele que “puxa a reza”. O esmoleiro mais experiente, que geralmente é o chefe da comitiva (o encarregado), é um dos mais cotados para puxar a ladainha. Chamado de “puxador” ou “rezador”, é este esmoleiro quem tem a primeira voz e é responsável por entoar os versos e guiar os demais. O “puxador” é geralmente acompanhado por mais dois esmoleiros, que junto a ele fazem a segunda e terceira vozes, sendo chamados de “contralto” e “contrabaixo”. Os demais esmoleiros não participam dessa ladainha versada em “latim”.

Na louvação, que é referida como um tipo de folia, há dois “parelhas”: o cantador e o entoador, podendo haver mais de um cantador, em certas circunstâncias,

dependendo do tamanho da comitiva (quantidade de esmoleiros). Nesse caso, quando a louvação começa, há o uso dos instrumentos musicais, como o tambor.

A ladainha é executada em dois momentos principais: antes do almoço (dia) e após o jantar (noite), tendo diferenças entre ambas. A ladainha do dia tem duração mais curta, sendo ela entoada de forma mais rápida, durando cerca de 20 minutos. A ladainha da noite tem uma duração maior, de 45 a 50 minutos, sendo mais cadenciada. Os esmoleiros explicam razão dessa diferença: no período noturno é o momento em que o promesseiro está oferecendo a São Benedito o pagamento de sua promessa, além de ser também o momento em que predominantemente ocorrem as cerimônias litúrgicas nos interiores.

No núcleo das três comitivas encontramos um universo diversificado de folias, não raro criadas pelos seus próprios membros e destinadas a um momento cerimonial específico. Elas são lembradas e cantadas a partir da inspiração no momento em que se começam a tocar os instrumentos musicais que os acompanham.

Conduzidas pela cadência do tambor e pelo canto dos foliões, organizados em contralto (voz aguda), baixo (voz grave) e rezador (puxador da cantoria), as folias têm em comum o compasso do retumbão e uma composição estrutural representada, em sua maioria, por um conjunto variado de 3 a 4 estrofes, formado por 4 versos e 1 coro que as intercalam (SILVA, 1997).



Figura 61 – Uso dos instrumentos nos ritos da esmolação. Comitiva de São Benedito da Praia na ladainha, à noite, na casa de um promesseiro. 2018. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

A folia de alvorada é a que dá início à rotina de trabalhos dos membros das comitivas, correspondendo assim à primeira louvação do dia, geralmente a partir das 5h da manhã. Começa com a batida do tambor, para chamar os foliões e os donos da casa a participarem. Cantada por um folião rezador, a folia da alvorada exprime uma forma de louvação e saudação a São Benedito realizada na casa do devoto.

Dada a folia de alvorada, a sequência da dinâmica dos cantos das comitivas inclui a folia da chegada, cantada durante o dia, em função do momento solene da chegada do santo a casa do novo promesseiro que o aguarda. É uma folia mais curta, que dura cerca de dois minutos, sendo puxada pelo ritmo compassado e lânguido do tambor, que atrai e emociona as pessoas do entorno e, em seu canto em louvor a São Benedito, faz uma espécie de saudação ao dono da casa.

Por fim, a folia de despedida, entoado no momento da saída do santo e sua comitiva, como agradecimento pela estadia oferecida pelo promesseiro e a partida propriamente dita, caracterizando-se como um “canto que consola os que ficam, mas também é um canto que embala aqueles que partem” (SILVA, 1997:116). Como as anteriores, esta folia também é conduzida pelo toque do tambor.

2.11. CAVALHADA

A cavalcada é parte das tradições folclóricas existentes nas zonas rurais em várias partes do Brasil cujos ritos incluem encenações de lutas medievais entre mouros e cristãos, incorporadas em festas religiosas, como as festas juninas ou as festas do Divino Espírito Santo, resultantes de processos de apropriação cultural desde a colonização (SPINELLI, 2010; MACEDO, 2008). Tais práticas são comumente associadas a uma festividade de santo católico, mas que é apropriada de forma diversa em cada região, como é o caso de Bragança, que incorpora a cavalcada à festividade de São Benedito e lhe atribui outro sentido.

Na Festa de São Benedito e na Marujada de Bragança, a cavalcada vai tomando contorno particular e variações ao longo dos tempos. Inicialmente, ocorrida nos interiores próximos de Bragança, sem associação alguma com o santo, foi aos poucos se espalhando e sendo introduzida na festividade de São Benedito.

A vinda dos cavaleiros para participarem da procissão de São Benedito possibilita que essa tradição cultural, tipicamente interiorana, incorpore-se e seja associada à festividade de São Benedito e à Marujada. No início, não haviam as marujas, os marujos, nem tão pouco o rigor nos trajes, tal qual observamos hoje. Eles vinham vestidos de calças e camisas de cores diversas, sem uma preocupação em associar essa vestimenta às cores da Marujada.

No entanto, quando houve a associação da cavalhada com a Marujada, a Irmandade passou a ter maior controle sobre os trajes dos cavaleiros, adotando as cores azul e vermelha como trajes oficiais (camisas das duplas de competidores). Antes dessa “parceria” os cavaleiros que participavam e controlavam o rito eram os mesmos organizadores que realizavam as cavalhadas nos interiores.

A cavalhada em Bragança é um rito competitivo realizado a cada ano no dia que antecede a festa de São Benedito e da Marujada, no 25 de dezembro. Organizada por cavaleiros que vêm das regiões dos campos ou dos interiores próximos do município, na competição ritual o objetivo a alcançar, sobre o cavalo em velocidade, as diversas argolas expostas em caminhos armados ao longo de um corredor.

A competição ou circuito tem início com a preparação do corredor. Ela ocorre no período da tarde, sendo pela manhã concluída toda a estrutura necessária para o evento. Os responsáveis pela instalação são os próprios organizadores da cavalhada. Por volta das 14h, os ambulantes, vendedores de comidas e bebidas se instalam nas proximidades dos corredores, onde também é instalado o carro som – de onde o narrador da competição se acomoda. Por volta das 15h começam a chegar as marujas e os marujos que participarão diretamente do controle da competição, assim como os turistas, moradores locais e dos interiores próximos.

Os cavaleiros são organizados em duplas. De um lado, o cavaleiro traja camisa vermelha, calça e chapéu brancos e em seu braço devem ser amarradas as fitas vermelhas; e, de outro, o cavaleiro veste camisa azul, calça e chapéus brancos e no braço vai receber as fitas azuis. Embora os cavaleiros estejam com o traje que comumente identifica o marujo, nem todos se consideram como tal, tão pouco estão ali para pagar uma promessa, mas todos se dizem devotos de São Benedito.

Os cavaleiros, após o treino dos cavalos nos corredores, inscrevem as suas duplas para participarem da corrida. Cada dupla recebe uma identificação numérica anexada à camisa. O número de duplas e participantes inscritos varia em cada ano,

mas, geralmente, fica em torno de 50 participantes, isto é, 25 duplas. As duplas se formam antes da competição ou minutos antes de começar a corrida, mas, normalmente, elas se compõem por afinidade ou parentesco.

A cavalhada envolve gerações de diversas famílias e, mesmo que as mulheres e as marujas não participem da competição, elas atuam de outras maneiras: colaborando na organização dos competidores, controlando as argolas, enlaçando as fitas ao braço dos cavaleiros, torcendo e prestigiando o evento.

A competição se inicia após a explosão dos fogos, os quais anunciam e convidam os transeuntes a se aproximarem. Uma multidão se aglomera de um lado e de outro. No carro de som, um locutor narra a competição, enquanto músicas de ritmos diversos dão o tom da animação festiva. Além das músicas locais, os louvores a São Benedito são várias vezes repetidos, fazendo alusão à festividade e à Marujada. A largada dos cavaleiros só é anunciada após o padre dar as bênçãos aos cavaleiros, marujas e marujos, dentre os quais a capitoa e o capitão, e ao público em geral, pedindo a proteção de São Benedito para o sucesso da cavalhada.

Os cavaleiros, cada um com seu graveto entre as mãos, instrumento que utilizam para alcançar as pequenas argolas, e assim retirá-las do monte de cera, correm alta velocidade sobre os cavalos, arqueiam-se, cada um a seu modo, para tirar as argolas, o que frequentemente provoca a reação do público, que aplaude, torce, grita e vibra com cada argola obtida pelos cavaleiros. Na figura 62 podemos ver a destreza dos cavaleiros ao tentar apanhar as pequenas argolas.

A competição prossegue até quatro rodadas, mais ou menos, a depender do número de participantes, já que no final da competição só ficam os dois cavaleiros que acumularam o maior número de fitas sobre seus braços, sinal de que alcançaram número significativo de argolinhas. Mas o rito só se encerra quando um dos dois últimos competidores erra o alvo das argolas, sendo a premiação final conferida ao competidor que obteve maior número de argolas. As figuras 62 e 63 mostram os momentos mais importantes dessa competição e como elas se incorporaram à Marujada. Na primeira imagem, podemos notar a velocidade dos cavalos e o esforço que os cavaleiros fazem com o objetivo de alcançar as argolas, enquanto que na segunda imagem o marujo de São Benedito enlaça a fita no braço do cavaleiro para identificar sua pontuação ao retirar a argola com o graveto da cera de mel.



Figuras 62 e 63 – Competição da Cavalhada e Marujo amarrando Fita em Cavaleiro. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



Desde 2012 a organização do evento vem incluindo nas disputas a narração da corrida para dar maior emoção ao evento, mas também para valorizar os participantes, atrair maior público e divulgar o evento. Segundo relatos dos devotos, a cavalhada já passou por três locais diferentes: a antiga feira livre, o bairro da Aldeia e terminal rodoviário. A partir de 2018, a cavalhada passou a ser realizada no campo de futebol do aeroporto local.

Para os seus participantes, a cavalhada é uma competição que prova a habilidade e define o “melhor cavaleiro”, o mais veloz e perspicaz. A relação dos cavaleiros não se limita ao momento da Marujada, pois ao longo do ano ocorrem diversas cavalhadas pelas zonas rurais, com o mesmo formato da que se apresenta na cidade de Bragança. Essas disputas no espaço rural servem não só para aprimorar a competição entre os homens e os animais, mas também para o lazer e a sociabilidade de vizinhos e amigos.

Podemos dizer que tal prática da cavalhada está enraizada na cultura do bragantino, tornando a cavalhada uma manifestação cultural expressiva do povo interiorano, que ainda preserva o modo de vida rural em suas festas, tradições e modos de viver, intensificados e visualizados de forma mais intensa na Marujada de São Benedito.

2.12. CARTAZ DA FESTIVIDADE

O cartaz da Festividade do Glorioso São Benedito é lançado todos os anos durante uma missa solene que ocorre entre o fim do mês de novembro e o início do mês de dezembro na Igreja de São Benedito ou na Catedral de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Bragança.

O cartaz promove a divulgação do evento, veiculando informações referentes ao local e ao período de sua realização, dos organizadores, de elementos socioculturais da região e, nesse caso em particular, também do seu tema gerador, que é definido pelos membros da Diretoria da Festa.

Ao longo da missa, um banner com a arte do cartaz em grandes dimensões é apresentado à comunidade pelo juiz e a juíza da festividade, sendo os cartazes impressos distribuídos entre os presentes e os representantes comunitários do

município ao final da celebração. Posteriormente, outras quantidades desse material são enviadas aos coordenadores das quatro paróquias da Diocese de Bragança e das comunidades pastorais urbanas e rurais para que sejam repassadas aos seus moradores.

Para divulgação do evento, além do cartaz, tradicionalmente é produzido um pequeno livro com o programa anual da festividade, indicando as datas e os horários da programação litúrgica, as orações, as ladainhas e os cantos referidos ao santo homenageado. Nos acervos pessoais de devotos, o mais antigo programa da festa data de 1947, figurando, quase exclusivamente, até por volta dos anos 2000, entre as principais ferramentas de propaganda. A partir desse ano os cartazes parecem ter assumido tal função principal, compartilhando com os livretos a mesma arte gráfica e compondo grande parte do material de publicidade dessa festividade.

Ao longo de vários anos a produção e a arte desses materiais variaram consideravelmente. O uso de novas tecnologias e novas técnicas de impressão fizeram com que o desenho monocromático das antigas capas dos livros da programação, por exemplo, grafado, geralmente, em papel jornal e, construídos quase que exclusivamente a partir da imagem de São Benedito como figura central, fosse paulatinamente ganhando outras cores e outros elementos gráficos.

Atualmente, impressos de maneira computadorizada, caracterizados por traços multicoloridos, nos quais predominam as cores símbolos da Marujada (vermelho e azul) e da Diocese de Bragança (amarelo e branco), os instrumentos de propaganda relacionados aos festejos alusivos à devoção à São Benedito, acompanham, regularmente, a arte do cartaz. Misturam símbolos de conotação religiosa com ícones relacionados à Marujada, bem expressivos visualmente, tanto no formato impresso, quanto no digital, divulgam a festa para um público mais amplo e diversificado, corroborando a condição da festa de importante atrativo turístico da cidade e da região.

No processo de feitura do cartaz, o responsável pela arte geralmente é escolhido ou indicado pela Diretoria da Festa. Para essa produção são usadas pinturas em tela, símbolos religiosos e culturais, fotografias do santo ou de lugares específicos da cidade, dos habitantes do lugar, de atividades que caracterizam a economia, a cultura e a história locais, de marujas e de marujos, de religiosos, dos

membros das comitativas e dos rituais relacionados à devoção (esmolação, danças, procissão), além de paisagens e elementos que remetem à natureza da região.

Os encargos da reprodução de todo esse material de divulgação cabem à própria Igreja ou a terceiros que, em geral, também contribuem com as despesas do serviço, como forma de pagamento de uma promessa.



Figura 64 – Missa do Cartaz da Festividade de São Benedito. 2019. Foto: Magda Costa. Acervo do INRC Marujada.



Figura 65 – Programa da Festividade de São Benedito de 1947. 2019. Foto: Magda Costa. Acervo do INRC Marujada.



Figura 66 – Programa da Festividade de São Benedito, 1998.
Acervo pessoal de Maria da Conceição Campos Pereira.



Figura 67 – Cartaz da Festividade de São Benedito, 2011.
Acervo pessoal de Maria da Conceição Campos Pereira.



Figura 68 – Programa da Festividade de São Benedito, 2013.
Acervo pessoal de Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva.



Figura 69 – Cartaz da Festividade de São Benedito, 2016.
Acervo pessoal de Maria da Conceição Campos Pereira.



Figura 70 – Programa da Festividade de São Benedito, 2020.
Acervo pessoal de Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva.

2.13. LEVAR A TRADIÇÃO NAS ROUPAS E ADEREÇOS

2.13.1. INDUMENTÁRIA DA MARUJA E DO MARUJO

Em uma festa tão longeva como a Marujada de Bragança, vários são os elementos constitutivos desta celebração recorrentemente apontados como fundamentais à manutenção de sua tradição. Todavia, destaque significativo é atribuído às roupas de marujas e marujos, bem como o protocolo de seu uso, orientado pelos dias e ocasiões específicas relacionadas aos diferentes momentos da festa.

Conforme o cronograma e as circunstâncias da ocasião, marujas e marujos são demandados a se apresentarem devidamente trajados e portando os acessórios adequados, a fim de cumprir as exigências estabelecidas. Especificamente durante as danças isso se transforma na condição primeira para que a pessoa possa se juntar ao grupo e participar do ritual.

A indumentária das marujas e dos marujos é, portanto, um dos elementos característicos da festividade. Carregada de simbolismo, a roupa da maruja, principalmente, se destaca pela riqueza de seus detalhes, juntamente com o chapéu com plumas de pato branco e fitas coloridas, que complementam a beleza e o requinte do traje.

O processo de composição da indumentária de marujas e marujos, começa com a indicação do tecido adequado para a confecção das vestes nas cores azul e vermelho, passando pela escolha e montagem dos adereços e acessórios que complementam o seu figurino. O respeito às regras, configura uma forma de preservar determinadas origens da manifestação e assegurar a manutenção de uma eventual “tradição”, veiculada pelas autoridades da Irmandade e pelos seus membros mais experientes.

Assim, em conformidade com o calendário específico do evento, marujas e marujos se apresentam da seguinte maneira:

Dia 25/12 – Indumentária na cor AZUL, em “honra ao nascimento do Menino Jesus”.

Marujas. Saia longa e rodada até o pé, na cor azul, sobreposta a uma anágua branca; acompanhada por uma blusa branca, bordada ou rendada, estilo mandrião,

com mangas curtas, larga e comprimento abaixo da cintura. Acima do peito, no lado esquerdo, uma rosa azul; do outro lado, uma faixa de cetim, transpassada da direita para a esquerda, cruzada abaixo da cintura e afixada com um broche de alfinete que remete à miniatura do chapéu da maruja. Brincos, colares e pulseiras nas cores principais da roupa (azul e branco). Completa a indumentária, o chapéu feito de palha ou de carnaúba, revestido em tecido dourado, adornado de miçangas coloridas, tendo acima um penacho formado por pequenas flores feitas com penas de pato e trazendo na parte posterior da aba um conjunto de fitas coloridas de cetim que descem pelas costas da maruja (SARQUIS & RODRIGUES, 2018).

Marujos. Calça branca e blusa de manga comprida azul; com uma fita azul amarrada no braço esquerdo e cinto preto. Chapéu de palha ou de carnaúba, revestido por um tecido branco, tendo em volta uma fita azul, uma das abas dobrada para cima e presa com uma rosa azul e um pequeno espelho arredondado na lateral.

Dia 26/12 – Indumentária VERMELHA, em “consagração a São Benedito”

Marujas. O padrão da vestimenta se repete, apenas sendo alterado para as cores vermelho e branco.

Marujos. Calça e camisa nas cores brancas, repetindo também os demais elementos do padrão, adornados na cor vermelha.

Enquanto uma espécie de “uniformes” dos participantes da Marujada, tais vestimentas, teriam sido introduzidas em fins da década de 1940, em meio ao contexto de aprovação do estatuto que tornou a antiga Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB), até então de caráter religioso, em uma instituição civil. Segundo o *Inventário Cultural de Bragança* (2010: 65), “até a década de 40, do século XX, as marujas usavam saias rodadas feitas de chitão estampado, traje que atualmente só é adotado por elas durante a cerimônia de chegada da comitiva das praias, dia 8 de dezembro e durante os ensaios”.

Desse modo, é importante ressaltar que, para marujas e marujos, mais do que uma forma de identificação, suas indumentárias possuem, tal como o ritual do qual são sujeitos partícipes, uma conotação sagrada, representado ainda uma espécie de passaporte, que permite aos que dela se apropriam, a participação nos rituais e em momentos específicos da festa.



Figura 71 – Marujas na chegada da Comitativa de São Benedito da Praia. 2019. Foto: Magda Costa. Acervo do INRC Marujada



Figura 72 – Marujas em traje azul.
2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do
INRC Marujada.



Figura 73 – Marujos em traje azul. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



Figura 74 – Marujas e marujos em traje vermelho em 26 de dezembro. 2019. Foto: Magda Costa. Acervo do INRC Marujada

2.13.2. CHAPÉU DA MARUJA

O chapéu não é um simples adorno que complementa a indumentária da maruja. Como um dos elementos do seu traje, o adereço tem importante representação simbólica, demarcando a presença e o protagonismo da mulher na cena ritual.

Quanto à sua feitura, o processo tem início com a compra da pena de pato estabelecida com os vendedores da feira central de Bragança, que as armazenam para possível venda às artesãs que confeccionarão o chapéu. Podendo, por outro lado, também ocorrer por meio de doações, principalmente após o círio de Nossa Senhora de Nazaré e outras festividades locais, nas quais o pato figura entre os alimentos consumidos. A leveza das penas e o realce da sua cor branca justificam a predileção pelo animal, visto que aquelas facilmente darão forma às rosas que comporão o chapéu.

Na sequência, passa-se à preparação do chapéu de palha, o qual é moldado, cortado e revestido com jornal e recoberto com TNT (Tecido Não-Tecido), e após a secagem, ornamentado com tecido tipo lurex na cor dourada ou amarela.

Em separado, começa a confecção do turbante, cuja estrutura pode ser de arame (considerado o modo de fazer mais tradicional), ou de isopor (inovação introduzida a partir de 2010 por uma das artesãs de Bragança).

Após a conclusão da primeira etapa, inicia-se então, a ornamentação do chapéu. As rosas produzidas com as penas de pato são presas a um pequeno arame, que em sua extremidade superior forma um pequeno botão feito de algodão ou papel higiênico, o qual é amarrado com uma linha, e em seguida revestido por um tecido de cetim vermelho. As mesmas são finalizadas com as penas amarradas abaixo do botão vermelho e presas ao arame, quando a partir daí são embutidas no turbante de isopor em pequenas cavidades feitas com agulha de aspa de sombrinha ou atracadas ao turbante de arame. Em média, são necessárias entre 48 e 86 flores para cobrir todo o turbante, a depender do material escolhido para confeccionar o chapéu.

Ao ser colado ou costurado ao chapéu de palha, o turbante é envolvido em uma fita vermelha, que dará a ele um acabamento especial, finalizando assim o trabalho, com o arremate de um laço sobre as fitas coloridas a serem introduzidas na parte de trás do chapéu.

Entre as marujas é comum o discurso acerca da importância e do significado do chapéu e seus elementos constitutivos em diversos momentos do ritual. Mais do que uma indumentária, há quem considere que o chapéu designa uma espécie de “poder” e de relevância das mulheres no contexto da Marujada.

O chapéu assume, portanto, um importante signo identitário do que é ser uma “maruja verdadeira”, já que a esta é atribuída o seu uso adequado, a partir da maneira cuidadosa de carregá-lo em seu corpo de se relacionar com ele durante o imponente e espetacular momento de execução das danças.

Figura 75 – Confeção do Chapéu. Etapas da Produção do Chapéu da Maruja. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.





Figuras 76 e 77 – Chapéu da Maruja.
2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do
INRC Marujada.



2.14. OS SONS DA FESTA

2.14.1. MÚSICAS

A música é um dos elementos fundamentais na Marujada, como manifestação cultural e religiosa. Presente na maioria das etapas rituais das celebrações, ela é apresentada exclusivamente em acordes instrumentais, conferindo ritmo ao ritual da dança de marujas e marujos, ou através do canto, ao constituir a base das folias entoadas pelos membros das comitivas de esmolação de São Benedito. Ela também é composta por um conjunto de canções comerciais de artistas regionais, cifradas a partir das melodias da suíte da Marujada e sobre as quais foram atribuídas letras que remetem aos aspectos da cultura local, da celebração em si e da devoção ao santo homenageado.

Durante a festividade de São Benedito em Bragança, a música está relacionada ao conjunto de danças ritualísticas da Marujada, como uma espécie de louvor a São Benedito e afirmação de uma “identidade cultural bragantina”. Sob essas circunstâncias, a musicalidade observada carrega em si traços de influência africana que remetem, em especial, à cadência do lundu, gênero musical com origem entre os negros escravizados no século XVIII, quando do início do culto a São Benedito em Bragança e posteriormente adaptado aos salões aristocráticos do Brasil e da Europa (BORDALLO DA SILVA, 1959; SALLES, 2007).

Apontado entre os historiadores e folcloristas da região como um ritmo exótico e sensual, o lundu determina a pulsação musical do retumbão e do chorado, os quais, juntamente com a roda, configuram a matriz africana da musicalidade da Marujada. A partir de um lento e bem definido compasso musical, esses ritmos são lânguidos e conduzidos, principalmente, pelos instrumentos musicais de percussão, como o tambor e o pandeiro, através dos quais são marcados os passos coreográficos dos que se dispõem a dançar na Marujada. Há, ainda, a onça (tambor pequeno) e o reco-reco, todos eles utilizados nos cantares das folias entoadas pelas comitivas.

Vale ressaltar que a música não é indissociável da dança, ambas estão entre os principais elementos definidores da celebração bragantina (FERNANDES, 2011).

Complementando a composição instrumental, que tipicamente cadencia esse evento, tem-se ainda a mazurca, o xote, a valsa, a contradança e o arrasta-pé, gêneros musicais de natureza europeia, como já informado em páginas anteriores, e incorporados posteriormente à suíte da Marujada. Com eles se registra também a inserção de instrumentos de corda como o banjo e a rabeca (instrumento de arco precursor do violino), cuja sonoridade, acoplada às batidas do tambor, atribuem características peculiares aos ritmos reproduzidos em Bragança no mês de dezembro.

Oficialmente, cabe ao grupo denominado Regional da Marujada (Figura 78) a tarefa de executar as clássicas e típicas composições musicais pertencentes a um repertório de domínio público que animam os momentos dançantes e de descontração da festividade de São Benedito. É deste grupo, portanto, a responsabilidade de conduzir o bailado e acompanhar os participantes do ritual da dança durante os ensaios e as apresentações nos espaços do Barracão e do Teatro Museu da Marujada, respectivamente.

Figura 78 – Regional da Marujada. 2019.
Foto: Magda Costa. Acervo do INRC
Marujada.



O grupo é formado por cinco músicos contratados pela Irmandade da Marujada de São Benedito, que remunera as suas atividades, conforme os dias de suas apresentações. Não há necessariamente entre os músicos uma devoção ou crença no culto do santo festejado, posto que sua participação estaria relacionada, sobretudo, com a prestação de um serviço e com o seu comprometimento para com a cultura regional. A Marujada é apontada como uma manifestação que consegue dirimir as diferenças internas e externas aos grupos participantes, e como algo que identifica um lugar e sua gente. Assim pessoas que professam outras religiões ou crenças também são incorporadas ao processo.

Para os tocadores oficiais da festa, a cadência da rabeca se caracteriza como imprescindível à musicalidade que marca aquele momento. A despeito do tambor, o principal diferencial do instrumento está na matéria-prima de sua produção, ou seja, o cedro (tipo de madeira que se encontra em extinção), sendo que o que o distancia do violino é o seu processo de feitura, o som emitido e a postura corporal empregada pelo músico ao tocá-lo.

Por outro lado, além desse repertório característico dos ritmos que embalam a Marujada e que cadenciam as folias e ladainhas entoadas pelas comitivas do santo, compreendem ainda o universo musical da festividade as canções produzidas por artistas regionais que tradicionalmente participam em dias específicos da programação e cujas músicas pertencem a um amplo circuito comercial paralelo e independente da celebração a São Benedito.

Caracterizadas por exaltarem elementos e aspectos da devoção ao santo e da cultura local com foco na Marujada de Bragança, seu repertório acabou, com o tempo, incorporado ao conjunto musical litúrgico reproduzido nos espaços e nos momentos do evento, coordenados pela Igreja e pela irmandade, chegando mesmo a embalar a multidão de marujas, marujos e demais devotos de São Benedito, durante a procissão no dia 26 de dezembro.

Nesse dia e no que o antecede (25 de dezembro), determinados artistas da região de Bragança tocam e cantam em homenagem ao santo festejado e à Marujada. Em geral, são popularmente conhecidos em âmbito local, estadual e nacional e, ao se fazerem presentes em instantes pontuais da festa, renovam uma prática costumeira, apontada como uma espécie de tradição. Suas participações ora estão ligadas a uma devoção religiosa, ora ao seu envolvimento direto com a disseminação e a

preservação da cultura bragantina, promovidas através dos instrumentais musicais e dançantes da Marujada de São Benedito.

Destacamos, portanto, nessa categoria, os artistas Toni Soares e Júnior Soares, intérpretes e compositores de diversas canções em alusão a São Benedito e à Marujada e cujas participações passamos a comentar.

Antônio Fernando Soares Pereira, popularmente conhecido como Toni Soares, participa da Festividade de São Benedito há alguns anos, cantando e tocando, segundo ele, em honra e glória do Santo festejado. É considerado uma das principais atrações da programação cultural, promovida pela Prefeitura Municipal de Bragança, organizada durante as noites de festividade, quando acontecem os shows de diversos artistas. Tradicionalmente, é o responsável pela trilha sonora que embala e anima os almoços oferecidos pelo juiz ou pela juíza da festa, nos dias 25 e 26 de dezembro.

Ao musicalizar sua crença no “Santo Preto”, desde quando integrava o grupo Arraial do Pavulagem, o músico passou a ter várias de suas canções popularmente conhecidas na região, sendo algumas delas frequentemente veiculadas e inseridas no repertório musical que conduz a Marujada em procissão. “Comitiva de São Benedito”, por exemplo, pertencente ao álbum “Gente da nossa terra”, lançado em 1995 pelo Arraial do Pavulagem e “Caminhando com São Benedito”, de seu álbum de mesmo nome, datado de 2011, figuram entre as canções mais veiculadas ao longo do trajeto dos romeiros.

COMITIVA DE SÃO BENEDITO

Composição: Toni Soares

*Sou de vila que era ô ô
Sou de São Benedito ô ô
Sou de vila que era
ô ô ô ô ô*

*Eu vim do Camutá pra rezar,
pra rezar
Eu vim do Camutá com a
comitiva
Eu vim lá do Riozinho
Eu vim lá da Aldeia
Eu vim lá do remanso com a
comitiva.*

*Eu vim do Camutá pra rezar,
pra rezar
Eu vim do Camutá com a
comitiva
Eu vim lá do Sinhá
Eu vim lá do Ferreira
Subindo pelo Morro com a
comitiva.*

*Eu vim do Camutá pra rezar,
pra rezar
Eu vim do Camutá com a
comitiva
Eu vim lá do Taíra
vim descendo a ladeira
Vamu pra Ajuruteua com a
comitiva.*

CAMINHANDO COM SÃO BENEDITO

Composição: Toni Soares

*Olha, vem gente de todo lugar
Vem de canoa, vem de carro, vem no ar
Todos juntos seguindo tua luz
Na alegria de poder te encontrar
Olha, os cavaleiros vão chegando lá dos Campos
Os pescadores chegam no rio Caeté
Os paus de araras chegam de todos os cantos
São teus filhos voltando para a casa
Como quem volta para o pai*

*Eu canto, São Benedito é minha força, minha luz
São Benedito é a fé que me conduz
São Benedito cuida do meu coração
São Benedito abençoa todos nós, traz a paz.*

*Olha, são marujas nessa procissão
Os pés descalços pedindo perdão
Vem marujos carregando o teu andor
É Bragança te pedindo olha por nós
Meu Senhor, são crianças, homens e mulheres
caminhando
Na esperança de chegar em teu altar
Beijar tuas fitas e pedir mais força pra continuar*

*Eu canto, São Benedito é minha força, minha luz
São Benedito é a fé que me conduz
São Benedito cuida do meu coração
São Benedito abençoa todos nós, traz a paz.*

*Olha, é maré cheia nas ruas de Bragança
No seu azul, bandeiras bailam pelo ar
Ouço tambores das tuas comitivas
Portas e janelas se abrirão
Para te ver passar*

*Olha, sinto tuas graças derramando sobre nós
Sinto o perfume das flores no teu jardim
O Deus menino em teus braços me conforta
É Jesus vindo pra mim
É meu Jesus dentro de mim*

*Eu canto, São Benedito é minha força, minha luz
São Benedito é a fé que me conduz
São Benedito cuida do meu coração
São Benedito abençoa todos nós, traz a paz.*

Outro artista que se apresenta como um dos precursores do projeto de valorização cultural bragantina e propagação da música advinda da Marujada, é o músico Luiz Maria de Jesus Soares Júnior, o Junior Soares, que há 32 anos integra o grupo musical Arraial do Pavulagem. Nascido também na cidade de Bragança, ele faz parte da formação original da banda, a qual encontrou no padrão rítmico do retumbão, da mazurca e do xote bragantino, a referência para compor suas canções autorais quando do início da trajetória musical da banda em Belém.

Ele se define como um bragantino que “canta São Benedito e a Marujada” e é considerado “o primeiro artista paraense a gravar o som das Comitivas [do Santo], na linguagem musical”, ainda no idos de 1997, quando gravou seu primeiro CD solo, intitulado “Glorioso Soul Benedito”, com participação do Arraial do Pavulagem e, em especial, dos membros de comitivas que saem em esmolação ao longo do ano.

Nesse processo de composição, em mais de três décadas de carreira, Júnior Soares, através de trabalhos solos e em parceria com o Arraial do Pavulagem, reúne diversas músicas alusivas ao universo cultural e religioso da devoção a São Benedito na cidade de Bragança. Destaque para a canção “Marujada de São Benedito”, de sua autoria e de Edu Filho, originalmente gravada no álbum “Bragantividade” de 1998 e regravada nos CDs “Festividade”, “Arraial do Pavulagem - Ao vivo” e “Música do Litoral Norte”, de 2002, 2003 e 2004, respectivamente, e que em meio a um vasto repertório, tornou-se popularmente conhecida como a “canção” dos 200 anos da Marujada.

MARUJADA DE SÃO BENEDITO

Composição: Edu Filho e Junior Soares

*Vou fazer uma canção em louvor ao santo preto
Canta povo bragantino: bendito, oh! bendito.
Quando chegar dezembro*

*Qual é o santo que está no andor?
É São Benedito com nosso Senhor.*

*Marujada de São Benedito
Em louvor ao protetor
Vem vestindo azul ou vermelho carmim
Na festa no barracão
Dança xote, mazurca e chorado
Nos duzentos anos de louvação
Mas fico mesmo encantado
Quando dança retumbão.*

No curso desta produção, que inaugura um rol de canções inspiradas no instrumental dos ritmos da Marujada, encontra-se ainda: “Clareando” em 2003, “Retumbão do Caeté” em 2013, “Foliões Mensageiros” em 2018. Além daquelas que não tratam especificamente da Marujada, mas cujas melodias têm origem no retumbão, na mazurca ou no xote. Estão incluídas, entre todas estas, as músicas de domínio público, que compõem a suíte maruja e que foram regravadas em diferentes álbuns do Arraial do Pavulagem.

Algumas destas músicas, tal qual ocorreu com as de Toni Soares, teriam ganhado uma conotação litúrgica por serem interpretadas como uma espécie de canto de louvor, principalmente entre aqueles que seguem a imagem de São Benedito no andor.

Há de se considerar que, em se tratando de uma manifestação de mais de 200 anos e constituída por sujeitos diversos, surjam resistências e conflitos entre aqueles que vivenciam a festa há mais tempo e sob a dinâmica do seu cotidiano e os que dela participam há um período menor e de maneira esporádica ou pontual. Nessas circunstâncias se observam não só um choque de pensamento, mas também de valores, quanto ao que se elege como relevante para a manutenção da celebração a São Benedito e a expansão de uma identidade cultural local.

2.15. INSTRUMENTOS MUSICAIS

Os instrumentos musicais estão presentes na Marujada e são responsáveis por dar o ritmo às músicas e danças típicas da festa. Nos momentos das danças de marujos e marujas, nos ensaios no Barracão ou nas apresentações no Teatro Museu, eles são essenciais, mas também são usados nos cortejos e nas esmolações. Em destaque abaixo, os instrumentos musicais usados nas apresentações das danças da Marujada e, mais adiante, aqueles usados nas esmolações.

2.15.1. Nas danças da Marujada

Durante a festividade são contratadas bandas de músicos para tocar, como é o caso do grupo denominado Regional da Marujada, já mencionado anteriormente. Suas apresentações se dão especificamente nos momentos das danças, quando

marujas e marujos não apenas bailam, mas também louvam o santo através de seus passos na roda, retumbão, chorado, mazurca, xote, valsa, contradança e arrasta-pé. Para tanto, são utilizados instrumentos de pau e corda, como rabeca, tambor, banjo e pandeiro, seja nos cortejos, na Travessia do Santo da Praia, nos ensaios no Barracão ou nas apresentações no Teatro Museu.

Tais instrumentos podem ser comprados prontos, mas alguns, como o tambor e a rabeca, são fabricados por pessoas que têm alguma relação com a festividade.

Dentre esses instrumentos, encontra-se a rabeca, de influência europeia, que teria chegado à região bragantina e se introduzido na festividade no século XIX.

Rabeca é um instrumento rústico feito em madeira, que usa cordas, as quais são tocadas com auxílio de um arco e se usa um material específico para a corda, além de se tocar apoiando a mesma no braço e no peito. A rabeca produzida na região bragantina é constituída por quatro cordas e podem ser usadas várias madeiras no fabrico. Geralmente, utiliza-se o cedro para produzir o cabo e o bojo, já o marupá no bojo, enquanto o pau-d'arco, ipê ou pau roxo são usados no arco da rabeca.

Os modos de se fabricar a rabeca bragantina se tornam específicos devido à adaptação do processo de fabricação com novas técnicas e do uso de madeiras locais. Chama a atenção o uso da manilha (fibra vegetal) em substituição à crina de cavalo para a composição do arco. O som que se produz ao tocar uma rabeca bragantina é apontado como sendo agradável, rústico e emocionante. Dentre as danças da Marujada, o momento da contradança se torna aquele em que o som da rabeca se destaca ainda mais, pois o mesmo ajuda a marcar os seus passos.

Outro instrumento usado nas apresentações da Marujada é o banjo, instrumento musical de cordas (de náilon ou aço), tendo um aro feito a partir de um laminado de compensado, utilizando-se madeiras como o pinho; sendo o cabo em cedro e a escala feita de ipê, como descreveu um dos artesãos locais. Sendo um instrumento de percussão, é tocado ao se dedilhar as suas cordas que produzem um som específico ao bater na pele que reveste o aro. Segundo relatos, essa pele antes era de couro de animais, mas agora utilizam material sintético, o náilon, mesmo material das cordas.



Figura 79 – Rabeca e demais instrumentos usados na Marujada. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

Figura 80 – Tambor na Marujada de São Benedito. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



Figura 81 – Banjo, Rabeca e Tambor na Marujada. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

Da mesma forma que o banjo, o tambor e o pandeiro são instrumentos de percussão nos quais eram usadas peles de animais para forrar o seu centro e, a partir do toque sobre as mesmas, produzir os seus sons característicos. Com o passar do tempo, foram se alterando os materiais usados na sua confecção. O pandeiro existente no Teatro Museu da Marujada, que representa um modelo mais antigo, sendo feito com um aro de madeira, é recoberto por couro branco, que foi nele afixado com pregos, com aberturas no aro onde estão colocadas quatro soalhas de metal. Há pandeiros que são fabricados atualmente com materiais sintéticos (acrílico).

Nos momentos das apresentações das danças da Marujada, também é usado o reco-reco que juntamente com o tambor e o pandeiro dão o ritmo do retumbão (na dança da roda, do retumbão e do chorado) e da mazurca.

Na festa da Marujada há apresentações que ocorrem em outros espaços e com outros grupos e seus respectivos instrumentos. Muito conhecida na cidade, a tradicional banda Cantídio Gouvêa, fundada em 1947 e conhecida como “A Furiosa”, apresenta-se em dois momentos principalmente. Com seus instrumentos de sopro (trompete, saxofone e trombone), participa da programação da festividade tocando músicas regionais no coreto Pavilhão Antônio Lemos e no coreto do Rex Bar, bem como na procissão solene (à tarde) e dentro da Igreja, no encerramento da festividade (à noite), tocando hinos litúrgicos e em louvor a São Benedito.

2.15.2. Nas esmolações

Já nas atividades das três comitativas de São Benedito são usados instrumentos de percussão: tambor, “onça” (cuíca), triângulo, reco-reco (que chamam de “rec”) e o pandeiro.

Cada comitiva tem, entres seus instrumentos musicais: quatro ou cinco tambores, uma onça, dois reco-recos, um pandeiro e um triângulo, este último sendo algo que se passou a adotar mais recentemente. Tais instrumentos trazem em sua pintura as cores mais usadas na Marujada: vermelha, azul e branca (Figura 82). Em entrevista com os encarregados das três comitativas de São Benedito, foi afirmado que boa parte dos instrumentos usados nas esmolações e nas folias é fabricada por eles mesmos, quando não são encomendados, doados ou comprados.

Os encarregados das comitivas consideram o tambor como o instrumento mais importante nas esmolações (Figura 82), mais ainda quando se combinam seus sons com os da onça. Não só nas esmolações, anunciando o santo e chamando os fiéis para as rezas e esmolações, mas também nos momentos dos divertimentos, das apresentações das danças da Marujada.

Chama a atenção o fato dos três encarregados se voltarem ao tempo dos escravizados negros para qualificarem o uso presente do tambor. “Os escravos pediram permissão pra seus senhores e donos, pra fazê um culto pra São Benedito. E daí surgiu a ideia de se cortarem árvores, tronco de árvores, e fazer os tambores” (Zezinho, 2018), assim associando o uso do tambor às manifestações e divertimentos dos negros escravizados, talvez por associação com a história da Irmandade. Também para João Batista, outro encarregado de comitiva, “isso veio dos escravos negros. Os pretos faziam aquelas coisas e os brancos gostaram...”, disse em entrevista em 2018.

Atualmente, o tambor usado pelo Regional da Marujada, nas apresentações das danças é um instrumento maior e mais moderno, ainda que se mantenha pintado nas cores que identificam a marujada e sua festividade (vermelho, azul e branco), como demonstrado na figura 80 (p. 159).

Assim como o tambor, a onça é um dos instrumentos musicais que se caracteriza como um pau oco revestido de couro de animais em uma de suas extremidades, enquanto a outra é aberta, ambos são tocados com as mãos para marcar o ritmo apresentado. Porém, a diferença em relação ao tambor é que a onça tem dimensão menor e dentro dela, no meio do couro que lhe reveste, há uma vareta fina que é puxada com a mão e um pano molhado, o que produz um som forte, que faz a “onça roncar”.

Segundo contam os esmoladores, antigamente se fabricava o tambor usando uma tora de madeira oca, limpada com ferro, até ficar no formato ideal para ser usado. Depois era acrescentado um pedaço de couro de algum animal silvestre (como a preguiça) para a finalização do instrumento. Esse tambor era usado tanto nas esmolações quanto na festividade, nos momentos das danças da Marujada. Atualmente, usa-se cano grosso de PVC para seu fabrico, bem como o couro de boi, ou ainda o de porco para o seu revestimento, mudanças que também ocorreram com a onça.



Figura 82 – Tambores da Comitiva de São Benedito da Praia no dia da Travessia. Umedecer o tambor é importante para que o som saia mais agudo. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.



Figuras 83 e 84 – Folião puxando a onça na Comitiva da Praia e a onça do Museu da Marujada.
1. Parte interna do instrumento, feito com cano de PVC, couro fixado com pregos e uma haste ao meio. 2. Instrumento em pé, sobre um pandeiro. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.





Figura 85 – Diversos Estandartes de São Benedito na saída da Procissão Solene. 2019. Foto: Pedro Tobias. Acervo do INRC Marujada.

2.16. ESTANDARTES E BANDEIRAS DE SÃO BENEDITO

Os estandartes e bandeiras de São Benedito são costumeiramente usados em algumas ocasiões da Festividade do Glorioso São Benedito de Bragança, em especial na grande procissão do dia 26 de dezembro. Junto com as opas, as indumentárias de maruja e marujo, o bastão dos juízes, o mastro e as imagens do Santo, compõem os objetos rituais usados nas etapas de preparação e realização da festa.

Na saída e no percurso da Procissão Solene, é possível observar diversos estandartes erigidos por marujas, marujos e/ou promesseiros. Além dos estandartes, a composição visual da procissão apresenta as bandeiras do Santo, as mesmas usadas nas caminhadas para esmolação, na fase que antecede a realização da festividade.

Estandartes e bandeiras têm em comum o fato de servirem como anunciadores da passagem do Santo e sua característica principal é a de serem produzidos em tecido com a estampa (desenho) de São Benedito. Mas, enquanto os estandartes podem ser confeccionados em diversas cores, nas bandeiras predomina a cor amarela, com detalhes em vermelho, azul e branco (Figura 85).

As bandeiras são usadas mais frequentemente nas esmolações, mas também se encontram nas ornamentações pelos lugares por onde passa a procissão. Na parte central dessas bandeiras, é pintada a imagem de São Benedito. Elas são fixadas em mastros de bambu, onde são colocadas também fitas e flores em seu topo.

São muitas as pessoas que produzem estas bandeiras e estandartes do Santo, para ornamentação e/ou pagamento de promessas. Vários estandartes que são usados na procissão pertencem à Igreja de São Benedito e lá ficam guardados. Em alguns estandartes, é possível observar que se adicionam flores que fazem lembrar o andor que carrega a imagem e São Benedito nas procissões, como mencionou uma das artesãs, em entrevista.

Figura 86 – Bandeiras da Comitiva de São Benedito dos Campos. 2019. Foto: Roseane Pinto. Acervo do INRC Marujada.



3. A MARUJADA COMO OBJETO DE REGISTRO

Marujada é festa religiosa e dança que permite a recriação, pelos marujos e marujas, da sua identidade de grupo social dentro do conjunto da sociedade e das práticas religiosas de culto católico aos santos. Mas isso se desenvolveu ao longo dos séculos através de acordos e tensões relacionados à atuação de leigos nas irmandades e nas festas de santo, bem como por tentativas de controle eclesiástico sobre a festa e seus espaços, a Irmandade, as arrecadações feitas ao Santo Preto, e também sobre os sujeitos dela participantes.

Essas manifestações de dança, reza, canto e louvores ao padroeiro popular de Bragança (ao lado de Nossa Senhora do Rosário) correspondem a um conjunto de práticas e organização social nas quais se manifestam características da religiosidade na Amazônia, de um catolicismo que envolve rituais dominantes e em três formas características: a devoção, o prazer e a mescla desses dois amplos aspectos em uma só manifestação folclórico-religiosa.

A Marujada não é importante apenas como uma referência cultural que se volta ao passado, pelo contrário, trata-se de um conjunto de manifestações que demarcam a cultura na região, em que as pessoas reconhecem o seu valor como parte do que constitui suas identidades, ações e memórias. Algo que não é só lembrado, mas vivido e reivindicado pelos grupos que a produzem, sendo a busca do seu reconhecimento entendido como um caminho para sua preservação, para se manter o que chamam de tradição. Em Bragança, a cada ano, o volume de participantes na festividade vem crescendo, tornando-se cada vez mais importante no calendário de eventos e do turismo na Amazônia.

A Marujada é aguardada todos os anos como parte de uma tradição que marca a região e, sobretudo, a cidade de Bragança, entre rezas, ritmos, danças e refeições, no tempo cíclico e ritualizado da festividade, ao redor ou dentro da igreja, nas ruas ou dentro dos seus salões de festa, também nas casas e nos lugares por onde o santo peregrina.

Este inventário foi desenvolvido com o objetivo de identificar a Marujada de São Benedito em Bragança como um bem cultural, evidenciando suas principais características, seus aspectos históricos e culturais mais relevantes, visando o registro

da mesma como patrimônio cultural imaterial do Brasil. Nesse sentido, a descrição do bem, os contextos de sua produção, recriação, continuidade e mudanças foram buscados, ao longo da pesquisa. Neste tópico, serão apresentadas as principais mudanças nessa “tradição” vivida, contada e defendida por indivíduos e grupos.

A Marujada de Bragança marca as vivências coletivas com seus ritos e festas, que envolvem além dos aspectos devocionais, a vida social, o trabalho e os divertimentos na região. Apresenta-se como uma referência cultural na Amazônia pelo envolvimento de um número cada vez maior de participantes em seus eventos, por mobilizar pessoas, grupos e instituições em torno da defesa de tradições, de vivências e de identidades, entre consensos e disputas, e por uma ligação com um passado comum, a memória sobre um tempo partilhada e recriada nos relatos, escritos, músicas, danças, imagens e rezas.

As origens da Marujada de Bragança são identificadas na história de uma associação de negros de origem africana na região, que constituíram a Irmandade do Glorioso São Benedito no século XVIII (NONATO DA SILVA, 2002). Vimos que, ao longo do tempo, além de promover a festa e a devoção a um santo católico, ela foi possibilitando que seus produtores e participantes tecessem fortes laços de solidariedade e demarcassem uma presença e atuação no cenário da vila e depois cidade, revelados na construção de uma igreja, na instituição de uma festividade cada vez mais importante no calendário anual, na busca por locais para suas reuniões, ensaios e apresentações e pelo controle dos recursos desses espaços e dos bens provenientes das arrecadações ao Santo e à Irmandade.

As principais mudanças identificadas foram:

- a) Mudanças na associação: de irmandade de negros, religiosa, admitida pela Igreja Católica, na qual os leigos detinham o poder sobre o culto, os ritos e os bens, seguida por uma fase de disputas com a Igreja, acentuada com a transformação da irmandade em sociedade civil. Esse processo culminou com a extinção da Irmandade do Glorioso São Benedito, o controle do culto, a posse do templo dedicado a São Benedito e demais bens da associação pela Igreja, concomitantemente com a organização da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, como sociedade civil desvinculada do poder religioso;

- b) Mudança no quadro de associados: no início congregavam negros escravizados, libertos e livres, depois foi possibilitando maior entrada de brancos e, nas últimas décadas, passou a juntar uma diversidade grande de pessoas. Houve também maior engajamento de membros da elite econômica e política da cidade e de outros lugares e instâncias, maior presença também de figuras públicas; grupos que passaram a apoiar financeiramente os eventos e os utilizar para sua promoção e visibilidade social;
- c) Mudança no controle dos rituais, recursos, espaços e instrumentos da Marujada: anteriormente, a organização e programa da festa eram controlados pela Irmandade e uma diretoria por ela indicada, com a participação da Igreja. Posteriormente, isso se inverteu. Foi também instituída a Diretoria da Festividade e maior delimitação em dois espaços da festa, que os interlocutores identificam como o lado cultural ou profano e o lado religioso ou sagrado. O primeiro, sob controle da Irmandade da Marujada, o segundo sob controle da Igreja Católica (Paróquia de Nossa Senhora do Rosário);
- d) Maior controle da Igreja sobre alguns momentos das esmolações e sobre o direcionamento das comitivas do Santo, com solenização dos momentos de saída e chegada das mesmas, orientações aos encarregados e esmoleiros, administração das ofertas e donativos recolhidos pelas comitivas;
- e) Maior padronização e controle da Irmandade sobre a indumentária de marujas e marujos e seus usos, associados à defesa da tradição. Sua introdução ocorreu em fins da década de 1940, durante o contexto de aprovação do estatuto que tornou a antiga irmandade religiosa em associação civil;
- f) Mudanças na programação da festividade com a incorporação de outras práticas e espaços da celebração, a exemplo da cavalhada que a partir dos anos 1950 passou a compor a programação da festa, bem como a comemoração anual da data de organização da irmandade e da Marujada, no dia 3 de setembro;
- g) Mudanças no itinerário da procissão do dia 26 de dezembro, que evidenciam maior controle efetivo da Igreja sobre a Marujada, a partir da

década de 80, quando a procissão deixou de passar por lugares que sinalizavam o prestígio de sujeitos relacionados com a Festividade do GSB para se voltar a espaços que demarcam a Igreja Católica na cidade. Posteriormente, em nova mudança de itinerário, o percurso foi aumentado, passando a incorporar uma parte da cidade mais afastada do centro.

- h) Mudanças nas formas de fazer os instrumentos musicais, como o tambor, e os adereços, como o chapéu da maruja;
- i) Difusão de grupos que dançam a Marujada e produzem músicas sobre o contexto da festa e da Marujada de São Benedito;
- j) Desarticulação de elementos da organização dos antigos arraiais da festa, como os arcos (portais) da festividade, ordenamento das barracas no entorno da igreja, das barquinhas e carrossel que ficavam ao lado do Barracão da Marujada;
- k) Maior presença e participação do público nos eventos da Marujada de Bragança, sobretudo no dia 26 de dezembro.

Desde a década de 1980 ocorreram importantes mudanças na Festividade e Marujada de São Benedito em Bragança, em parte decorrentes do controle efetivo que a Igreja Católica passa a ter sobre a mesma (SILVA, 1997) e das reações e resistências da Irmandade e seus marujos e marujas a esse controle. Um dos pontos destacados são os espaços da festa, nas tensões entre a religiosidade popular e a oficial.

Mas as mudanças também resultam dos investimentos na maior divulgação da festividade e sua popularização no Pará, através de projetos culturais e turísticos agenciados pelo governo do Estado, como o projeto PREAMAR. Tal projeto foi lançado no final da década de 1980, sendo retomado com nova abordagem em 2019, incentivando a produção e circulação de projetos artísticos expressivos da cultura paraense. Com tais ações e investimentos, a Marujada se tornou conhecida em cenários mais amplos e Bragança se tornou ainda mais procurada para o turismo cultural. Assim, além da dança ritual, que atrai o público para a festividade, houve sua divulgação como dança espetáculo, em eventos turísticos e mostras culturais fora da cidade de Bragança.

Por conseguinte, houve nas últimas décadas o aumento significativo do público presente nos eventos da Marujada, o que fica mais evidente no dia 26 de dezembro, dia da culminância da festa, quando o Largo de São Benedito é tomado por participantes vindos dos mais variados lugares. Esse aumento foi impulsionado, dentre outros fatores já mencionados, pelos investimentos nas celebrações dos 200 anos da Festividade e da Marujada em 1998.

Os interlocutores mencionam o lado cultural como aquele em que ocorrem as danças da Marujada, os ensaios, os almoços e outras refeições, levantamento e derrubada do mastro, cavalhada, as chamadas à marujada para cortejos, ensaios, reuniões e eventos dentro ou fora da cidade, bem como a contratação de músicos e bandas para a festividade. Além destes, são realizadas outras festas na cidade, como shows com cantores e/ou aparelhagens sonoras, apesar das resistências da Igreja Católica e da própria associação. Os espaços mais utilizados são o Teatro Museu da Marujada e o Barracão da Marujada, embora também sejam utilizados associações e salões de festa, cedidos ou alugados, para a realização de cafés-da-manhã e dos almoços do juiz e da juíza.

Já o lado religioso é referido às missas, novenas, ladainhas, procissão solene, lançamento do tema e cartaz da festividade, dentre outros. O espaço de maior controle para tais eventos é a Igreja de São Benedito, embora também haja o Salão Beneditino, onde ocorre o leilão, o qual, apesar de ser um dos momentos de diversão e sociabilidade, é coordenado pela Diretoria da Festa e pela paróquia, que controla os recursos obtidos. Da mesma forma, o entorno da Igreja de São Benedito é um espaço que a paróquia tenta controlar, agenciando o mesmo para seus ritos religiosos, mas é disputado por aqueles que organizam programações culturais na cidade, incluindo a prefeitura, e por vendedores em quiosques que vão ocupando uma das laterais do Largo de São Benedito ou ambulantes, sem o aval da Igreja Católica.

Observa-se a presença da mídia local e da capital do Estado na festividade, e a presença de vários pesquisadores com seus projetos de pesquisa, também registrando os eventos da programação anual. Dentre os quais, muitos fotógrafos profissionais com equipes completas, profissionais do departamento de comunicação do governo do Pará, políticos do município e do governo estadual e os fotógrafos amadores registrando a festividade de São Benedito, ano após ano, sobretudo no

momento da procissão solene e das danças da Marujada. Isto favorece a divulgação da festividade e colabora também para sua espetacularização.

Nas últimas décadas foi percebida, no cenário da cidade, a presença dos símbolos que identificam a devoção a São Benedito e os festejos da Marujada, através de esculturas como a imagem do Santo em grandes dimensões, como no Mirante de São Benedito e na entrada do Estádio Olímpico São Benedito, de pinturas nas fachadas ou interior de prédios públicos e privados, bem como nas casas e em estabelecimentos comerciais.

Essas referências se voltam mais à figura do Santo como uma espécie de padroeiro do lugar (é, na verdade, co-padroeiro, ao lado de Nossa Senhora do Rosário) e aos elementos que mais destacam a festa, como marujas e marujos com suas vestes características. Assim, as referências aos negros, sobretudo as que se voltam aos tempos da fundação da Irmandade, que seria o início da Marujada, e aos ritmos e instrumentos usados na festa do Santo Preto, não se travestem no desenvolvimento de consciência e no combate ao racismo que atinge as populações negras. Isto nos incentiva a sugerir que nas ações de salvaguarda seja, de forma transversal, debatida a invisibilização de negros e de suas práticas culturais e o racismo estrutural que se manifesta em preconceitos e práticas discriminatórias contra pretos e pardos, que formam a maior parte da população na região.

Pelo conjunto do que foi exposto neste relatório, conclui-se que a Marujada de São Benedito da região bragantina se constitui como patrimônio cultural imaterial que deve ser mais conhecido, divulgado e preservado no Brasil. Trata-se de uma celebração que se expressa em eventos festivos e devocionais e que tem relevância histórica, cultural e religiosa, sendo reveladora da memória e das formas de vida, trabalho, devoção e religiosidade na Amazônia. A Marujada é socialmente reconhecida como parte integrante do patrimônio cultural na região nordeste do Pará, sendo preparada anualmente por seus detentores e partilhada por um conjunto amplo de pessoas, residentes em Bragança e seu entorno, na capital do estado, mas também em muitas outras cidades e até do exterior.

A Marujada de São Benedito compõe um conjunto de práticas sociais, rituais e atos festivos, que se manifestam em saberes, os quais vêm sendo transmitidos por gerações, fomentando um sentimento de identidade e continuidade em torno dessa celebração, tomada por seus participantes como uma tradição que deve ser mantida,

o que não quer dizer que não seja constantemente recriada, como observamos ao longo da pesquisa.

4. RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA

Finalmente, para identificação e documentação da Marujada de São Benedito na região bragantina como patrimônio cultural imaterial a ser reconhecido no país, apresentaremos o diagnóstico das demandas atualmente existentes para a continuidade deste bem, apontando algumas sugestões de medidas a serem tomadas visando a sua salvaguarda. Fizemos isso a partir das conversas com detentores, cujas demandas dividimos em quatro eixos, em conformidade com o Termo de Referência para a Salvaguarda dos Bens Registrados, elaborado pelo Departamento do Patrimônio Imaterial do IPHAN (Cf. IPHAN, 2017). Os eixos são: 1. Mobilização social e Alcance da Política; 2. Gestão Participativa no Processo de Salvaguarda; 3. Difusão e Valorização; e 4. Produção e Reprodução Cultural.

Primeiramente, podemos afirmar que não identificamos risco de desaparecimento da Marujada de São Benedito na região pesquisada, pelo contrário, constata-se a continuidade dessa celebração por séculos e, nas últimas décadas, o aumento das dimensões da festividade em termos de público participante e dos grupos que nela se envolvem, com grande aumento de suas repercussões no estado do Pará. Porém, das conversas com os detentores da Marujada, ou seja, com quem tem relação direta com a dinâmica de sua produção e reprodução como bem cultural, podemos elencar as seguintes demandas e recomendações para a salvaguarda da Marujada na região bragantina.

- Mobilização social e Alcance da Política

Como afirmado anteriormente, partiu da demanda apresentada por um coletivo de pessoas e instituições envolvidas na produção da Marujada em Bragança o pedido, junto ao IPHAN, de reconhecimento da mesma como patrimônio cultural do Brasil. Desde então, foram se ampliando os contatos de membros da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, das Comitivas de São

Benedito, de marujas, marujos e promesseiros, da Igreja Católica na cidade, de gestores do município, de artistas e artesãos com os técnicos do IPHAN e a equipe da UFPA, responsáveis pelo inventário da Marujada. Posteriormente, houve pedido formal de inserção das Marujadas da região bragantina e de Ananindeua no processo de registro deste bem cultural.

Estes contatos e aproximações devem ser ampliados, com maior envolvimento de grupos que produzem as Marujadas nos debates sobre políticas públicas e gestão do patrimônio para fortalecer sua autonomia como detentores desse bem cultural. Neste sentido, recomendamos que seja estimulado um processo de auscultação, em eventos com a participação dos detentores das Marujadas, para avaliar os resultados já alcançados nas etapas desenvolvidas neste inventário, coletar impressões e sugestões, bem como as suas preocupações e indicações quanto à salvaguarda da Marujada na região.

Recomendamos que sejam reconhecidas as Marujadas da região bragantina e Ananindeua, considerando-se as ações desenvolvidas pelos grupos de detentores, ampliando-se os diálogos, através de reuniões, com marujos e marujas, membros de comitivas de santo, associações das Marujadas, párocos e demais representantes religiosos, artesãos e músicos. Outra sugestão é a criação de redes presenciais e virtuais para trocas de informações sobre o inventário e a salvaguarda do bem.

Outra demanda é da maior divulgação das etapas e produtos do inventário da Marujada no Pará. Trata-se de um processo de registro do bem cultural ainda em curso e no qual se deve buscar a socialização dos seus resultados como forma de se ampliar o interesse e participação social no processo de reconhecimento e salvaguarda da Marujada como patrimônio cultural imaterial do Brasil. Isso poderá ser feito através de eventos presenciais e virtuais em formatos diversos (seminário, roda de conversa, mostras, etc.); de participações das equipes do inventário e dos técnicos do IPHAN em programas jornalísticos e culturais nas principais mídias existentes no país; e/ou de comunicações oficiais em diferentes formatos e publicação nos sítios do IPHAN, UFPA, associações das Marujadas, prefeituras e governo do estado do Pará sobre as Marujadas e posteriormente sobre os produtos dos inventários e das ações de salvaguarda.

Com o registro da Marujada de São Benedito na região bragantina (incluindo Ananindeua), deve-se impulsionar maior articulação entre seus detentores e outros grupos e instituições em diferentes esferas de atuação. Tal articulação pode ampliar o conhecimento sobre esse bem cultural e integrar o processo de salvaguarda das Marujadas com as políticas públicas e projetos nas diferentes esferas do poder. Para tanto, são recomendadas reuniões para tratativas entre diferentes grupos e instituições, nos âmbitos municipal, estadual e federal para desenvolvimento de projetos integrados com participação dos detentores das Marujadas. Também capacitar os detentores para que eventualmente possam ser integrados nas equipes de pesquisa, registro e difusão das Marujadas na região bragantina. Incentivar e apoiar a realização de outras pesquisas sobre as Marujadas na região bragantina e de produções escritas e audiovisuais sobre o tema (relatório, dossiê, filmes, artigos, etc.).

- Gestão Participativa no Processo de Salvaguarda

Outro conjunto de demandas se liga à inexistência de plano de salvaguarda das Marujadas na região bragantina e à restrita articulação e integração de diferentes indivíduos, grupos e entidades públicas e privadas, governamentais e não governamentais para debates e ações que visem essa salvaguarda. Recomenda-se levantar as ações desenvolvidas por grupos nas Marujadas da região bragantina que visem a produção, defesa, divulgação e registro dessa manifestação cultural, valorizando-se os coletivos já existentes. É preciso criar plano de salvaguarda dessas manifestações com amplo envolvimento de detentores e grupos e instituições interessadas e responsáveis pelas ações de salvaguarda do patrimônio cultural nos âmbitos municipal, estadual e nacional, buscando-se conservar os saberes populares, as tradições, as formas de expressão, os locais e as celebrações em torno dessa manifestação.

Pode-se estimular a criação de um Comitê Gestor para coordenar o desenvolvimento do plano de salvaguarda, sua avaliação e seus desdobramentos, no qual se incluam os representantes dos detentores das Marujadas, do IPHAN, da UFPA, dos poderes públicos municipais e estadual. Bem como fomentar a criação de um Conselho Consultivo com ampla representação social para apoio técnico ao

Comitê Gestor do desenvolvimento do plano de salvaguarda das Marujadas na região bragantina. Promover formações voltadas para detentores, mediadores e gestores sobre o desenvolvimento e gestão das políticas para o patrimônio e da salvaguarda da Marujada é outra recomendação.

Para o atendimento da demanda assinalada, as ações a serem realizadas podem ser: reuniões com detentores e associações das Marujadas e gestores municipais e estaduais; oficinas para criação do plano de salvaguarda; audiências públicas com participação de detentores, igrejas, gestores e técnicos dos municípios onde ocorrem as Marujadas (região bragantina e Ananindeua), do estado e do governo federal, sobretudo de seus conselhos de patrimônio, de turismo e de cultura, além de associações civis; e, ainda, produção de registros diversos destas ações (atas de reuniões, termos de possíveis convênios, plano de salvaguarda, etc.). Outra sugestão é a elaboração de plano de capacitação para detentores, mediadores e gestores, incluindo-se discussões sobre gestão de políticas para o patrimônio imaterial.

- Difusão e Valorização

Os sentidos e significados atribuídos aos elementos constituintes da Marujada na região bragantina são ainda pouco conhecidos pelo grande público. Valorizar os registros (em diferentes formatos) já realizados sobre as Marujadas na região bragantina, difundindo-se informações sobre as mesmas para um público mais amplo, é importante. Para tanto, pode-se criar um blog ou outra mídia de divulgação e compartilhamento de produções escritas e audiovisuais sobre as Marujadas da região bragantina. Comunicar em diferentes formatos para diversos públicos com o tema Marujadas da região bragantina é outra possibilidade para atendimento dessa demanda.

Marujas e marujos de Bragança são muito visualizados e, em certos contextos, agenciados para eventos, sobretudo de cunho cultural, porém alguns detentores se sentem pouco valorizados em seus saberes, práticas e atuações como responsáveis pela produção e continuidade da Marujada. Então, investir em ações que promovam essa valorização é altamente recomendado. Isso pode ser feito através da organização de encontros das Marujadas da região bragantina e Ananindeua para

socialização, trocas de conhecimentos e escuta e registro de suas reivindicações. Pode-se também promover a divulgação, por diferentes mídias, do calendário festivo de cada Marujada, com links para as programações e principais redes sociais utilizadas por seus promotores.

- Produção e Reprodução Cultural

Nas conversas com a equipe do projeto, vários detentores esboçaram o temor de que as gerações mais novas não valorizem a Marujada e que seus saberes e práticas se percam no futuro. É recomendável que se apoiem e promovam atividades que valorizem a memória e transmissão de saberes sobre a Marujada com atuação dos próprios detentores e com condições para essa atuação (possivelmente com a previsão de remuneração e materiais). Isso pode se desenvolver através de oficinas sobre a história da Marujada e sobre as suas danças; oficinas ou rodas de conversa sobre a produção do chapéu da maruja; oficinas de produção e manutenção de instrumentos musicais; documentação textual, fotográfica e audiovisual dos elementos da Marujada; rodas de conversa com os mestres sobre ladainhas, folias, indumentária, imagens do santo, histórias do e com o santo, cavalhada, etc.

Os detentores também sinalizaram que gostariam de ter maior atuação em momentos de recepção ao público que visita o município por ocasião da festividade da Marujada. Mas demandam capacitação para melhorar os processos de transmissão de seus conhecimentos e tradições, o que poderia aumentar suas oportunidades de obtenção de renda, com maior inserção dos mesmos inclusive nas programações turísticas no município. Relatam que há eventos pontuais nos quais marujas e marujos, esmoleiros ou outros detentores são chamados para recepcionar o público, mas isso não acontece de forma organizada e nem acompanhada de formações que aprofundem seus conhecimentos sobre a Marujada ou favoreçam sua melhor apresentação. Em vista disso, recomenda-se o planejamento de capacitações em formatos diversos para os detentores, bem como reuniões com instituições, agências do trade turístico, empresários e gestores municipais, com apoio de técnicos do IPHAN.

Finalmente, observamos que os usos de determinados espaços tradicionais dos eventos da Marujada em Bragança são afetados pela falta de proteção do seu entorno. Um exemplo disso é que a área de entorno do tombamento da Igreja de São

Benedito não é devidamente administrada e preservada, havendo risco de não poderem realizar os ensaios das danças porque ao redor do espaço do Barracão da Marujada há mal cheiro, dada a falta de ordenamento, de fiscalização e de infraestrutura nesta área da orla da cidade. Com vistas a dar os encaminhamentos necessários a este e outros problemas, poderiam ser realizadas reuniões de trabalho e articulação entre a gestão do município, do estado, do poder judiciário, com proprietários e sujeitos interessados na defesa do patrimônio, com apoio do IPHAN, para melhor atuar no entorno dos espaços da Marujada. Na sequência, poderiam ser produzidos documentos diversos que encaminhem a demanda aos órgãos responsáveis pela preservação destes espaços e por equipamentos urbanos que favoreçam sua conservação, preservação e utilização.

Quadro 4 - Recomendações de Ações para a Salvaguarda da Marujada

RECOMENDAÇÕES DE AÇÕES PARA A SALVAGUARDA DA MARUJADA			
PROPOSTAS	AÇÕES REALIZADAS	AÇÕES NÃO REALIZADAS	PROPOSTAS A PARTIR DA REAVALIAÇÃO DO BEM CULTURAL
Mobilização social e Alcance da Política			
Estimular o maior envolvimento de grupos que produzem as Marujadas nos debates sobre políticas públicas e gestão do patrimônio para fortalecer sua autonomia como detentores desse bem cultural.	Realização de reuniões entre detentores, técnicos do IPHAN, membros de associações de marujadas e equipe do inventário.		
Avaliar os resultados já alcançados nas etapas desenvolvidas no inventário, coletar impressões e sugestões, bem como as preocupações e indicações dos detentores quanto à salvaguarda da Marujada na região.	Reuniões com membros da Irmandade da Marujada de São Benedito com apresentações de resultados das etapas do inventário e exibição do filme de registro.		
Reconhecer os grupos e suas atividades na realização de Marujadas na região bragantina e Ananindeua	Pesquisa de campo, com realização de entrevistas e registro fotográfico e audiovisual das Marujadas de Quatipuru, Tracuateua, Augusto Corrêa, Primavera, Capanema e Ananindeua.	Levantar as ações desenvolvidas pelos grupos que realizam estas Marujadas; Produzir registros dos eventos destas Marujadas; Criar redes presenciais e virtuais para trocas de informações sobre o inventário e a salvaguarda do bem.	
Divulgar as etapas e produtos do inventário da Marujada, socializando os seus resultados como forma de se ampliar o interesse e participação social no processo de reconhecimento e salvaguarda da Marujada como patrimônio cultural imaterial do Brasil.	Realização do Seminário “Marujada de São Benedito, patrimônio cultural: de Bragança para o Brasil”, nos dias 6 e 7 de novembro de 2019, na UFPA Campus de Bragança. Socialização dos resultados parciais do inventário; Reuniões com detentores da	Realizar o Seminário o Seminário Marujadas no Pará: patrimônio cultural do Brasil, em março de 2023, para apresentação dos resultados finais do inventário; Constituir uma agenda de eventos acadêmico-científicos, culturais e políticos envolvendo diversos setores e instituições para	

	<p>Marujada de São Benedito de Bragança, com apoio dos técnicos do IPHAN;</p> <p>Reuniões com detentores das Marujadas de Quatipuru, Tracuateua, Augusto Corrêa, Primavera, Capanema e Ananindeua, com apoio dos técnicos do IPHAN;</p> <p>Participação da equipe do inventário, dos técnicos do IPHAN e detentores em eventos presenciais e virtuais em formatos diversos (seminário, roda de conversa, mostras, etc.) em programas jornalísticos e culturais nas principais mídias existentes no país.</p>	<p>mobilização em torno da salvaguarda da Marujada;</p> <p>Produzir comunicações oficiais em diferentes formatos e publicação nos sítios do IPHAN, UFPA, associações das Marujadas, prefeituras e governo do estado do Pará sobre as Marujadas e posteriormente sobre os produtos dos inventários e das ações de salvaguarda.</p>	
Ampliar o conhecimento sobre esse bem cultural e integrar o processo de salvaguarda das Marujadas com as políticas públicas e projetos nas diferentes esferas do poder		<p>Impulsionar tratativas entre diferentes grupos e instituições, nos âmbitos municipal, estadual e federal para desenvolvimento de projetos integrados com participação dos detentores das Marujadas;</p> <p>Capacitar os detentores para que eventualmente possam ser integrados nas equipes de pesquisa, registro e difusão das Marujadas na região bragantina;</p> <p>Incentivar e apoiar a realização de outras pesquisas sobre as Marujadas na região bragantina e de produções escritas e audiovisuais sobre o tema (relatório, dossiê, filmes, artigos, etc.).</p>	
Gestão Participativa no Processo de Salvaguarda			
Criar plano de salvaguarda das Marujadas do Pará com		Promover reuniões de trabalho e oficinas com indivíduos, grupos e	

<p>amplo envolvimento de detentores, grupos e instituições interessadas e responsáveis pelas ações de salvaguarda do patrimônio cultural nos âmbitos municipal, estadual e nacional.</p>		<p>entidades públicas e privadas, governamentais e não governamentais para debates e ações que visem a salvaguarda da Marujada;</p> <p>Estimular a criação de um Comitê Gestor para coordenar o desenvolvimento do plano de salvaguarda, sua avaliação e seus desdobramentos, no qual se incluam os representantes dos detentores das Marujadas, do IPHAN, da UFPA, dos poderes públicos municipais e estadual;</p> <p>Fomentar a criação de um Conselho Consultivo com ampla representação social para apoio técnico ao Comitê Gestor do desenvolvimento do plano de salvaguarda das Marujadas na região bragantina;</p> <p>Promover formações voltadas para detentores, mediadores e gestores sobre o desenvolvimento e gestão das políticas para o patrimônio e da salvaguarda da Marujada;</p> <p>Produzir registros diversos destas ações (atas de reuniões, termos de possíveis convênios, plano de salvaguarda, etc.);</p> <p>Elaborar plano de capacitação para detentores, mediadores e gestores, incluindo-se discussões sobre gestão de políticas para o patrimônio imaterial.</p>	
Difusão e Valorização			
<p>Divulgar os sentidos e significados atribuídos pelos detentores aos elementos constituintes</p>		<p>Criar um blog ou outra mídia de divulgação e compartilhamento de produções escritas e</p>	

da Marujada, valorizando-se os registros já produzidos sobre as mesmas.		<p>audiovisuais sobre as Marujadas no Pará;</p> <p>Comunicar em diferentes formatos para diversos públicos com o tema Marujadas no Pará.</p>	
Incentivar ações que promovam a valorização dos saberes, práticas e atuações dos detentores como responsáveis pela produção e continuidade da Marujada.		<p>Organizar encontros das Marujadas da região bragantina e Ananindeua para socialização, trocas de conhecimentos e escuta e registro de suas reivindicações;</p> <p>Promover a divulgação, por diferentes mídias, do calendário festivo de cada Marujada, com links para as programações e principais redes sociais utilizadas por seus promotores.</p>	
Produção e Reprodução Cultural			
Apoiar e promover atividades que valorizem a memória e transmissão de saberes sobre a Marujada com atuação dos próprios detentores e com condições para essa atuação (possivelmente com a previsão de remuneração e materiais).		<p>Realizar oficinas e rodas de conversa sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> - história da Marujada, - danças; - produção do chapéu da maruja; - produção e manutenção de instrumentos musicais; - ladainhas e folias; - indumentária; - imagens do Santo; - histórias do e com o Santo; - cavalhada. <p>Oficinas de documentação textual, fotográfica e audiovisual dos elementos da Marujada.</p>	
Incentivar e apoiar a participação dos detentores em eventos de recepção ao público e programações turísticas no município por ocasião da festividade da Marujada.		<p>Promover capacitações em formatos diversos para detentores a fim de melhorar os processos de transmissão de seus conhecimentos e tradições, bem como de aumentar suas oportunidades de obtenção de renda;</p> <p>Promover reuniões com instituições, agências do trade turístico, empresários e gestores</p>	

		municipais, com apoio de técnicos do IPHAN.	
Articular com os órgãos responsáveis pela preservação dos espaços tradicionais dos eventos da Marujada ações que favoreçam sua conservação, preservação e utilização.		Promover reuniões de trabalho e articulação entre a gestão do município, do estado, do poder judiciário, com proprietários e sujeitos interessados na defesa do patrimônio, com apoio do IPHAN.	

Fonte: Produzido por Roseane Pinto, a partir do Dossiê de Registro Marujada de São Benedito, Pará. 2022. INRC Marujada.

5. REFERÊNCIAS

ABDALA, Guilherme; SARAIVA, Nicholas; Wesley, Fábio. **Plano de Manejo da Reserva Extrativista Caeté-Taperaçu**, v. I: Diagnóstico da Unidade de Conservação. Brasília: ICMBio, 2012.

ABREU, Capistrano J. **Capítulos de História Colonial (1500-1800) & Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

AGÊNCIA PARÁ. Mais de 100 mil pessoas na Festa da Marujada louvam São Benedito. Edição on line de 26/12/2019. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/17107/> Acessos em 23.11.2020.

ALENCAR, Larissa Fontenele de. **Nos “rastros dos pés descalços”**: da Marujada à narrativa literária. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará/Campus de Bragança, Bragança, 2014. Disponível em: [http://pplsaproesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2012/NO%20RASTRO%20DO%20S%20E2%80%9CP%3%89S%20DESCAL%3%87OS%20E2%80%9D%20da%20Marujada%20%20C3%A0%20narrativa%20liter%C3%A1ria%20\(TEXTO\).pdf](http://pplsaproesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2012/NO%20RASTRO%20DO%20S%20E2%80%9CP%3%89S%20DESCAL%3%87OS%20E2%80%9D%20da%20Marujada%20%20C3%A0%20narrativa%20liter%C3%A1ria%20(TEXTO).pdf).

_____. (Des)Silenciando os Rastros da Marujada de São Benedito em Crônicas da Revista Bragança Ilustrada. **Nova Revista Amazônica**, v. 1 n. 1, p. 48-67, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6276/5033>.

AMORIM, Ana Karine Jansen. **Um fogo que se deita no mar**: Um estudo sobre a Marujada do município de Quatipuru do Estado do Pará. Tese (Doutorado em Artes Cênicas). Universidade Federal da Bahia, 2008.

ARAÚJO, Renata Malcher. **As cidades da Amazônia no século XVIII**: Belém, Macapá e Mazagão. 2. ed. Porto: FAUP, 1998.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Bragança, PA**: caracterização do território. 2018. Disponível em: http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/braganca_pa.

BAENA, Antonio L. Monteiro. **Compêndio das Eras da Província do Pará**. Belém: Editora da UFPA, 1969.

BARROS COHEN, Líliam Cristina. Música e sociabilidade no Alto Rio Negro, Amazonas, Brasil. **Trans. Revista Transcultural de Música**, Barcelona, n. 20, p. 1-21, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/822/82252822002.pdf>.

BARROS, Líliam Cristina da Silva; PANTOJA, Vanda. **Dossiê das Festividades de São Sebastião na Mesorregião do Marajó**. Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC MARAJÓ. Belém: IPHAN, 2010. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%C3%AA_S_SEBASTI%C3%83O.pdf.

_____; SANTOS, Antônio Maria de Souza. Fronteiras étnicas nos repertórios musicais das 'festas de santo' em São Gabriel da Cachoeira (alto rio Negro, AM). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 2, n. 1, p. 23-53, jan./abr. 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/41464399_Ethnical_frontiers_in_the_music_of_'festas_de_santo'_in_Sao_Gabriel_da_Cachoeira_upper_Negro_river_AM/fulltext/03a3f8020cf24498d292c721/Ethnical-frontiers-in-the-music-of-festas-de-santo-in-Sao-Gabriel-da-Cachoeira-upper-Negro-river-AM.pdf.

BATISTA, Bernardo W. M. Ressonâncias da rabeca na Marujada de Bragança (PA). **Revista Visagem**, v. 3, n. 1, p. 339-354, 2017. Disponível em: http://grupovisagem.org/revista/edicao_v3_n1/acervo/exp_etnografica_01.pdf.

BEZERRA NETO, José Maia. Histórias Urbanas de Liberdade: escravos em fuga na cidade de Belém, 1860-1888. **Afro-Ásia**, n. 28, p. 221-250, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21049/13646>.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BORBA, Eduardo Zille; MESQUITA, Francisco. Comunicação visual: uma análise aos cartazes da Copa do Mundo 2014. In: JORNADAS DE PUBLICIDADE & COMUNICAÇÃO, 4., 2014, Lisboa. Anais [...]. Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social, 2014. 10p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/268499423_Comunicacao_Visual_uma_analise_aos_cartazes_da_Copa_do_Mundo_2014.

BORDALLO DA SILVA, Armando. **Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina**. Belém: Falangola Editora, 1981.

_____. Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova Série. Antropologia**, Belém, n. 5, p. 1-76, jul. 1959. Disponível em: <https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/471>.

BORGES, Márcio. **Entendendo o cartaz de São Benedito – Ano de 2018**. Conteúdo em rede social, 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/marcio.rborges>.

_____. **Sobre o cartaz da Festividade de São Benedito de 2019**. Conteúdo em rede social, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/marcio.rborges>.

BRITO, Bruno. Notas sobre culinária caipira na obra de Almeida Júnior. **Revista Ingesta**, v. 1, n. 2, p. 175-176, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistaingesta/article/view/164628/157863>.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru: São Paulo, EDUSC, 2004.

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos** – conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. **A “festa do santo preto”**: tradição e percepção da Marujada Bragantina. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7940/1/2010_GiseleMariadeOliveiraCarvalho.pdf.

CASTRO, Edna Maria Ramos de. **Escravos e senhores de Bragança** (Documentos históricos do século XIX, Região Bragantina, Pará). Belém: NAEA, 2006.

CASTRO, Manoel Aviz de. Conversa de Marujo. In: COUTO, Valentino Dolzane do (Org.). **Antologia da Maruja**. v. 9. Belém: Cadernos IAP, 2000, p. 20-25.

CHAVES, Wagner Diniz. Canto, voz e presença: uma análise do poder da palavra cantada nas folias norte-mineiras. **Mana**, v. 20, n. 2, p. 249-280, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132014000200249.

CORRÊA, Ester Paixão. A mulher no comando da Marujada: ser “Capitoa” da Marujada de São Benedito de Bragança-PA. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 31., 2018, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. 20p. Disponível em: http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1541357207_ARQUIVO_Amulhernocomandodamarujada.pdf.

_____. **Pérolas do Caeté**: a dança das Marujas de São Benedito de Bragança-Pa. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <http://ppga.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/disserta%C3%A7%C3%B5es2017/2017%20-%20Ester%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20-%20vers%C3%A3o%20Final.pdf>.

_____; ALENCAR, Edna Ferreira. Rito e devoção entre as Mulheres Marujas na Festa de São Benedito, Bragança-PA. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 5.; REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, 14., 2015, Maceió. **Anais [...]**, Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2015. 18p. Disponível em: https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Ester%20Paixo%20Correa%20-%201020815%20-%2004479%20-%20corrigido.pdf.

COSTA, Antonio Maurício Dias da; MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa na cidade**: o circuito bregueiro de Belém do Pará. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

COSTA, Tony Leão da. Carimbó - negritude, indianeidade e caboclice: debates sobre raça e identidade na música popular amazônica (década de 1970). **Anais do XVIII Simpósio Nacional de História**. Lugares dos Historiadores: velho e novos

desafios. 16f. Florianópolis, Santa Catarina, 2015. Disponível em:
http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434409930_ARQUIVO_Carimbo-negritude,indianeidadeecaboclice.pdf

CRUZ, Ernesto. **História de Belém**. v. 1. Belém: Editora da UFPA, 1973.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & a Rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed., Rio de Janeiro, 1997.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. A língua vernácula na música católica no Brasil desde o século XIX: cânticos espirituais e as representações acerca da participação ativa dos fiéis nos ritos religiosos. **Opus**, v. 22, n. 2, p. 115-146, dez. 2016. Disponível em:
<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/386/379>.

_____. Tradição e controle normativo das práticas musicais: uma análise dos paradigmas romanos e seu impacto na música católica no Brasil entre 1903 e 1963. **História: Debates e Tendências**, v. 18, n. 1, p. 60-74, jan./jun. 2018. Disponível em:
<http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/7258/4581>.

FERRETTI, Mundicarmo. Brinquedo de Cura em terreiro de Mina. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros** [online]. 2014, n. 59, p. 57-78. Disponível em:
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i59p57-78> . Acessos em 03.06. 2019.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Pés que andam, pés que dançam**: memória, identidade e região cultural na esmolação e marujada de São Benedito em Bragança (PA). Belém: EDUEPA. 2011.

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS. **Barômetro da Sustentabilidade do Município de Bragança**. Belém: Diretoria de Estudos e Pesquisas Ambientais, 2016. Disponível em:
[http://www.fapespa.pa.gov.br/upload/Arquivo/anexo/929.pdf?id=1466014746#:~:text=T%C3%ADtulo.&text=Funda%C3%A7%C3%A3o%20Amaz%C3%B4nia%20de%20Amparo%20a%20Estudos%20e%20Pesquisas%20\(Fapespa\)%20apresenta,n%C3%ADvel%20de%20sustentabilidade%20do%20munic%C3%ADpio](http://www.fapespa.pa.gov.br/upload/Arquivo/anexo/929.pdf?id=1466014746#:~:text=T%C3%ADtulo.&text=Funda%C3%A7%C3%A3o%20Amaz%C3%B4nia%20de%20Amparo%20a%20Estudos%20e%20Pesquisas%20(Fapespa)%20apresenta,n%C3%ADvel%20de%20sustentabilidade%20do%20munic%C3%ADpio).

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1976.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque (Org.). **A Época Colonial** – 1. Do descobrimento à Expansão Territorial. História Geral da Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Área territorial brasileira**. Bragança. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/braganca/panorama>.

_____. **Bragança**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/braganca>.

_____. **Censo agropecuário**: resultados definitivos 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

_____. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

_____. **Divisão Territorial Brasileira - DTB**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/23701-divisao-territorial-brasileira.html?=&t=o-que-e>.

_____. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: síntese de indicadores 2001. Brasília, DF: MS/SPS/DAB, 2002.

_____. **Mapa Político do Estado do Pará**. Rio de Janeiro, IBGE, 2009. Disponível em: <https://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/images/abook/capa/1sem2015/Fevereiro/Mapa%20Politico%20do%20PA.png>

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL.

Salvaguarda de bens registrados: patrimônio cultural do Brasil: apoio e fomento. Coordenação e organização Rívia Ryker Bandeira de Alencar. Brasília: IPHAN, 2017. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha2salvaguarda_bensculturaisregistados_web.pdf

LE GOFF, Jacques. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Trad. Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Nacional, 1976.

LIMA, Luciano Demetrius Barbosa. **Dos trilhos às rodas**: histórias e memórias de Capanema. Belém: Paka-Tatu, 2015.

LIMA, Andrey Faro. **“É a Festa das Aparelhagens!”** Performances culturais e discursos sociais. 2008. 136f. Dissertação de Mestrado (Antropologia). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

MACEDO, José Rivair. Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no Novo Mundo, **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre - BUCEMA** [online], n° 2, 2008, mis en ligne le 25 janvier 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cem/8632>

MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. **Revista História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 33-53, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7861/5542>.

MARTINS, Neuziane. **Escravos em Bragança a partir da classificação para o fundo de emancipação (Pará, 1870-1888)**. 2017. 84f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2017.

MAUÉS, Raymundo Herald. Origens históricas da cidade de Bragança. **Revista de História**, São Paulo, v. 35, n. 72, p. 377-392, 1967. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/126795/123775>.

_____. **Padres, Pajés, Santos e Festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: CEJUP, 1995.

_____. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, p. 259-274, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v19n53/24092.pdf>.

_____; MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. O modelo de “reima”: representações alimentares em uma comunidade amazônica. **Anuário Antropológico**, v. 2, n. 1, p. 120-147, 1978. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6016/7897>.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MELO, Amanda Barros; Santos, Maria Roseli Sousa. Catolicismo popular e suas performances coletivas. **Revista MÉTIS: história & cultura**, v. 12, n. 28, p. 157-171, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/4229>.

MOLES, Abraham Antoine. **O Cartaz**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MORAES, Maria José Pinto da Costa de; ALIVERTI, Mavilda; SILVA, Rosa Maria Mota da. **Tocando a memória**: Rabeca. Belém: Instituto de Artes do Pará, 2006.

MUNIZ, Érico Silva; SILVA, Silvana Silva e. Um cineclube no interior da Amazônia: o uso do audiovisual como prática de aprendizagem histórica. **História & Ensino**, v. 26, n. 1, p. 113-133, 2020. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/35888/28098>.

NONATO DA SILVA, Dário Benedito Rodrigues. **A essência beneditina**: escravidão e fé na Irmandade de São Benedito de Bragança, do século XVIII ao XIX. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2002.

_____. A Luta pelo controle da Festa de São Benedito, em Bragança, Pará, na metade do século XX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Universidade de Brasília, 2017. 18p. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1501709956_ARQUIVO_A_Luta_Festa_SBenedito_Braganca_Dario_BRN_Silva_ANPUH_2.pdf.

_____. **Os Donos de São Benedito**: convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/4253/1/Dissertacao_DonosSaoBenedito.pdf.

OLIVEIRA, Joyce Farias de. Negro, mas belo: São Benedito, o Santo Preto da Idade Moderna. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE (EHA), 12., 2017, Campinas. **Anais [...]**. Campinas, SP: Universidade de Campinas, 2017. 8p. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2017/Joyce%20Farias%20de%20Oliveira.pdf>.

OLIVEIRA, Luciana de Fátima. A Vila de Bragança, Rios e Caminhos: 1750-1753. **Revista Mosaico**, v.1, n.2, p.188-197, jul/dez, 2008. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/578/462>.

_____. O desenvolvimento da cidade de Bragança e suas representações: 1885-1908. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 1., 2008, Jataí. **Anais [...]**. Goiânia: FUNAPE, 2008. 12p. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20\(47\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2008/doc%20(47).pdf).

PARÁ, Governo do Estado. Secretaria de Estado de Turismo. **Inventário da Oferta Turística do Município de Bragança – PA**. Belém: [s/n], 2018. Disponível em http://www.setur.pa.gov.br/sites/default/files/inventario_braganca2018dezembro_copia-compressed-ilovepdf-compressed.pdf Acessos em 25.03.2021.

PARÁ, Governo do Estado. Secretaria de Estado de Turismo. **Inventário da Oferta Turística de Tracuateua**. Belém: [s/n], 2014. Disponível em: http://www.setur.pa.gov.br/sites/default/files/pdf/inventario_tracuateua_-_2013-final.pdf Acessos em: 24.09.2020.

PARÁ, Governo do Estado. Secretaria de Estado de Turismo. **Inventário Turístico de Augusto Corrêa**. Belém: [s/n], 2014. Disponível em: http://www.setur.pa.gov.br/sites/default/files/pdf/augusto_correa_-_inventario_da_oferta_turistica_2014.pdf Acessos em 25.03.2021.

PEREIRA, Benedito Cesar. **Sinopse da história de Bragança**. Belém: Imprensa Oficial, 1963.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Trad. Maria Célia França. Ed. Ática: São Paulo. 1993.

RAMOS, D. Alberto Gaudêncio. **Cronologia Eclesiástica da Amazônia**. Manaus: Tipografia Fênix, 1952.

REGINALDO, Lucilene. Irmandades. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). **Dicionário da Escravidão e Liberdade**. 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, p. 7-33, 1996. Disponível em: https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-1.pdf Acessos em 20.03.2020.

REIS, Maria Helena de Aviz. Marujada de Tracuateua/PA: um olhar sobre as manifestações culturais e religiosas na Festividade de São Benedito e São Sebastião. In: I CONGRESSO LUSÓFONO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES, 2015, Lisboa. **Anais [...]**, Vol. XII, p. 67-81. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa – Portugal, 2015. Disponível em: <https://cienciadasreligioes.ulusofona.pt/i-congresso-lusofono-de-ciencia-das-religioes-de-2015/>

RIBAS, Tomaz. **Danças Populares Portuguesas**. Amadora/Portugal, 1983. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/CONHECER/BIBLIOTECA-DIGITAL-CAMOESE/ETNOLOGIA-ETNOGRAFIA-TRADICOES/111-111/FILE.HTML>.

RIBEIRO Darcy. Arte Índia. **Suma Etnológica Brasileira. Arte Índia: 3**. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1987, p. 29-64. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/suma%3Avol3p29-64/vol3p29-64.pdf>.

RIBEIRO, Grasiely Tayenne das Chagas. **Os pretos do Torre**: história e resistência negra na Comunidade do Torre, Tracuateua-PA (2008-2017). 2018. 114f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2018.

RIBEIRO, Graziela. No balançar das fitas coloridas: Fragmentos de um etno-estudo do traje da marujada. In: COLÓQUIO DE MODA. 11ª Edição Internacional, 14.; Fórum das Escolas Dorotéia Baduy Pires, 13.; congresso brasileiro de iniciação científica em design e moda, 5., 2018, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: PUC-PR, 2018. 12p. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202018/Grupos%20de%20Trabalho/GT%2011%20-%20Traje%20de%20Cena%20Ontem,%20hoje%20e%20sempre/Graziela%20Ribeiro%20Baena%20-%20NO%20BALAN%20C3%87AR%20DAS%20FITAS%20COLORIDAS-%20FRAGMENTOS%20DE%20UM%20ETNO-ESTUDO%20DO%20TRAJE%20DA%20MARUJADA.pdf>.

RIBEIRO, Willame de Oliveira. Cidade de porte médio de importância histórica: particularidades de Bragança no Nordeste do Pará. **Caderno de Geografia**, v. 28, n. 52, p. 1-24, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/p.2318-2962.2018v28n52p1/12951>.

_____. Das frágeis conexões às múltiplas interações: estruturação e periodização da rede urbana do nordeste paraense. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE, 11., Presidente Prudente. **Anais [...]**. Presidente Prudente-SP: ANPEGE, 2015. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/20/556.pdf>.

ROSÁRIO, Ubiratan. **Saga do Caeté**: folclore, história, etnografia e jornalismo na cultura amazônica da Marujada, Zona Bragantina, Pará. Belém: CEJUP, 2000.

SÁEZ, Oscar Calavia. O que os santos podem fazer pela Antropologia? **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 198-219, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rs/v29n2/v29n2a10.pdf>.

SALLES, Vicente. **Música e músicos do Pará**. 2. ed., rev. ampl. Belém: SECULT/SEDUC/Amu-PA, 2007.

_____. **O Negro no Pará sob o regime da escravidão**. 3.ed. Belém: IAP; Programa Raízes, 2005.

SANTANA, Élcio. A Narrativa, a Esmolação e o Emaranhado: um estudo a partir das comitivas de São Benedito de Bragança do Pará. **Observatório da Religião**, v. 3 n. 1, p. 7-31, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/Religiao/article/view/1132>.

SANTOS, Ana Mabell Seixas Alves. Aves da Marujada: A utilização de penas na confecção do chapéu da maruja. **Nova Revista Amazônica**, ano V, v. 1, maio 2017b. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6378/5120>.

_____. **Mãos, Penas e Fitas**: o chapéu de maruja como cultura material em Bragança-PA. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará/Campus de Bragança, Bragança, 2017a. Disponível em: <http://www.pplsaprosp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2015/ANA%20MABELL%20SEIXAS%20ALVES%20SANTOS.pdf>.

_____; SARAIVA, Luís Júnior Costa. A indumentária da maruja como “tela de representação” na devoção beneditina em Bragança-PA. **Nova Revista Amazônica**, ano V, v. 2 p. 29-47, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6394/5133>.

SARQUIS, Giovanni Blanco (Org.). **Festividade de São Benedito em Bragança**. Série minha história, nossa cultura. Belém: IPHAN-PA; Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2018.

SILVA, Carolina Ribeiro da et. al. Marujada(s): a tradição ainda resiste. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul, 2010. 15p. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2747-2.pdf>.

SILVA, Dedival Brandão da. **Os tambores da Esperança**: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na Festa de São Benedito da cidade de Bragança. Belém: Falangola, 1997.

SILVA, Dilma Oliveira da. **Crianças que dançam, crianças que louvam**: saberes e processos educativos presentes na Marujada de Tracuateua/PA. 2017. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017. Disponível em: https://ccse.uepa.br/ppged/wp-content/uploads/dissertacoes/11/dilma_oliveira%20_da_silva.pdf.

SILVA, Jair Cecim da. **O português afro-indígena de Jurussaca/PA**: revisitando a descrição do sistema pronominal pessoal da Comunidade a partir da textualidade. 2014. 414f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28052014-123049/publico/2014_JairFranciscoCecimDaSilva_VCorr.pdf.

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e. Devoções populares no Brasil: o ritual de pagamento de promessa a São Gonçalo de Amarante. **Fórum Sociológico**, n. 33, série II, p. 7-18, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologico/2588>.

SMITH JÚNIOR, Francisco Pereira; MONTEIRO, Armando de Araújo; SANTOS, Gesiel Matos dos. A Festividade de São Benedito em Augusto Corrêa: traços da festividade urumajoense no nordeste paraense. **Revista de Estudos Amazônicos**, v. XI, n. 2, p. 122-134, 2014.

SOUZA, Sueny Diana Oliveira de. **Usos da fronteira**: terras, contrabando e relações sociais no Turiaçu (Pará - Maranhão, 1790-1852). 2016. 208f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Pará, 2016. Disponível em: http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/8847/1/Tese_UsosFronteiraTerras.pdf.

SPINELLI, Celine. Cavalhadas em Pirenópolis: tradições e sociabilidade no interior de Goiás. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 59-73, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rs/v30n2/a04v30n2.pdf>.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A formação territorial do espaço paraense: dos fortes à criação de municípios. **Revista ACTA Geográfica**, Ano II, n. 3, p. 59-83, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/actageo/article/view/204/364>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. **Campus Universitário de Bragança**. Histórico. Bragança-PA: UFPA, 2018. Disponível em: <https://www.campusbraganca.ufpa.br/index.php/historico>.

VIEIRA, Sônia Cristina de Albuquerque. **“É um pessoal lá de Bragança...”**. Um estudo antropológico acerca de identidades de migrantes em uma festa para São Benedito em Ananindeua/PA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em:

http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/5306/1/Dissertacao_PessoalBragancaEstudo.pdf.

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica**: estudo do homem nos trópicos. Trad. Clotilde da Silva Costa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

Folders e Cartazes

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1947. Bragança: Diocese de Bragança, 1947. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1948. Bragança: Diocese de Bragança, 1948. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1949. Bragança: Diocese de Bragança, 1949. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1950. Bragança: Diocese de Bragança, 1950. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1951. Bragança: Diocese de Bragança, 1951. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1952. Bragança: Diocese de Bragança, 1952. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2000. **Jubileu São Benedito: Alegria-vos sempre no senhor**. Bragança: Diocese de Bragança, 2000. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2002. **Com São Benedito ninguém vive sem pão**. Bragança: Diocese de Bragança, 2002. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2009. **Discípulo e missionário da paz**. Bragança: Diocese de Bragança, 2009. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2010. **São Benedito marujo de fé abençoe nossa terra**. Bragança: Diocese de Bragança, 2010. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2013. **Imitemos Cristo a exemplo de São Benedito**. Bragança: Diocese de Bragança, 2013. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2017. **Com São Benedito, cultivando e guardando a criação de Deus**. Bragança: Diocese de Bragança, 2017. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2018. **A exemplo de São Benedito sejamos verdadeiros cristãos**. Bragança: Diocese de Bragança, 2018. 1 cartaz.

FESTA DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2019. **Se sou devoto de São Benedito devo ser discípulo e missionário de Cristo**. Bragança: Diocese de Bragança, 2019. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO, 1966. Bragança: Diocese de Bragança, 1966. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO, 1969. Bragança: Diocese de Bragança, 1969.

FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO, 1970. Bragança: Diocese de Bragança, 1970. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO, 1971. Bragança: Diocese de Bragança, 1971. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1958. Bragança: Diocese de Bragança, 1958. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1978. Bragança: Diocese de Bragança, 1978. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1979. Bragança: Diocese de Bragança, 1979. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1980. Bragança: Diocese de Bragança, 1980. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1997. **Abertura do Bicentenário da Festividade de São Benedito 1798/1998**. Bragança: Diocese de Bragança, 1997. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1998. **Bicentenário da Festividade e da Marujada de São Benedito – 1798/1998: Anunciando Jesus Cristo ontem, hoje e sempre**. Bragança: Diocese de Bragança, 1998. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 1999. **Anunciando Jesus Cristo ontem, hoje e sempre**. Bragança: Diocese de Bragança, 1999. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2003. **Abençoei as águas de Bragança**. Bragança: Diocese de Bragança, 2003. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2006. **220 anos, Mãe do Rosário e São Benedito de mãos dadas**. Bragança: Diocese de Bragança, 2006. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2007. **Nesta terra de verde e de sol**. Bragança: Diocese de Bragança, 2007. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2008. **Com São Benedito, escolhe, pois a vida.** Bragança: Diocese de Bragança, 2008. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2011. **São Benedito sempre presente nesta terra de verde e de sol.** Bragança: Diocese de Bragança, 2011. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2012. **São Benedito: Abençoando Bragança, Rumos aos 400 anos.** Bragança: Diocese de Bragança, 2012. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2014. **Guiados por Maria, em defesa da vida.** Bragança: Diocese de Bragança, 2014. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2015. **Com São Benedito sejamos construtores da paz.** Bragança: Diocese de Bragança, 2015. 1 cartaz.

FESTIVIDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDITO, 2016. **Com a Misericórdia do Pai, São Benedito olhai para os nossos rios.** Bragança: Diocese de Bragança, 2016. 1 cartaz.

Mapas

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. Secretaria Executiva da Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. **Igreja de São Benedito** – Área de Entorno de Preservação e Bem Imóvel Tombado. 1. Ed. Belém: [s.n], 2006. 1 mapa, color. Escala Livre.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. Secretaria Executiva da Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural. **Localização dos Bens Culturais Tombados pelo Estado** [em Bragança]. 1. Ed. Belém: [s.n], 2008. 1 mapa, color. Escala Livre.

GOVERNO FEDERAL (Bragança PA). Ministérios de Minas e Energia. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. Serviço Geológico do Brasil. Programa de Integração Mineral em Municípios da Amazônia. **Município de Bragança PA:** mapa político. 1. ed. Belém: [s. n.], 1998. 1 mapa, color., 82 x 115 cm. Escala 1:100.000. Programa de Integração Mineral em Municípios da Amazônia - PRIMAZ. Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/14752/2/Mapa%20Favorabilidade.pdf>.

Compromissos e Estatutos da Irmandade de São Benedito de Bragança, Pará

Compromisso da Irmandade de São Benedito, 1798. Acervo do Arquivo Palma Muniz, no Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito da Villa de Bragança, 1853. Compilado pela Prelazia do Guamá. Acervo da Diocese de Bragança.

Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, 1923. Compilado pela Prelazia do Guamá. Acervo do Fórum da Comarca de Bragança.

Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, 1947. Diário Oficial do Estado do Pará. Compilado pela Prelazia do Guamá. Acervo do Fórum da Comarca de Bragança.

Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, 1955. Compilado pela Prelazia do Guamá. Acervo do Fórum da Comarca de Bragança.

Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, 1967. Compilado pela Prelazia do Guamá. Acervo do Fórum da Comarca de Bragança.

Estatuto Social da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, 2005. Acervo da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança.

6. ANEXOS

Parecer do relator

Título de Registro

Relação de produtores do bem/pessoas entrevistadas na pesquisa

Cronologia do Bem Inventariado

PARECER DO RELATOR

TÍTULO DE REGISTRO

RELAÇÃO DE PRODUTORES DO BEM/PESSOAS ENTREVISTADAS NA PESQUISA

1. Aleuda de Jesus Sousa da Luz – vice-capitã da Marujada de Bragança.
2. Antônio Fernando Soares Pereira (Toni Soares) – cantor e compositor, formou o Arraial do Pavulagem; pesquisa e produz sobre Retumbão, Batuques, Ladainha, Boi-bumbá. Bragança.
3. Antônio Ribeiro (Lior) – encarregado da Comitiva de São Benedito dos Campos. Bragança.
4. Benedita Ferreira de Oliveira (Bené Murrão) – maruja. Bragança.
5. Benedito Geraldo dos Reis (Bigode) – vice-capitão da Marujada de Bragança.
6. Carlos Denizar Machado – historiador, atua na Secretaria Municipal de Cultura e Desportos (SECULD). Bragança.
7. Célia Fontel – artesã. Bragança.
8. Dom Jesus Maria Cizaurre Berdonces – Bispo Diocesano de Bragança.
9. Edicley Corrêa Silva – presidente da Associação Cultural da Marujada de Primavera (AMAPRI). Primavera.
10. Fátima Pinheiro – maruja. Bragança.
11. Irineu Brito – coordenador da Irmandade de São Benedito de Augusto Corrêa.
12. João Batista da Silveira – encarregado da Comitiva de São Benedito dos Campos em 2018. Bragança.
13. João Batista Pinheiro (Careca) – presidente da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança.
14. João Rodrigues da Silva – morador do Riozinho. Bragança.
15. Joaquim Santos – presidente da Associação da Marujada de Urumajó (ASMU). Augusto Corrêa.
16. José Benedito Silva – cavaleiro. Bragança.
17. José Furtado (Zé Honório) – esmoleiro da Comitiva da Praia. Bragança.
18. José Maria Santiago da Silva – capitão da Marujada de Bragança.
19. José Moraes de Brito (Zezinho) – encarregado da Comitiva da Colônia em 2018 e da Comitiva da Praia em 2019. Bragança.
20. José Ribamar Silva (Mestre Riba) – coordenador da Associação Cultural da Marujada de Primavera (AMAPRI). Primavera.
21. Jucilene de Sousa Silva (Tetê) – capitã AMSCAP. Capanema.

22. Leila Rotterdam – promessa e devota de São Benedito. Bragança.
23. Lúcio Fernandes – músico. Bragança.
24. Luís Augusto Santa Brígida Soares – ex-juiz da Marujada de Bragança.
25. Luiz Maria de Jesus Soares Júnior (Junior Soares) – músico, atua como produtor cultural e gestor cultural; integra o Arraial do Pavulagem; membro efetivo da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança. Bragança.
26. Manoel Benedito da Silva – morador do Riozinho.
27. Márcio Borges – fotógrafo e jornalista, colabora na produção do cartaz da festividade de São Benedito. Bragança.
28. Márcio Joab Felix da Silva – morador do Riozinho. Bragança.
29. Maria Clotilde Teixeira – maruja. Bragança.
30. Maria da Conceição Campos Pereira (Conchita) – maruja. Bragança.
31. Maria de Jesus Silveira (Bia) – capitoa da Marujada de Bragança.
32. Maria de Nazaré Borges da Silva – maruja e artesã. Bragança.
33. Maria de Nazaré Pascoal Fernandes – maruja. Bragança.
34. Maria Eurides Gonçalves Rotterdam – maruja. Bragança.
35. Maria José Castro Castelo Branco – maruja. Bragança.
36. Padre Gerinaldo Messias Bezerra de Carvalho – pároco da Paróquia de São João Batista. Bragança.
37. Paulo Jorge Alves Sales (Paulo Braga) – organizador da Cavallhada. Bragança.
38. Padre Raimundo Elias de Sousa – pároco da Paróquia Nossa Senhora do Rosário. Bragança.
39. Raimundo do Socorro Ferreira de Sousa – presidente da Associação da Marujada de São Benedito de Ananindeua.
40. Raimundo Rodrigues Borges (mestre Come Barro) – coordenador da Marujada de Verequete e presidente do Grupo Raio de Sol. Quatipuru.
41. Rosa de Oliveira Lins (Rosa dos Anéis) – maruja. Bragança.
42. Roseberg Magalhães Moraes – presidente da Associação da Marujada de São Sebastião e São Benedito de Tracuateua (AMSSSBT). Tracuateua.
43. Valdeci de Sousa Santos – encarregado da Comitativa de São Benedito da Praia em 2018 e da Colônia em 2019. Bragança.
44. Valdeci dos Santos – escultor. Bragança.
45. Zelia Clemente – ex-juíza da Marujada de Bragança.

CRONOLOGIA DO BEM INVENTARIADO

Data	Descrição
03.09.1798	Organização da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, com a constituição do seu 1º Compromisso.
26.12.1798	Possível realização da primeira Festividade do Glorioso São Benedito em Bragança.
27.01.1799	Permissão para a existência da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, concedida por Dom Manuel de Almeida Carvalho, bispo do Pará.
24.05.1807	O frei Benedito de Palermo foi canonizado pela Igreja Católica, pelo Papa Pio VII.
04.05.1853	2º Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.
09.01.1854	Os vereadores (vogais) da Câmara de Bragança atendem ao pedido da Irmandade do Glorioso São Benedito para a delimitação de um local para a construção da Igreja de São Benedito.
05.12.1854	Frei João da Santa Cruz, vigário interino de Bragança, deu parecer favorável para a construção da Igreja para a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.
04.04.1868	A Irmandade de São Benedito solicitou a Dom Antônio Macêdo Costa a autorização para a construção de um templo dedicado a São Benedito.
Século XIX	Maior ingresso de brancos nos quadros da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, influenciando parte de sua estrutura e a cultura da festividade e da Marujada, com a introdução de instrumentos de pau e corda e de danças europeias, como o Xote, a Valsa e a Mazurca.
18.11.1872	Permuta entre as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito com a troca de seus templos, sendo que a então matriz de Nossa Senhora do Rosário foi dada aos irmãos de São Benedito e a igreja em construção (quase no término) foi dada aos irmãos de Nossa Senhora do Rosário (hoje a Catedral de Nossa Senhora do Rosário).
1923	Nova organização de compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança. Esta modificação não foi concluída, deixando a irmandade sem um documento regulador até 1947.
04.02.1926	Dom João Irineu Joffily, arcebispo metropolitano de Belém, nomeia uma comissão para a administração dos bens da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.
14.04.1928	Foi erigida a Prelazia de Nossa Senhora da Conceição do Gurupi, depois Prelazia de Nossa Senhora do Rosário do Guamá, dada à responsabilidade dos Padres Barnabitas. Hoje é a Diocese de Bragança do Pará.
04.05.1947	Registro da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança como entidade (sociedade) civil, com a constituição de seu primeiro Estatuto.
20.11.1948	Dom Eliseu Maria Coroli, bispo prelado de Bragança, extinguiu o cargo de Procurador da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, por conta dos registros da irmandade como sociedade civil.
1949	A procissão do Círio de Nazaré de Bragança saiu da Capela da Maternidade Nossa Senhora da Divina Providência, no Hospital Santo Antônio Maria Zaccaria, ao invés da Igreja de São Benedito por conta dos desentendimentos da Prelazia do Guamá com a Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.
Década de 50	A Cavalhada realizada em dezembro começa a fazer parte do calendário de eventos da Festividade de São Benedito.

Cerca de 1955	Aprovação do 2º Estatuto da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança como sociedade civil.
22 a 27.12.1958	Foi realizada em Bragança a I Jornada Paraense de Folclore, no período da Festividade de São Benedito, sob a responsabilidade da Comissão Paraense de Folclore.
09.06.1960	Pela Lei n.º 760, o dia 26 de dezembro passou a ser feriado municipal, sendo considerado o dia de São Benedito em Bragança.
25.12.1962	Foi inaugurado o Barracão da Marujada, pela Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, local que passou a ser de ensaios e reuniões dos membros da irmandade.
27.03.1969	Abertura de processo de nulidade do registro civil da Irmandade do Glorioso São Benedito e reintegração de posse de seus bens pela então Prelazia de Nossa Senhora do Rosário do Guamá (hoje Diocese de Bragança).
16.10.1979	Foi transformada em Diocese do Guamá a então Prelazia do Guamá.
13.10.1981	A Diocese do Guamá passou a ser denominada de Diocese de Bragança do Pará.
Década de 80	O Projeto PREAMAR influencia a popularização da Marujada de São Benedito de Bragança na região Nordeste do Pará e a indica como uma das manifestações mais importantes da cultura paraense.
	Iniciou-se a construção do Salão Beneditino, com o nome de Salão Maria Abdon Braun, por iniciativa do Sr. Moisés Isaac Abdon Braun. Este local passou a abrigar os leilões da festividade e almoços de juizes em vários anos.
	As alvoradas do dia 18 de dezembro – abertura da festividade – passaram a contar com a distribuição de café da manhã por promessas de devotos da família do Sr. Antônio José de Vasconcelos Pereira.
	Mudança no itinerário da procissão.
29.07.1982	Faleceu Dom Eliseu Maria Coroli, primeiro bispo prelado do Guamá.
13.01.1985	Constituição da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança.
26.12.1988	Primeira celebração de aniversário da Irmandade feita pelo Poder Público, pelos 190 anos da Festividade e da Marujada de São Benedito, na gestão do Sr. João Alves da Mota.
02.09.1988	Reintegração de posse da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança pela Diocese de Bragança, com a sua extinção canônica.
Dezembro de 1988	Foi nomeada a primeira diretoria da Festividade de São Benedito sob a administração da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário.
1989	Os barracões da festividade deixam de ser construídos em locais determinados no Largo de São Benedito, por conta da nova administração da festa, por uma diretoria composta pela Paróquia de Nossa Senhora do Rosário. Assim, os almoços dos Juizes passam a ter locais indefinidos, podendo ser em salões de entidades sociais e clubes.
Década de 90	Popularização da Festividade de São Benedito de Bragança, com a participação de mais 100 mil pessoas dos eventos do dia 26 de dezembro.
30.09.1990	Foi inaugurado o Estádio São Benedito, pelo político e empresário José Joaquim Diogo.
1992	Restauração da imagem de São Benedito do altar-mor, pela Ir. Amélia Torres.
1992-1993	Reforma da Igreja de São Benedito pela Diretoria da Festividade, sob a responsabilidade do Sr. Afonso Cavalcante.

26.12.1992	Substituição do andor de São Benedito por outro de madeira, da mesma medida e formato, por doação do Sr. Benedito Lázaro Rodrigues.
25.09.1994	Faleceu o Sr. Raimundo Arsênio Pinheiro da Costa, último procurador da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança.
03.09.1997	Lançamento do ano bicentenário da Festividade e da Marujada de São Benedito de Bragança.
03.09.1998	Celebração local dos 200 anos da Festividade e da Marujada de São Benedito de Bragança.
07.09.1998	Marujada de São Benedito participa oficialmente do Desfile Cívico de 7 de setembro, em comemoração a seu ano bicentenário.
26.12.1998	Festividade de São Benedito e Marujada celebram seus 200 anos.
26.12.2002	Foi inaugurado o Teatro Museu da Marujada, por iniciativa da Prefeitura Municipal de Bragança, doado à Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança.
19.07.2003	Entronização solene de uma relíquia do corpo de São Benedito, vinda da Itália, na Igreja de São Benedito, por licença da ordem franciscana e autorização do bispo diocesano de Bragança.
08.01.2005	Foi aprovada a última versão do Estatuto da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança.
11.09.2006	É registrado o tombamento do imóvel Igreja de São Benedito, em Bragança, pelo DPHAC/SECULT.
01.08.2009	Foi inaugurado o Mirante de São Benedito, na localidade do Camutá, zona rural de Bragança, pela Prefeitura Municipal de Bragança, na gestão do Sr. Edson Luís de Oliveira.
17.11.2009	Pela Lei n.º 7330, é declarada como Patrimônio Cultural e Artístico do Pará, a Marujada de São Benedito de Bragança, pela Assembleia Legislativa do Estado do Pará e oficializado pelo Governo do Estado do Pará.
24.11.2009	Recepção solene da imagem de São Benedito do altar-mor restaurada pelo DPHAC/SECULT a pedido da então Governadora do Estado do Pará, Sra. Ana Júlia Carepa.
2013	Início da confecção de uma imagem de São Benedito para o andor, pelo artesão Valdeci dos Santos.
26.12.2014	Primeira procissão de São Benedito com a imagem de São Benedito do Andor.
26.12.2018	Mudança no itinerário da procissão de São Benedito, decidida pela Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Marujada de São Benedito e Diretoria da Festividade.
2018	Iniciou-se o Inventário de Referências Culturais da Marujada de Bragança, pela Faculdade de História de Bragança, da Universidade Federal do Pará.
18.12.2019	Foi reinaugurado o Mirante de São Benedito, pelo Governo do Estado do Pará.
26.12.2020	Pela primeira vez e por conta da pandemia a COVID-19 não é realizada a procissão de São Benedito, sendo feito um passeio em carro aberto por várias ruas e avenidas de Bragança, com a imagem de São Benedito do Andor.

Fonte: Elaborado por Dário Benedito Rodrigues (2020).

7. NOTAS

¹ Esse movimento corresponde sobretudo à difusão das ideias da História Social Inglesa, que tem dentre nos seus expoentes Edward Thompson, Raymond Williams, Eric Hobsbawm e Frederic Jameson suas principais matrizes de pensamento (THOMPSON, 1958).

² Conforme Hobsbawm e Ranger, 1997.

³ Disponível em: IBGE. Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Figura adaptada por Roseane Pinto, contida na página do em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_regi%C3%B5es_geogr%C3%A1ficas_intermedi%C3%A1rias_e_imediatas_do_Par%C3%A1 Acessos em 12.01.2022.

⁴ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_regi%C3%B5es_geogr%C3%A1ficas_intermedi%C3%A1rias_e_imediatas_do_Par%C3%A1 Acessos em: 12.01.2022.

⁵ Segundo Lima (2008: 20), festas de aparelhagens “(...) inserem-se no conjunto de modalidades festivas populares sonorizadas pelas aparelhagens”, isto é, os aparatos eletrônico-sonoros usados para animar festas definidas por estilo próprio, que inclui a identificação das empresas que as promovem através dos nomes das suas aparelhagens, o público atraído para elas, alguns estilos musicais, sobretudo brega, tecnobrega e tecnomelody. Compõem um modelo festivo que se popularizou desde meados do século XX, a partir do qual foi se contornando o “circuito cultural do brega” que passou a marcar Belém e o estado do Pará a partir dos anos 80 (COSTA E MAGNANI, 2004), envolvendo lazer e atividade empresarial. O “controlista” do som e o locutor deram lugar ao Dj, figura que se tornou de grande destaque nas festas de aparelhagens. As mesmas também são promovidas em momentos de grandes festividades, como as festas de santo, a exemplo das Marujadas na região bragantina.